

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EUNICE MARIA GÜNTZEL RAMOS

# VÍNCULOS COMUNICACIONAIS E CIDADANIA: ENFRENTAMENTO DE VULNERABILIDADES E A BUSCA PELO EMPREGO DAS MULHERES VENEZUELANAS EM CUIABÁ-MT

CUIABÁ-MT 2022

## EUNICE MARIA GÜNTZEL RAMOS

# VÍNCULOS COMUNICACIONAIS E CIDADANIA: ENFRENTAMENTO DE VULNERABILIDADES E A BUSCA PELO EMPREGO DAS MULHERES VENEZUELANAS EM CUIABÁ-MT

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre. Linha de Pesquisa: Política e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida

CUIABÁ-MT

2022

## Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

G977v RAMOS, Eunice Maria Güntzel.

VÍNCULOS COMUNICACIONAIS E CIDADANIA : enfrentamento de vulnerabilidades e busca pelo emprego das mulheres venezuelanas em Cuiabá-MT / Eunice Maria Güntzel RAMOS. — 2022

130 f.: il. color.; 30 cm.

Orientador: CRISTÓVÃO DOMINGOS DE ALMEIDA. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cuiabá, 2022. Inclui bibliografia.

1. migração. 2. comunicação. 3. mulheres venezuelanas. 4. vínculos comunicacionais. 5. vulnerabilidades. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



# MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E PODER

## FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: VÍNCULOS COMUNICACIONAIS E CIDADANIA: ENFRENTAMENTO DE VULNERABILIDADES E BUSCA PELO EMPREGO DAS MULHERES VENEZUELANAS EM CUIABÁ-MT

AUTORA: MESTRANDA Eunice Maria Guntzel Ramos

Dissertação defendida e aprovada em 28 de julho de 2022.

### COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor Cristóvão Domingos de Almeida

Instituição: UFMT

2. Doutora Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini

Instituição: UFMT

3. Doutora Amini Haddad Campos

Instituição: UFMT

4. Doutor Luãn José Vaz Chagas

Instituição: UFMT

5. Doutor Benedito Dielcio Moreira

Instituição: UFMT

Cuiabá-MT, 28 de julho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por CRISTOVAO DOMINGOS DE ALMEIDA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 28/07/2022, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por JOCIENE CARLA BIANCHINI FERREIRA PEDRINI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 28/07/2022, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por EUNICE MARIA GUNTZEL RAMOS, Usuário Externo, em 02/08/2022, às 23:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Amini Haddad Campos, Usuário Externo, em 06/09/2022, às 10:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador externo.php?acao=documento conferir&id orgao acesso externo=0, informando o código verificador 4913384 e o código CRC 8203C43B.

Referência: Processo nº 23108.055482/2022-56

SEI nº 4913384

#### **AGRADECIMENTOS**

Na vida não existe voo solo. Em tudo que fazemos há um pouco das pessoas que amamos e que nos acompanham em nossa trajetória. Em um projeto tão desafiador como este, cursar mestrado em uma Universidade Federal em meio a uma pandemia, não poderia deixar de render os meus mais sinceros agradecimentos e a minha homenagem a minha mãe Lília Glicéria Güntzel Ramos, exemplo de força, fé e resiliência, que nos deixou no dia 11 de julho de 2022. Agradeço também o apoio dos meus irmãos Sérgio, Cristina e Marcos, e dos meus sobrinhos Frederico, Pedro, Luísa, Suzane, e um agradecimento muito especial a Fabiane, sobrinha querida que, mesmo a distância, esteve presente em toda esta caminhada com palavras de incentivo nos momentos mais críticos. Mas este trabalho não teria chegado ao fim, se eu não tivesse tido uma orientação solidária, perspicaz, talentosa e criativa. Tive a sorte de ter como orientador o professor doutor Cristóvão Domingos de Almeida. Muito obrigada pela conduta e paciência. Gratidão também a toda a equipe da Pastoral do Migrante, na pessoa do padre Valdeci Molinari, pela colaboração neste trabalho, e à promotora de Justiça Lindinalva Rodrigues, que se dispôs a realizar, de forma voluntária, uma palestra sobre enfrentamento à violência doméstica para as mulheres em situação de vulnerabilidade. Um agradecimento especial também a Fernanda Freire, Adriana Kurtz, Ana Simão, Rosana Persona, Janê Sifuentes Machado, e a todos os amigos que de alguma forma contribuíram para a conclusão desta dissertação.



A nossa homenagem a Eliana Vitaliano, ex-coordenadora da Pastoral do Migrante de Cuiabá, que dedicou os últimos anos de vida ao atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade, vindas de qualquer lugar do mundo para viver em Cuiabá. Eliana foi uma grande incentivadora desta pesquisa, mas não conseguiu ver o trabalho pronto. Ela morreu no dia 23 de março de 2021, vítima da covid-19.



### **RESUMO**

Este trabalho investiga os vínculos comunicacionais construídos por mulheres venezuelanas migrantes para enfrentamento de vulnerabilidades na busca por empregos na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, desafio agravado no contexto de distanciamento social em decorrência da pandemia. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida com a coleta de dados por meio de entrevistas com seis mulheres que estão em busca de oportunidades na capital do estado. A Análise Textual Discursiva foi adotada como estratégia para articulação dos dados coletados e compreensão sobre a História de Vida dessas mulheres, e como constroem os vínculos comunicacionais para enfrentar os desafios impostos pelo processo de migração e busca de emprego em contexto brasileiro. Por meio desta pesquisa, foi possível identificar o esforço das mulheres e as estratégias utilizadas para acesso ao emprego por meio de tecnologias de informação e comunicação - TICs, com o uso de ferramentas como o WhatsApp para facilitar a comunicação e para divulgar oportunidades de trabalho. Também foi possível identificar o empreendedorismo destas mulheres no engajamento em projetos sociais para a abertura de pequenos negócios com o uso de plataformas como Facebook e Instagram para a divulgação de produtos e serviços.

Palavras-chave: migração; comunicação; mulheres venezuelanas; vínculos comunicacionais; vulnerabilidades.

## **RESUMEN**

Este trabajo investiga los lazos comunicacionales construidos por mujeres venezolanas migrantes al enfrentamiento de vulnerabilidades en la búsqueda de empleo en la ciudad de Cuiabá, Mato Grosso, reto que se agrava en el contexto de distanciamiento social producto de la pandemia. Se trata de una investigación cualitativa, desarrollada con recolección de datos a través de encuestas a seis mujeres que buscan oportunidades en la capital del estado. Se adoptó el Análisis Textual Discursivo como estrategia para articular los datos recolectados y comprender la Historia de Vida de estas mujeres, y cómo construyen vínculos comunicacionales para enfrentar los retos impuestos por el proceso de migración y búsqueda de empleo en el contexto brasileño. A través de esta investigación, fue posible identificar los esfuerzos de las mujeres y las estrategias utilizadas para acceder al empleo a través de las tecnologías de la información y la comunicación - TIC, utilizando herramientas como WhatsApp para facilitar la comunicación y dar a conocer las oportunidades laborales. También fue posible identificar el emprendimiento de estas mujeres al participar en proyectos sociales para la apertura de pequeños negocios utilizando plataformas como Facebook e Instagram para la difusión de productos y servicios.

Palabras clave: migración; Comunicación; mujeres venezolanas; enlaces de comunicación; vulnerabilidades.

#### **ABSTRACT**

This paper investigates the communicational bonds built by migrant Venezuelan women to face vulnerabilities in the search for jobs in the city of Cuiabá, Mato Grosso, an aggravated challenge in the context of social distancing because of the pandemic. This is a qualitative research, developed with data collection through interviews with six women who are looking for opportunities in the state capital. The Discursive Text Analysis was adopted as a strategy for the articulation of the collected data and comprehension about the life history of these women, , and how they build communication bonds to face the challenges imposed by the process of migration and job search in the Brazilian context. Through this research, it was possible to identify women's effort and strategies used to access employment through information technologies and communication — ITCs, with the use of tools such as WhatsApp to facilitate communication and to propagate job opportunities. It was also possible to identify the entrepreneurship of these women in engaging in social projects for the opening of small businesses using platforms such as Facebook and Instagram for the dissemination of products and services.

Keywords: migration; Communication; Venezuelan women; communication links; vulnerabilities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Palestra com a promotora de Justiça Lindinalva Rodrigues, na época membro
do Núcleo de Enfrentamento à Violência Doméstica do Ministério Público de Mato
Grosso
Figura 2. Durante a palestra foram distribuídas cartilhas sobre o enfrentamento à
Violência Doméstica, elaboradas pelo MPMT
Figura 3. A pesquisadora apresenta a palestrante e explica o trabalho de pesquisa que
será realizado com as mulheres migrantes ao longo do ano
Figura 4. Após a palestra: padre Valdecir Molinari, diretor da Casa do Migrante, Eliana
Vitaliano, coordenadora da Pastoral do Migrante, Lindinalva Rodrigues, promotora de
Justiça MPMT, Eunice Ramos, pesquisadora
Figura 5. A palestra foi realizada ao ar livre, no pátio da Casa do Migrante, cumprindo
todos os protocolos de biossegurança, estabelecidos pelo Ministério da Saúde 24
Figura 6. Impacto do conhecimento feminista na internet 2014-2015 pelo site Think
Olga reproduzido por Martinez (2019) em "Feminismos em movimento no
ciberespaço"
Figura 7. Amazônia Real publica que na pandemia três mulheres foram vítimas de
feminicídio por dia
Figura 8. Evolução da participação de mulheres em cargos gerenciais IBGE / G1 $64$
Figura 9. Infográfico G1 sobre a diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil 66
Figura 10. Divulgação Kit de Doces para venda no Dia das Mães
Figura 11. Apresentação da pesquisadora ao grupo de WhatsApp
Figura 12. Divulgação de vaga de trabalho no grupo de WhatsApp
Figura 13. Divulgação de produtos e serviços no grupo de WhatsApp 111
Figura 14. Reportagem Projeto Migrante Empreendedor Jornal Hoje, TV Globo 113
Figura 15. Panificadora e Confeitaria "Mãe dos Migrantes" - Bairro Jardim Fortaleza -
Cuiabá/MT
Figura 16. Encerramento do Encontro da Cúpula das Américas

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de trabalhos publicados por periódicos científicos 10
Tabela 2. Quantidade de trabalhos relacionados aos canais de comunicação referente a
"migração venezuelana", "gênero", "vulnerabilidade" e "exclusão"
Tabela 3. Vínculos ativos de trabalho formal no Brasil em 31/12 do ano de referência,
para imigrantes e imigrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela, 2011-2019
49

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇAO	14
Capítulo I: Campo de Investigação	19
1.1. Percurso metodológico	19
1.2. Detalhamento metodológico	25
1.3. As entrevistas	26
1.4. Análise de dados	29
1.5. Contextualização sobre o país de origem	30
1.6. Operação Acolhida	35
1.7. Novos vínculos em outro território	37
Capítulo II: Fundamentação Teórica	43
2.1. Imigrante, emigrante, migrante e refugiado	43
2.2. O trabalho no movimento migratório venezuelano	45
2.3. Migração do conhecimento: trabalho qualificado	48
2.4. Mulheres venezuelanas, migração e feminismo	53
2.5. Mulheres venezuelanas e acesso ao mercado de trabalho	63
2.6. Venezuelanas em Cuiabá	70
2.7. A comunicação e a geração de vínculos	71
2.8. A comunicação e a tecnologia no processo migratório	76
Capítulo III: Corpus da Pesquisa	83
3.1. A difícil decisão de migrar	88
3.2. Rede de Apoio: comunicação é ato de solidariedade	91
3.3. Gênero, vulnerabilidades e discriminação	94
3.4. Vínculos comunicacionais e uso de tecnologias	101
3.5. Estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades, acesso ao mercado	de trabalho e
empreendedorismo	106
3.6. Grupo de WhatsApp	109
3.7. Projeto de vida e futuro incerto	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
Referências	124

## INTRODUÇÃO

O crescente deslocamento de pessoas que saem da Venezuela tendo como destino o território brasileiro coloca a temática migratória em destaque no cenário nacional. De acordo com o levantamento divulgado pelo Governo Federal na página do Ministério da Justiça e Segurança Pública no dia 31 de março de 2022, e atualizado em 11 de abril, nos últimos cinco anos, mais de 700 mil venezuelanos entraram no país¹, tendo como principal acesso por terra o estado de Roraima. Desse total, 325.763 permanecem em território nacional e 47% são do sexo feminino. Dentro desse universo, 112.260 têm autorização de residência temporária válida por dois anos; e 72.334 já possuem autorização de residência por prazo indeterminado. Os refugiados reconhecidos somam 51.538, e estão tramitando 93.334 pedidos de refúgio que são analisados pelo Conselho Nacional de Refugiados (CONARE), órgão ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. O balanço divulgado aponta ainda que no período foram emitidos 378.567 CPFs para venezuelanos, o que garante o acesso a programas assistenciais e trabalho, além de apoio dos órgãos governamentais e entidades parceiras da sociedade civil.

Diante deste cenário, compreender o perfil desses migrantes tornou-se uma tarefa importante para a construção de uma política que dialogue com essa realidade e para construção de soluções aos desafios inerentes ao processo migratório, considerando tanto a perspectiva da população que migra do país de origem para um novo território, quanto a estrutura necessária para acolhimento e suporte a essa população.

O migrante venezuelano deixa seu território e sua família para encontrar refúgio em um novo contexto. Os vínculos e a rede de apoio que fazem parte da história desse cidadão venezuelano sofrem a interferência da distância e do acesso a meios para viabilizar a manutenção da comunicação com esse contexto de origem. Somados à distância estão os desafios comunicacionais que fazem parte do processo de acolhida e de adaptação a um território ainda desconhecido, cuja rede de apoio e oportunidades são limitadas.

Essa discussão é atravessada também pelas questões de gênero e pelos processos de vulnerabilidade e risco social de mulheres em deslocamento, que chegam ao Brasil,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Notícias Ministério da Justiça. Disponível em: <a href="https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos">https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos</a>. Acesso em: 27 jun. 2022.

sozinhas ou acompanhadas, na busca por condições mínimas de saúde e segurança para viabilizar sua inserção no mercado de trabalho e na comunidade.

Compreender o processo de migração venezuelana, e mais especificamente a migração de mulheres venezuelanas, ênfase dada por esta dissertação, é imprescindível para a construção de uma política pública migratória que responda à complexidade do movimento migratório como uma questão social, para enfrentamento das vulnerabilidades humanas.

Souza (2020) explica que os processos migratórios envolvem movimentos distintos compreendidos desde a saída do território em que essas pessoas residem, têm vínculos e exercem a sua cidadania, incluindo a etapa de deslocamento, o momento da chegada em um novo território e, por fim, a construção dos vínculos para viabilização da permanência neste novo contexto.

Entende-se que a comunicação perpassa todo esse processo e é tema sensível quando se trata da construção de vínculos no território escolhido como destino na busca por oportunidades para condições mais dignas de vida com a perspectiva de um emprego que torne isso possível. Assim, os entraves comunicacionais precisam ser analisados e considerados no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades.

Para aprofundar essa discussão sobre o movimento migratório envolvendo questões de gênero e emprego, foi inicialmente realizado, no mês de outubro de 2021, um estudo sobre o estado da arte no Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram adotadas como palavras-chave "migração", "gênero", "trabalho" e "comunicação". Nesse primeiro levantamento, foram localizados 801 trabalhos publicados. Após essa etapa foi realizada a inclusão do filtro "Periódicos Revisados por Pares". Por meio desse procedimento, a pesquisadora encontrou 462 trabalhos. Foram acrescentados como critérios de seleção os tópicos "gênero" e "gender". Dessa maneira, foram selecionados 18 artigos para iniciar o aprofundamento na temática proposta por esta dissertação.

Tabela 1. Quantidade de trabalhos publicados por periódicos científicos

Periódico	Quantidade
Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"	1
Estudos feministas	10
Horizontes antropológicos	1
Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	1
Naveg@mérica: Navegamérica	1
Opinião pública: publicação do CESOP	2
Revista Brasileira de Ciência Política	1
Sexualidad, salud y sociedade	1

No Portal da CAPES foi também realizada uma busca na área de Dissertações e Teses, em outubro de 2021. Foram digitadas as palavras-chave: "migração venezuelana", "gênero", "vulnerabilidade" e "exclusão". Por meio desse procedimento, foram localizados 91.179 trabalhos de mestrado e doutorado. Foi realizado um recorte temporal entre 2015 e setembro de 2021. Também foram acrescentados como filtros para seleção dos trabalhos os seguintes critérios: grande área de conhecimento (ciências sociais aplicadas), área de conhecimento (comunicação), área de avaliação (comunicação e informação) e área de concentração (comunicação). Foram selecionados dessa maneira 64 trabalhos para leitura e aprofundamento desta discussão.

Foi possível observar, por meio da leitura do resumo desses trabalhos, que os estudos dão ênfase aos canais de comunicação que envolvem produção audiovisual, música, televisão, jornalismo, redes sociais, fotografia, publicidade, entre outros.

Tabela 2. Quantidade de trabalhos relacionados aos canais de comunicação referente a "migração venezuelana", "gênero", "vulnerabilidade" e "exclusão"

Canal de Comunicação Relacionado	Quantidade
Produção Audiovisual	19
Música	12
Televisão	10
Jornalismo	4
Redes Sociais	4
Fotografia	2
Publicidade	2
Outros	11

Nesta etapa, envolvendo a análise sobre as Dissertações e Teses, foi possível constatar que na área da comunicação há uma propensão para o desenvolvimento de pesquisas que dão destaque à produção audiovisual e televisão. Além disso, os trabalhos

estavam direcionados também à análise de produção e recepção de conteúdo e mídias digitais. Entretanto, é importante acrescentar que o campo da comunicação vai muito além dos veículos tradicionais de comunicação e novas tecnologias.

Para Martino (2018, p.14), a comunicação é o "[...] processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ou seja, é tornar comum, sair do isolamento". Para o autor, a comunicação é participação. França (2001, p.16) aponta, no mesmo sentido, que o processo comunicativo é "algo vivo", "dinâmico", "[...] instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura".

Desse modo, esta pesquisa se baseia nesse olhar da comunicação para investigar o processo comunicativo humano por meio dos seus contextos sociais, das culturas que nele permeiam e seus entrelaçamentos.

Aproximando essas informações sobre comunicação e migração com a realidade mato-grossense, foi possível observar que o Departamento de Migração da Superintendência da Polícia Federal de Mato Grosso registrou, de janeiro de 2020 até junho de 2022 de 2021, 7.111 novos pedidos de regularização de documentos. Desse total, 4.263 eram de venezuelanos que vieram em busca de emprego, segundo a assessoria de imprensa da Polícia Federal. Muitos migrantes permaneceram na capital, entretanto não se pôde precisar quantos, porque quando surge oportunidade de emprego no interior, eles deslocam-se para outros municípios, de acordo com a Associação dos Migrantes.

Outro ponto de apoio é o Centro de Pastoral para Migrantes, popularmente conhecido como Casa do Migrante, localizada em Cuiabá e que desenvolve um importante trabalho de acolhimento a essa população. O principal público acolhido pela casa atualmente é de venezuelanos, um perfil que reflete esse movimento migratório crescente (G1/Mato Grosso, 2020). No mês de março de 2020, em decorrência dos protocolos de biossegurança no contexto da pandemia vinculada ao coronavírus, Sars-CoV-2, a Casa do Migrante precisou suspender em caráter temporário os atendimentos devido à lotação do local, cuja operação estava em sua máxima capacidade, o que dificultava a adoção das medidas necessárias. Nesse cenário, a questão da comunicação das mulheres venezuelanas atendidas foi observada pela pesquisadora como um ponto importante para o enfrentamento das dificuldades relacionadas aos transportes, aos procedimentos burocráticos de documentação e ao domínio do idioma para a inserção no mercado de trabalho.

Tornaram-se evidentes os desafios enfrentados desde a saída dessas mulheres do seu país de origem, bem como a necessidade de construir vínculos comunicacionais e uma nova trajetória no território de destino. A vulnerabilidade latente, também considerando esse público, pode ser dirimida pela existência de uma rede de relações sociais, construída também por meio de vínculos comunicacionais, no país de destino e meios existentes para manter contato com seu país de origem. O deslocamento, a necessidade do entendimento de outro idioma como instrumento de inclusão social, o uso de tecnologias para o contato com o país de origem e para a inserção no mundo do trabalho no novo território, a elaboração de um currículo, o conhecimento sobre direitos trabalhistas, a importância da expressão para a sociedade sobre os desafios enfrentados em vez da submissão aos discursos estereotipados, são exemplos de como a comunicação se faz presente nas interfaces do processo migratório das mulheres venezuelanas e como é um elemento importante para estudos e análises.

Na aproximação com o campo de investigação, foi possível observar esses entraves citados no processo de comunicação dessas mulheres em busca de vínculos e de construção do exercício de sua cidadania, com ênfase às questões de acesso ao mercado de trabalho e meios para seu sustento e subsistência.

Considerando esses apontamentos realizados, foi definido como objetivo principal desta pesquisa investigar os vínculos comunicacionais construídos por mulheres venezuelanas migrantes para enfrentamento de vulnerabilidades na busca de empregos na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, desafio agravado no contexto de distanciamento social em decorrência da pandemia.

Como objetivos específicos destacam-se a elucidação sobre os entraves comunicacionais vivenciados por esse público no processo migratório, mais especificamente na etapa que envolve a busca pelo emprego para a permanência no território de destino; quais foram as estratégias de enfrentamento para que a comunicação fosse possível, de maneira a viabilizar a inserção dessas mulheres na comunidade; e quais são os pontos de ancoragem e pontos de tensão na construção dessa nova fase da vida, distante do país de origem.

A pesquisa, de caráter qualitativo, procura contribuir para melhor compreensão sobre o processo migratório de mulheres venezuelanas, com ênfase na etapa de chegada e permanência no território de destino e enfrentamento das vulnerabilidades para o desenvolvimento de discussões que dialoguem com a complexidade inerente à realidade vivenciada por essas mulheres.

## Capítulo I: Campo de Investigação

O desenvolvimento desta pesquisa foi motivado pela aproximação da pesquisadora com o campo de investigação, após a realização de uma visita à Casa do Migrante de Cuiabá, no mês de novembro de 2020, para uma reportagem para a TV Centro América, empresa onde a pesquisadora desenvolve suas atividades profissionais. No dia em que a pesquisadora esteve lá, ocorreu palestra com uma médica oncologista sobre câncer de mama. Esse evento atraiu cerca de 30 mulheres, entre haitianas e venezuelanas. A pesquisadora entrevistou algumas delas e percebeu que ali havia um campo propício para pesquisa acadêmica e desenvolvimento do projeto de pesquisa relacionado às questões de gênero, suscitando também reflexões sobre as motivações que levaram essas mulheres a deixarem o país de origem, como foi a escolha do país de destino e o estado de Mato Grosso, e o que aconteceu nessa trajetória. No contato realizado com essas mulheres em de 2020, a pesquisadora observou traços de muita coragem para enfrentar os desafios do processo migratório dessa população. Muitas delas vieram sozinhas. Ali está a história de vida de mulheres venezuelanas que chegaram ao país, muitas sem os filhos e o marido, para se estabelecerem em Cuiabá, Mato Grosso, e posteriormente, com mais estrutura, poder reencontrar a família.

A pesquisadora ficou impressionada com a determinação e a força daquelas mulheres considerando os desafios enfrentados, vivenciados e muitos deles superados pela perseverança e altivez. O contato inicial foi realizado tanto com as mulheres venezuelanas quanto com as mulheres haitianas, entretanto, em decorrência do idioma, optou-se por direcionar o diálogo com as mulheres venezuelanas, facilitado pelo entendimento da língua espanhola.

### 1.1. Percurso metodológico

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi primeiramente feito um levantamento sobre o processo migratório das famílias venezuelanas, aproximando a pesquisadora ao território de estudo.

Em janeiro de 2021 foi realizada uma reunião na Casa do Migrante de Cuiabá com a coordenadora Eliana Vitaliano e a assistente social Amanda Cândida Moreira de Lima, da Pastoral do Migrante, instituição mantenedora da Casa do Migrante. Nesse encontro

foi explicado o objetivo da pesquisa, a metodologia planejada e solicitado apoio para a seleção das participantes e para realização das entrevistas. A coordenadora da Casa e a assistente social concordaram com a pesquisa, mas pontuaram a importância do compromisso da devolutiva. Após a conclusão dos trabalhos e da dissertação do Mestrado, ficou estabelecido como compromisso a apresentação dos resultados em reunião com todas as mulheres que mantêm vínculo com a Casa do Migrante. Também foi solicitado como contrapartida apoio em ações de intervenção na Casa do Migrante. Uma das sugestões foi a realização de palestras que abordem temas de interesse das mulheres migrantes, o que foi prontamente aceito.

A primeira ação planejada e executada foi uma palestra com a promotora de Justiça de Mato Grosso, Lindinalva Correia Rodrigues. Ela foi a primeira promotora de Justiça a aplicar a Lei Maria da Penha no país, lei criada no dia 7 de agosto de 2006 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva para proteger mulheres vítimas de violência doméstica. Segundo a coordenadora da Casa do Migrante, muitas mulheres que vêm de outros países supreendem-se ao tomar conhecimento do arcabouço jurídico que o Brasil possui para proteção das mulheres, o que em muitos casos até influenciou a decisão ao definir o país de destino no processo de migração. Por isso, este tema foi definido para a primeira palestra direcionada ao público feminino. No dia 11 de janeiro daquele ano foi feito contato com a promotora de Justiça Lindinalva Correia Rodrigues sobre a possibilidade de promover a palestra, o que foi aceito sem nenhum custo financeiro.

A palestra ocorreu em fevereiro de 2021, na manhã da primeira sexta-feira após o Carnaval, no pátio da Casa do Migrante, em área aberta e ventilada, respeitando todas as medidas de biossegurança, como uso de máscara e álcool gel para a higienização das mãos. Esse encontro foi de extrema importância, já que após a palestra abriu-se espaço para perguntas e esclarecimentos de dúvidas. Ouviu-se o que essas mulheres migrantes tinham a dizer, o que pensam sobre diferentes assuntos ligados às questões de gênero e sobre o processo migratório. Nessa palestra também foi possível conhecer e selecionar algumas de mulheres que poderiam ser convidadas para entrevista e participação nesta pesquisa.

Figura 1. Palestra com a promotora de Justiça Lindinalva Rodrigues, na época membro do Núcleo de Enfrentamento à Violência Doméstica do Ministério Público de Mato Grosso.



Figura 2. Durante a palestra foram distribuídas cartilhas sobre o enfrentamento à Violência Doméstica, elaboradas pelo MPMT.



Figura 3. A pesquisadora apresenta a palestrante e explica o trabalho de pesquisa que será realizado com as mulheres migrantes ao longo do ano.



Figura 4. Após a palestra: padre Valdecir Molinari, diretor da Casa do Migrante, Eliana Vitaliano, coordenadora da Pastoral do Migrante, Lindinalva Rodrigues, promotora de Justiça MPMT, Eunice Ramos, pesquisadora.





Figura 5. A palestra foi realizada ao ar livre, no pátio da Casa do Migrante, cumprindo todos os protocolos de biossegurança estabelecidos pelo Ministério da Saúde.

Tudo estava se encaminhando conforme o planejado, porém, duas semanas depois da palestra, as atividades na Casa do Migrante foram suspensas novamente. Dessa vez por um motivo que deixou todos os envolvidos muito tristes. A coordenadora da Casa do Migrante, Eliana Vitaliano, foi internada com covid-19. Foram feitas várias correntes de oração na comunidade, mas infelizmente ela não resistiu, faleceu dez dias depois. Foi um choque muito grande, e a ideia de envolver a Casa do Migrante na pesquisa teve de ser adiada até que todos pudessem se recuperar emocionalmente. A pandemia desafiou o mundo. Na atividade profissional da pesquisadora na comunicação, esses desafios estavam impostos. Hospitais lotados com falta de vaga em UTIs, e entrevistas realizadas com famílias que passaram pelo sofrimento de perdas decorrentes da covid-19 foram impactantes o suficiente para potencializar a dor pela perda da coordenadora da Casa do Migrante. O ânimo e a empolgação pelo trabalho a ser realizado naquele ambiente tinham enfraquecido. A perda do contato físico com as pessoas, as aulas virtuais, a distância da família, a incerteza do futuro, o choro trancado, tudo parecia sombrio, numa história que jamais um ser humano poderia imaginar.

A vontade de desistir de tudo tinha que ser vencida. Com o tempo foi possível perceber que a melhor forma de homenagear Eliana Vitaliano, uma pessoa muito respeitada e que dedicou os últimos anos de vida à defesa dos direitos dos migrantes, era continuar a caminhada. Com calma e serenidade, a ideia das entrevistas foi retomada. O retorno ao local, já com nova administração sete meses depois, foi sofrido, como haveria de ser. As pessoas partem e deixam a sua marca por onde passam. No olhar dos funcionários e dos migrantes que tiveram contato com a ex-coordenadora da Casa do Migrante, a tristeza ainda era pulsante. O conforto vinha da gratidão com que as pessoas se referiam a ela, era a prova de que a sua existência espalhou sementes do bem. E onde quer que estivesse, Eliana Vitaliano ficaria feliz de ver um trabalho científico ser realizado dentro do espaço que coordenava e onde cuidava com tanto amor e carinho das pessoas.

Em setembro de 2021, a ideia das entrevistas presenciais foi retomada, respeitando todos os protocolos de cuidados e distanciamento, depois de cumprida todas as etapas de imunização.

## 1.2. Detalhamento metodológico

Foram realizadas entrevistas em profundidade com seis mulheres venezuelanas para compreender a História de Vida narrada por elas, com ênfase na identificação dos vínculos que essas mulheres constroem para enfrentamento das vulnerabilidades que são vivenciadas no processo de busca pelo emprego e por condições mais dignas de vida. A coleta de dados foi realizada na cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso.

A pesquisa foi desenvolvida com um caráter qualitativo. Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa diz respeito aos fenômenos sociais. Uma proposta dialética para a análise dos dados é a das determinações fundamentais, que se refere à conjuntura socioeconômica e política da qual faz parte o grupo social a ser estudado e a política que se relaciona a esse grupo.

Por meio do contato com as histórias e as trajetórias das mulheres, o conteúdo foi coletado para análise e desenvolvimento desta dissertação. As experiências narradas pelas mulheres, a partir de categorias definidas *a priori* e *a posteriori*, em articulação com a teoria e literatura referenciada, viabilizam a discussão e aprofundamento com ênfase no objetivo principal desta pesquisa, que é investigar os vínculos comunicacionais construídos por essas mulheres venezuelanas migrantes para lidar com os desafios que

fazem parte da busca pelo emprego, considerando o contexto da cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso.

As mulheres que participaram desta pesquisa foram convidadas a partir do contato inicial realizado na Casa do Migrante e Pastoral do Migrante.

As pessoas que chegam em Cuiabá precisam de apoio. No processo migratório, essas pessoas têm inicialmente um prazo de 45 dias para permanecer no local. Porém, este prazo não é rígido. Ele pode se estender o tempo necessário para que o migrante consiga se reestruturar, com uma residência para morar e uma fonte de renda para sobreviver. Segundo a administração da Casa do Migrante, já houve caso em que uma família chegou a ficar seis meses devido a problemas enfrentados, como doença e dificuldade para conseguir emprego.

Dentro desse público que ainda permanece na Casa, a seleção de três mulheres de diferentes idades foi feita com o apoio da assistente social Amanda Moreira de Lima, que intermediou o contato com elas. A ideia era selecionar uma mulher casada que veio sozinha e deixou a família na Venezuela, uma solteira e uma casada que veio junto com a família. A assistente social, que também tem contato com as pessoas que já passaram pela casa e agora estão fora com a vida um pouco mais estruturada, colocou-se à disposição para auxiliar no contato com outras três mulheres também nessas condições. O critério para convite e seleção foi o mesmo das mulheres que ainda estão na casa e se possível incluir uma entrevistada LGBTQI+. Essa diversidade é interessante para que se tenha diferentes pontos de vista sobre o deslocamento e seus desafios.

Por meio das entrevistas, buscamos elucidar os entraves comunicacionais vivenciados por essas mulheres que participaram desta investigação ao procurarem emprego no processo de permanência na capital de Mato Grosso. Por meio dessa etapa de coleta a pesquisa também procura evidenciar quais são as estratégias utilizadas para enfrentar os entraves e lidar com a vulnerabilidade de ser mulher e migrante, destacandose os pontos de ancoragem e vinculação a esse novo contexto e os pontos de tensão para a construção dessa nova vida, longe do país de origem e da sua cultura.

#### 1.3. As entrevistas

A entrevista é uma das principais formas de abordagem no trabalho de campo em uma pesquisa qualitativa. Por meio dessa técnica, busca-se obter informações presentes na fala dos atores sociais (CHIZZOTTI, 1991).

Segundo Chizzotti (1991), essa forma de coleta de dados não é uma conversa despretensiosa e neutra. A entrevista é utilizada como instrumento para a coleta de informações relatadas pelos atores enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo estudada, e que necessitam de um aprofundamento sobre ela para a compreensão de características e qualidades não registradas por outro método, por exemplo, a utilização de questionários.

Martino (2018) explica-nos que, dentro do contexto das pesquisas de caráter qualitativo, as entrevistas são conversas com propósitos bem definidos e podem ser individuais ou em grupos. Por meio desse procedimento, o pesquisador pode conseguir dados objetivos e subjetivos. Geralmente essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal, o que reforça a importância da linguagem e do significado da fala, e está relacionado aos valores, às atitudes e às opiniões dos indivíduos entrevistados.

No livro *Sociologia*, Edgar Morin define entrevista como "[...] uma conversa entre duas pessoas com o objetivo de obter informações". Martino (2018, p. 113) vai além:

Mas nem toda a conversa, evidentemente, é uma entrevista. A diferença está em um único detalhe: a entrevista é uma conversa orientada para a busca de informações específicas relacionadas aos objetivos da pesquisa. A entrevista é utilizada em geral quando o objetivo da pesquisa são opiniões, vivências, ou experiências de pessoas a respeito de um tema ou uma situação. Se a pesquisa quer saber como são criados os cenários de uma telenovela, por exemplo, pode fazer uma série de entrevistas com produtores, autores e outros profissionais.

Martino (2018) também esclarece que as entrevistas podem ser quantitativas ou qualitativas. Nas quantitativas, o pesquisador geralmente utiliza um questionário com perguntas mais superficiais.

No campo da comunicação, esse tipo de pesquisa é pouco utilizado. Já as pesquisas qualitativas podem ser:

- a) Fechadas: com questionários mais estruturados, objetivos, preparados previamente, e são consideradas apenas as respostas relacionadas às perguntas;
- b) Semiabertas ou semiestruturadas: que utilizam um roteiro em vez de um questionário, o que faz com que o entrevistado não perca o foco, mas possa acrescentar outros elementos, pois o objetivo é conhecer o pensamento do entrevistado sobre determinado assunto); e

c) Aberta ou não estruturada: aproxima-se de um diálogo do pesquisador com o entrevistado, com tópicos para o entrevistado expor as suas ideias e dar direção à conversa a partir dos conteúdos compartilhados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, considerou-se mais adequado utilizar a entrevista semiestruturada com a intenção de garantir uma conversa mais focada nos temas definidos, dando espaço para que as entrevistadas pudessem ter a liberdade para compartilhar a história de vida delas envolvendo o movimento migratório.

As mulheres selecionadas foram convidadas para uma reunião na Casa do Migrante, para que fosse possível explicar os objetivos e todo o processo de pesquisa, os compromissos assumidos por ambas as partes (entrevistadora e entrevistadas). Ao concordarem, foram convidadas a assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas próprias entrevistadas ou na Casa do Migrante, por ser um local sem barulho e intervenções comuns na dinâmica de uma residência compartilhada, garantindo-se a privacidade das participantes.

As entrevistas tiveram duração de até duas horas e foram narrativas individuais, com perguntas semiestruturadas para orientar o assunto vinculado à temática pertinente ao desenvolvimento da pesquisa.

Foram estabelecidas algumas categorias para nortear a entrevista. Como ponto de partida para a narrativa das mulheres, solicitou-se que falassem a respeito da sua origem: Isso envolve a discussão sobre os seguintes tópicos:

- a) Família;
- b) Deslocamento (relatos do percurso Venezuela-Cuiabá);
- c) Vínculos comunicacionais (como se comunicam e mantêm vínculos com quem ficou no país de origem);
- d) Quais os meios de comunicação usados para se organizar e se relacionar entre elas:
- e) Feminilidade (como se veem como mulher no convívio social);
- f) Violência;
- g) Como se articulam para a inserção no mercado de trabalho;
- h) Quais os desafios enfrentados para inserção no mercado de trabalho;
- i) Quais as estratégias adotadas para lidar com esses desafios; e
- j) Quais os pontos de apoio e a rede de suporte que possuem.

Reservou-se também um momento para a liberdade discursiva, permitindo que outros tópicos pudessem ser abordados, caso elas estivessem motivadas a falar. Para facilitar a análise e interpretação dos dados coletados por meio das falas das entrevistadas, esse momento foi gravado em áudio e vídeo, após prévia autorização das fontes, que tiveram autonomia absoluta para decidir sobre as gravações. Estas gravações tiveram por objetivo facilitar a análise através de outras formas de linguagem, como gestos, expressões faciais, variações na entonação, detalhes que fazem parte das narrativas.

## 1.4. Análise de dados

Para analisar os dados, optamos pela Análise Textual Discursiva - ATD. Este método de análise consiste em um conjunto de procedimentos que auxiliam o pesquisador a interpretar o texto de forma mais profunda. Para que isso aconteça, precisamos cumprir algumas etapas.

A primeira delas é a formação do *corpus*, que pode ser documentos, entrevistas ou textos a serem analisados. A próxima etapa é a unitarização. O pesquisador faz a desconstrução do texto, promove o caos para que possa iniciar um novo processo.

O primeiro movimento do ciclo de análise consiste numa desconstrução de um conjunto de textos, as informações de pesquisa submetidas à análise. Essa desconstrução consiste na fragmentação das informações, desestruturando sua ordem, produzindo um conjunto desordenado e caótico de elementos unitários. Corresponde a mover o sistema para o limite do caos, espaço de criação original e de auto-organização (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.42).

Para os autores, este primeiro movimento é muito importante para aguçar e desenvolver a percepção do pesquisador sobre aspectos que não estejam muito claros. Em seguida, é feito o agrupamento das unidades por semelhança ou associação de sentido em categorias. Este movimento, seguido de várias leituras, permite novos olhares.

No conjunto, segundo os autores, as categorias trazem itens de organização para a escrita do metatexto, com novas compreensões e possibilidades de análise. As categorias de análise podem ser produzidas pelo método dedutivo, um movimento do geral para o particular, que implica construir as categorias até mesmo antes de examinar o *corpus*. Já no método indutivo, as categorias são produzidas a partir das unidades de análise construídas desde o *corpus*, por meio de um processo de comparar e contrastar entre as unidades de análise.

Pelo exercício analítico com a Análise Textual Discursiva, a intuição, a desorganização, a nova organização auto-organizada que leva a novas compreensões, são medidas pelo escrever em um movimento entre perspectivas fenomenológicas e hermenêuticas que permitem a fusão de seus horizontes para chegar à compreensão escrita do que foi compreendido. Após a coleta de dados, a transcrição das entrevistas realizadas e a análise do conteúdo compartilhado pelas participantes desta pesquisa, são refinadas as categorias de análise e apresentadas no capítulo seguinte, com o aprofundamento da discussão proposta por esta investigação.

Pretende-se, dessa forma, contribuir para a compreensão das vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres venezuelanas no processo migratório e na procura de emprego, destacando a comunicação como um pilar importante de análise para a construção de políticas públicas que sejam capazes de dar amparo a esse público, contribuindo também para o desenvolvimento da literatura que se debruça sobre esta temática da migração, com recorte de gênero.

## 1.5. Contextualização sobre o país de origem

Para entender melhor o que levou parte da população venezuelana a protagonizar um dos maiores êxodos da história da América Latina, é preciso voltar um pouco no tempo e perceber os movimentos políticos e econômicos daquele país, já que ao desencadear uma saída em massa para buscar oportunidades em outros territórios, os venezuelanos sinalizam que as condições de vida na terra natal já não atendem mais as suas necessidades.

A Venezuela, país de origem dessas mulheres migrantes, passa atualmente por uma crise econômica e social decorrente de um processo histórico que culminou nesse contexto. Sabe-se que após a redemocratização nos anos 1950, marcada por conflitos, a Venezuela viveu décadas de liberdade e respeito às diversas correntes ideológicas que atuavam no país, com a consolidação da representatividade de diferentes segmentos sociais nas esferas do poder estatal. Fernández (2019) ressalta que o petróleo teve participação importante nesse processo. A descoberta dos primeiros poços ocorreu na década de 1920. O chamado "ouro negro" atraiu capital estrangeiro e ajudou a construir uma estrutura de Estado forte para a distribuição de riqueza do país.

A relação entre capital e Estado, mediada pela produção e renda petroleiras, se manteve presente no processo de democratização do país. Mendes (2010) explica que:

Essa estreita e peculiar relação entre capital e Estado foi fundamental na época de Gómez, no início do século, e continuou sendo com a ascensão do regime democrático. A dependência mútua entre cada um desses polos, mediada pelas oscilações do preço do petróleo, é algo que não pode ser ignorado na história política venezuelana e, como veremos, explica muito do caráter da luta pelo poder que afeta o país até hoje. A ascensão da nova direção política, embora não tenha alterado as medidas de apropriação da acumulação capitalista, criou relações inteiramente novas e reorganizou a luta de classes no país. Talvez possamos entender esse longo processo como uma "revolução passiva", já que ela garantiu a manutenção da dominação burguesa. De qualquer modo, as regras do jogo político estavam alteradas: agora a democracia era não só seu espaço legítimo, mas amplamente aceito pela sociedade, inclusive pelos setores populares que estavam comprometidos com a utopia democrática (MENDES, 2010, p.33).

Nesse processo, a Venezuela passou a ser uma referência de democracia na América Latina entre os anos de 1950 e 1970, com alternância no poder nos mandatos e liberdade de atuação de sindicatos, associações e entidades de classe. Em contrapartida, o petróleo como mola propulsora criou uma economia dependente da exportação de produtos primários e da importação de bens de consumo de países desenvolvidos. Podemos citar aqui os Estados Unidos, que tiveram forte influência nas lógicas de consumo do país (FERNÁNDEZ, 2019, p.180).

Em 1973, quando o preço do barril de petróleo aumentou 300% em poucos meses no mercado internacional, a Venezuela atingiu um clima de euforia:

A riqueza petroleira dava a impressão de que agora o destino da nação estava sob controle. Além da garantia de estabilidade econômica, a possibilidade de construir uma rede de proteção social sem a contrapartida de uma elevada carga fiscal indicava que o pacto social estabelecido em 1958 não encontraria opositores poderosos. De fato, a "Grande Venezuela" permaneceria na memória da população por algum tempo. Durante aqueles anos, os setores médios da sociedade alcançaram níveis de consumo inimagináveis para um país que sempre se viu como atrasado. As compras em Miami eram um sonho realizável graças a uma moeda valorizada frente ao dólar. As classes populares, embora permanecessem distantes desse padrão de vida, usufruíam de serviços públicos com certa abrangência e tinham motivos para acreditar na possibilidade de ascensão social (MENDES, 2010, p.36).

A ilusão de uma economia estável atraiu migrantes qualificados de vários países da América Latina, que viam na Venezuela uma possibilidade de crescimento profissional e financeiro. Mas no início da década de 1980, a situação começou a mudar. Mesmo com o preço do petróleo em alta, o Estado já não tinha mais as condições de antes para manter

as políticas sociais com demandas que cresciam a cada ano, e o sistema já se equiparava a um paciente contaminado pela corrupção.

No mercado externo, um período de recessão, principalmente na América Latina, atrapalhava a comercialização do produto do petróleo. A queda na principal fonte de renda do país levou o governo a tomar medidas drásticas como desvalorização da moeda nacional, aumento da gasolina dentro do país, diminuição da estrutura do Estado e dos investimentos na área social (MENDES, 2010).

A classe média começou a perder o poder aquisitivo, e os pobres ficaram mais pobres. O governo tentou conter a instabilidade econômica com medidas como reestruturação da política de controle de preços, congelamento do salário dos funcionários e privatização de serviços essenciais. Medidas que não tiveram o resultado esperado.

Segundo Fernández, estas tentativas sem sucesso provocaram a insatisfação dos setores mais afetados, que começaram a se rebelar contra o governo com manifestações e protestos. Em diferentes momentos, o governo norte-americano apoiou ações de grupos políticos venezuelanos vinculados a correntes neoliberais que tinham propostas e reivindicações que não atingiam os interesses econômicos dos Estados Unidos em relação ao petróleo (FERNÁNDEZ, 2019).

A oscilação do preço do dólar e do petróleo proporcionou breves períodos de fartura, mas sempre num clima de instabilidade. A partir de 1980, o país que vinha recebendo trabalhadores de todo o continente começa a viver o processo inverso. A classe média foi a primeira a se movimentar em diáspora. As promessas de ordem socialista do presidente Hugo Chávez incentivaram a migração, quando ele assumiu o poder em 1999. Profissionais qualificados partiram principalmente para os Estados Unidos e países da Europa. Eles temiam que, entre outras ações, Chávez limitasse o direito de propriedade, aumentasse impostos e promovesse demissões em massa.

O governo chavista de fato promoveu forte intervenção do Estado, colocando em lados opostos apoiadores e não apoiadores. De um lado pobres, parte dos setores médios e emergentes. Do outro lado os ricos, parte da classe média apoiadora e uma pequena parcela de trabalhadores.

Para amenizar as tensões, Hugo Chávez ampliou os programas sociais e, com a nova Assembleia Constituinte, criou mecanismos legais para se fortalecer no poder, enfraquecendo a democracia. Chávez chegou a sofrer uma tentativa de golpe em 2002. Foi destituído do cargo, mas logo reassumiu o poder (MENDES, 2010; FERNÁNDEZ, 2019).

Hugo Chávez, que era militar, governou a Venezuela por 14 anos até sua morte por câncer em 2013, período em que a economia venezuelana já estava em forte declínio. Assumiu interinamente o vice Nicolás Maduro, que no mesmo ano foi eleito Presidente da República pelo voto popular.

O petróleo, que havia se tornado o principal pilar da economia após a descoberta de uma das maiores reservas de petróleo do mundo, começa a despencar no mercado internacional. Entre 2014 e 2015, o preço do barril do petróleo caiu de U\$111,87 para U\$48,07.

A economia entrou em declínio, e a situação de penúria para as camadas mais vulneráveis chegou a tal ponto que a única saída para milhares de famílias foi buscar refúgio em outros países.

Paralelamente a isso, o país sofreu reforço dos embargos econômicos e enfrentou conflitos políticos que questionavam a legitimidade da vitória de Nicolás Maduro. Grupos opositores tiveram o apoio do governo norte-americano e de seus aliados, como o Brasil. Já a legitimidade de Maduro foi defendida por cubanos, russos, chineses, mexicanos e bolivianos. Esse confronto ideológico internacional gerou tensões:

A geopolítica sempre se caracterizou pela presença de pressões de todo tipo, intervenções no cenário internacional desde as mais brandas até guerras e conquistas de territórios. Inicialmente, essas ações tinham como sujeito fundamental o Estado, pois ele era entendido como a única fonte de poder, a única representação da política, e as disputas eram analisadas apenas entre os Estados. Hoje, essa geopolítica atua, sobretudo, por meio do poder de influir na tomada de decisão dos Estados sobre o uso do território, uma vez que a conquista de territórios e as colônias tornaram-se muito caras (BECKER, 2005, p.71).

Em 2014 houve muitas manifestações para derrubar Nicolás Maduro do cargo de presidente, sob fortes acusações de corrução, gestão incompetente e abuso de poder. Em 2019, Juan Guaidó autoproclamou-se presidente interino da República. Ele não conseguiu se estabelecer no poder, mas polarizou ainda mais o país.

Todas essas tensões internas e externas, políticas e econômicas, contribuíram para a hiperinflação. Com o desabastecimento, começou a faltar produtos de primeira necessidade. Trabalhadores já não conseguiam mais comprar comida, o que causou insegurança e restrição da mobilidade urbana nas cidades (FERNÁNDEZ, 2019).

O mundo acompanhou pelos noticiários o caos instalado na Venezuela. Famílias inteiras vivendo em situação de penúria sem ter o que comer, crise agravada com a

pandemia. Neste cenário, as mulheres ficaram em condições ainda mais vulneráveis. No dia 7 de abril de 2020, o site da ONG Global Voices publicou um relatório sobre a situação delas com base em banco de dados organizado por um grupo de jornalistas, tendo em vista a falta de dados oficiais. De acordo com o relatório, em 2019, 391 mulheres foram mortas na Venezuela. O movimento feminista venezuelano denunciou a ausência de ações para o enfrentamento do feminicídio com a devida punição aos agressores, apesar da reforma de 2014 reconhecer esta prática como crime.

De acordo com o levantamento do grupo de jornalistas, das 554 mortes de mulheres com a classificação de feminicídio nos anos 2018 e 2019, houve apenas 119 condenações. Para o movimento feminista venezuelano, o país tem uma legislação adequada ao combate das violências de gênero, mas não há orçamento e forças de segurança suficientes. O movimento denuncia ainda a vulnerabilidade econômica, com salário mínimo mensal inferior a 4 dólares, o que inviabiliza o acesso a serviços de saúde e as submete a situações como escassez de alimentos e de medicamentos, dentre os quais contraceptivos, e de produtos de higiene pessoal, como absorventes.

Sem ter o que comer, famílias inteiras se viram obrigadas a buscar alternativas: algumas como migrantes, outras como refugiadas, para garantir a sobrevivência.

O movimento migratório tem ganhado ampla cobertura jornalística, e pesquisadores têm se dedicado à investigação dessa temática. Há, entretanto, poucas publicações com o recorte sobre as questões de gênero, conforme levantamento já apresentado, com uma perspectiva sobre as mulheres inseridas nesse contexto de migração. Esse movimento migratório apresenta nuances que podem ser elucidadas por meio das histórias contadas pelas migrantes, o que reforça a importância de se investigar as experiências das mulheres venezuelanas nesse processo.

A migração pode envolver uma decisão "voluntária" das pessoas ou até mesmo uma condição "forçada", quando há uma ameaça à manutenção da vida dessas pessoas. Em 2021, por exemplo, uma boneca gigante com mais de três metros de altura realizou uma jornada de oito mil quilômetros, percorrendo vários países, para chamar a atenção do mundo para o drama dos refugiados. Ela representa uma menina de origem síria, com 9 anos de idade, que estava à procura da mãe. A menina foi batizada de Amal, palavra que em árabe significa "esperança". Por onde passa, a boneca-símbolo chama a atenção da população e da imprensa internacional. O percurso realizado por essa boneca começou na Turquia, uma região que já recebeu mais de quatro milhões de refugiados de origem síria. Na Suíça, essa mesma boneca foi levada ao encontro do público em frente ao prédio

ocupado pelas Nações Unidas, que desenvolve um trabalho de acompanhamento desse movimento migratório (G1 – Jornal Nacional).

Seja por uma ação "voluntária" ou "forçada", a vulnerabilidade é um elemento transversal ao processo migratório. Em uma reportagem do portal G1, publicada em outubro de 2020, foram apresentados dados do relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicando que 40% das mulheres venezuelanas que vivem em abrigos nas cidades de Boa Vista e Pacaraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela, já sofreram algum tipo de violência. Casos de violência teriam ocorrido durante o processo de migração e travessia da fronteira, ou até mesmo antes da travessia.

Em contato entre pesquisadora e orientador desta pesquisa, que tem trabalhos na área da migração, foi realizada a delimitação da investigação sobre a trajetória, narrativa e histórias dessas mulheres que realizaram esse processo migratório da Venezuela para o Brasil, mais especificamente para cidade de Cuiabá, no estado brasileiro de Mato Grosso.

## 1.6. Operação Acolhida

Acrescenta-se a essa discussão a chegada de migrantes ao contexto brasileiro. Com o aumento gradativo da entrada desses migrantes venezuelanos no Brasil pelo estado de Roraima, o governo brasileiro passou a controlar com mais rigor a fronteira, e as Forças Armadas entraram em Ação.

Considerando esse cenário, em março de 2018 teve início a "Operação Acolhida". No site oficial do Governo Federal, a operação é definida da seguinte forma:

A Operação Acolhida, instrumento de ação executada e coordenada pelo Estado Brasileiro com o apoio de entes federados, agências da ONU, organismos internacionais e entidades privadas, destina-se a apoiar com pessoal, material e instalações, a organização das atividades necessárias ao acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade, decorrente do fluxo migratório para o estado de Roraima (Fonte: Governo Federal/Fab).

Foram criados abrigos na capital Boa Vista e no município de Pacaraima (RR), onde são oferecidos aos imigrantes acomodações, três refeições diárias, banheiros, lavanderia, atendimento médico e segurança. No município de Pacaraima, foi construído um posto de recepção e identificação, onde são realizados atendimentos de identificação da nacionalidade, emissão do cartão de entrada e saída – para estrangeiros que não

possuem passaporte – e cadastramento pela Polícia Federal, regularização migratória e triagem de todos que chegam do país vizinho.

O Hospital Central da Aeronáutica enviou militares para reforçar o atendimento, já que muitas pessoas chegam em condições de saúde vulneráveis depois de uma longa caminhada que pode durar semanas na estrada, com um grande esforço físico e alimentação precária, passando até dias sem comer.

Segundo o ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o Estado brasileiro também teve ações na prevenção contra a disseminação do novo coronavírus. Com o apoio da prefeitura da capital de Roraima, foi realizada uma Força-Tarefa Logística Humanitária para a vacinação, por meio do Núcleo de Saúde da Acolhida (NSA), seguindo as normas do Plano de Operacionalização de Vacinação do Ministério da Saúde, com uma média de 300 atendimentos por dia. A ação incluiu migrantes a partir de 18 anos e mulheres grávidas e lactantes.

Outra ação do governo brasileiro foi o processo de interiorização dos migrantes com a transferência de Roraima para outros estados da federação. De acordo com a matéria publicada no site "Defesa em Foco" do governo federal em 20 de abril de 2021, "o deslocamento para outros estados é voluntário, ou seja, depende da vontade dos venezuelanos. E segue quatro modalidades que são: emprego, quando o migrante é selecionado para uma vaga antes da realocação; a reunificação social; a reunificação familiar; e a ida de um abrigo de Boa Vista para um abrigo em outra cidade".

Ainda de acordo com a reportagem, os estados que mais receberam venezuelanos até a data da publicação foram Paraná (8.418), São Paulo (7.963) e Rio Grande do Sul (7.050). Já os municípios que mais abrigaram os venezuelanos foram Manaus (4.893), Curitiba (3.511) e São Paulo (3.172).

Até abril de 2021, foram contabilizados no projeto de interiorização 50.475 venezuelanos. A maioria (88%) viajou em grupos familiares, e 12% sozinhos. Dos interiorizados, 47% são mulheres e meninas, e 37% são menores de 18 anos de ambos os sexos (Fonte: Governo Federal).

De acordo com a última atualização divulgada pelo governo federal, no dia 20 de julho de 2022, o número de venezuelanos transferidos através do projeto de interiorização até junho de 2022 chegou a 78.767. Desde 2018, quando iniciou o projeto, 844 municípios receberam migrantes venezuelanos.

#### 1.7. Novos vínculos em outro território

Quem parte deixando uma história no seu país de origem, parentes, amigos, amores, carrega consigo não só o medo de um futuro incerto e desconhecido, mas também a esperança de um novo caminho, com novas oportunidades.

É interessante pontuar que a migração envolve questões relacionadas ao transporte, ao idioma, aos procedimentos burocráticos de documentação, entre outros desafios inerentes à despedida do país de origem, e a necessidade de construir novos vínculos e uma nova história no território de destino. A vulnerabilidade também se impõe, considerando o público de mulheres migrantes venezuelanas, que muitas vezes sozinhas deixam o seu território de origem para se estabelecerem em um novo local.

No contexto da pandemia, os desafios enfrentados nesse processo de (re)construção tornaram-se ainda maiores. No Brasil, as fronteiras foram fechadas no dia 18 de março de 2020. Mesmo assim, o processo migratório não parou. Muita gente tentou fugir da grave crise econômica enfrentada pela Venezuela, que tem atualmente na presidência do país Nicolás Maduro. Essa crise decorre de um processo histórico envolvendo questões econômicas e políticas, conforme já explicado nesta dissertação, que implicou também uma crise social.

Na reportagem publicada em 9 de maio de 2021 no portal G1, o Exército informou que atendeu 351 mães com filhos que entraram no Brasil por rotas clandestinas. Uma delas é a venezuelana Norilys Del Carmen Palencia, de 43 anos, que decidiu abandonar o país natal em meio à pandemia. Segundo Norilys, a venda de uma máquina de costura permitiu sua saída da cidade de Embalse Suata, na Venezuela, com destino ao Brasil. Mesmo com as fronteiras fechadas, em dezembro do ano passado ela se arriscou nas rotas clandestinas em busca de tratamento para a filha de 21 anos, portadora de deficiência auditiva e paralisia cerebral. "Me vi em uma situação muito difícil na Venezuela. O dinheiro do meu trabalho já não era suficiente nem para a comida", declarou a venezuelana. Ela disse ainda que passou quatro noites na rodoviária de Santa Helena do Uairém, última cidade em território venezuelano, onde há acesso às rotas clandestinas entre os dois países. A fronteira do Brasil com a Venezuela ficou fechada por um ano. No dia 23 de junho de 2021, o Brasil reabriu a fronteira com o país vizinho, mas com limitações para entrada de apenas 50 venezuelanos por dia, bem abaixo do fluxo registrado antes do fechamento, quando entravam cerca de 1.000 pessoas por dia. Mesmo assim, a procura foi muito grande em razão da demanda reprimida.

A proximidade entre os dois países, aliada à divulgação do Brasil em grandes eventos esportivos como nação próspera e acolhedora, e a liberdade de circular pelo país à procura de emprego, um lugar para iniciar uma nova história, estão entre os principais motivos declarados para a escolha do país de destino. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o Brasil está entre os países mais visado pelos venezuelanos para construir uma nova vida.

Todavia, esta posição não é resultado do acaso. O Brasil é uma nação soberana, decide quem entra e quem sai de acordo com os seus interesses. E como nação capitalista neoliberal, poderíamos dizer que o Estado se utiliza de mecanismos da biopolítica e da governamentalidade para controlar a vida dos nativos e dos que entram no país, com o discurso de manutenção da segurança e do desenvolvimento da economia.

No livro *Segurança*, *território*, *população*, o filósofo francês Michel Foucault nos aponta que a biopolítica está ligada à governamentalidade presente nos nossos dias.

[...] por esta palavra, governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por governamentalidade entendo a tendência, a linha de força que em todo o Ocidente não parou de conduzir e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de governo, sobre todos os outros: soberania, disciplina e que trouxe por um lado o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo, e por outro lado, o desenvolvimento de uma série de saberes. Enfim, por "governamentalidade" creio que se deveria entender o processo ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo que se viu pouco a pouco "governamentalizado" (FOUCAULT, 2008, p.143-144).

De acordo com o filósofo francês, o conhecimento é arbitrário, embora inexplicavelmente vinculado ao poder, à práxis social, construção de discursos sobre a verdade e com base nas várias posições do sujeito, classe, raça, gênero, nação, língua, cultura e história que estão presentes em qualquer justificativa para o conhecimento. Os saberes para Michel Foucault são vias de naturalização do tempo e do espaço ou dos discursos que o rodeiam.

O conhecimento, segundo ele, quando alicerçado na metafísica como prática cultural, na cultura pastoral ou na economia política que tem em seu discurso a ideia de neutralidade e o Estado como árbitro de um aparato de segurança que trabalha em nome da racionalidade, que atua predominantemente a serviço da cultura ocidental dominante.

E esse saber, de acordo com o teórico francês, precisa se reafirmar constantemente para manter o seu domínio. O saber produzido dentro das tendências socioculturais e históricas específicas está intimamente ligado à política de identidade. A governamentalidade seria então produzida por meio de um processo de governamentalização. O que hoje conhecemos como governo, poderia ser definido na perspectiva foucaultiana como um conjunto de forças vinculadas à forma de saber, cuja forma dominante é a economia política.

Foucault nos aponta um duplo objeto-sujeito denominado população, o alvo do governo, às vezes como origem do próprio governo, em outros momentos como produto dele. As técnicas de racionalização da vida cotidiana como a burocratização, a gestão e outros processos administrativos de controle racional que igualam racionalidade e liberdade e, portanto, produzem um tipo de liberdade controlada. Os migrantes venezuelanos conseguiram entrar no Brasil até mesmo no período de restrições, driblando as barreiras impostas pela pandemia, mas serão sempre intensamente vigiados em nome da segurança. A governamentalidade é a possibilidade de naturalização desses processos de gestão econômica, racial, da sociedade civil pelo Estado. O Estado aparece com um duplo vínculo: por um lado, ele precisa fornecer plenamente essa racionalização para que os sujeitos possam pensar que estão agindo livremente e com base em seus próprios interesses; por outro lado, o Estado precisa fazer isso de uma forma que invisibilize a sua própria ação. Isso opera de uma forma que produz um discurso do Estado como centro do poder.

Sabemos o fascínio e o horror que o Estado exerce hoje. Conhecemos o nosso apego ao nascimento do Estado, a sua história, avanço, poder e abuso. Acho que essa supervalorização do problema do Estado se encontra basicamente em duas formas. Uma forma imediata, afetiva e trágica é o lirismo do monstro frio que nos confronta. Mas existe uma segunda maneira de supervalorizar o problema do Estado que é paradoxal porque aparentemente redutora. Essa análise consiste em reduzir o Estado a uma série de funções como, por exemplo, o desenvolvimento das forças produtivas e reprodução das relações de produção. Mas o Estado sem dúvida não mais hoje que no passado, não tem essa unidade, individualidade e funcionalidade rigorosa, nem, eu diria, essa importância. Afinal talvez o Estado seja apenas uma realidade composta e uma abstração mistificada cuja importância é muito menor do que pensamos. Talvez. O que é importante para a modernidade, isto é, para o nosso presente, não é a apropriação (estatização) da sociedade pelo Estado, mas o que eu chamaria de "governamentalização do Estado" (FOUCAULT, 2008, p.164).

Para o filósofo francês, o discurso de tomada de controle da sociedade pelo Estado é o discurso da governamentalidade neoliberal, que define o Estado como o ator que só precisa entrar em cena quando indivíduos ou grupos deixam de agir, de forma a garantir que o jogo da economia e da política seja realizado com justiça e equilíbrio. O autor entende que o Estado é aquele agente do qual a sociedade civil gostaria de ter a opção de renunciar, mas que recorre a ele quando os interesses individuais se chocam ou não convergem. Então, o Estado é visto como um ente racional e legitimado em suas intervenções nesta posição neoliberal.

Michel Foucault alerta que, para se manter dominante na sociedade, na política, na religião, na cultura e na história, uma reafirmação constante das fronteiras é importante para manter os contornos da paisagem política ou cultural, move-se para ofuscar da visão e do pensamento as dinâmicas históricas e com elas as dinâmicas do saber e do poder. Ele vinculou os discursos às relações de poder, que mostram como as formas de saber legitimam e reproduzem relações de poder e posições de sujeitos alinhadas a elas.

E talvez, de uma forma completamente geral, tosca e portanto inexata, pudéssemos reconstruir as formas principais, as principais economias do poder da seguinte maneira: primeiro o Estado de justiça, nascido em uma territorialidade de tipo feudal e correspondendo amplamente a uma sociedade de direito consuetudinário, e de lei escrita, com toda uma interação de compromissos e litígios, segundo o Estado administrativo que corresponde a uma sociedade de regulamentos e disciplinas e por último o estado de governo, que já não se define essencialmente pela sua territorialidade, pela superfície ocupada, mas por uma massa, a massa da população e com o seu volume, a sua densidade e com certeza, o território que cobre, mas que é de certa forma apenas um de seus componentes. Esse Estado de governo que incide essencialmente sobre a população e invoca e utiliza esse conhecimento, corresponderia a uma sociedade controlada por dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008, p.185).

Embora o governo também tenha surgido como uma extensão do papel da territorialidade e dos aparatos administrativos que estavam ligados à população abrangida dentro de suas fronteiras e sobre a qual passou a se ver como promotor de segurança e liberdade, Foucault ressalta que o governo passou a recuperar formas mais antigas e diferentes dele. Ambas vistas como atuando no mesmo nível de racionalidade. Segundo ele, para praticar a segurança o Estado deve fundar sua ação sobre a população que deve ser administrada de forma a produzir o máximo de saúde, de felicidade, de normalidade e de produtividade para esta mesma população.

O Brasil é considerado pelo ACNUR um dos pioneiros na proteção internacional dos refugiados, e foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a Convenção, em 1960, e integrar o Comitê Executivo da Organização. Internamente, o país também tem uma

legislação que reforça as definições da Convenção e garante aos refugiados os mesmos direitos de qualquer outro estrangeiro no país (Lei nº 9.747 de 1997). Em 2017, entrou em vigor a nova Lei da Migração (Lei nº 13.445), que substituiu o Estatuto do Estrangeiro de 1980, modernizando a legislação com base em debates com vários setores, inclusive com representantes dos migrantes.

Com esta postura, o Brasil busca sedimentar posição de liderança na América Latina. No caso do atual governo, existe ainda outro aspecto a ser considerado: a disputa ideológica.

Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil* no dia 27 de junho de 2021, o professor de História da América Latina da UERJ, Rafael Araújo, explica que os governos do Brasil e da Venezuela divergem muito nas diretrizes adotadas para o gerenciamento dos dois países, e essa divergência, segundo ele, gera um desgaste natural e tensão. Em meio a esta disputa de ideologias, o governo de Nicolás Maduro mantém um regime que levou a economia a despencar, contribuindo para que milhares de pessoas abandonassem o país, enquanto o Brasil abre as portas para os vizinhos.

O aspecto econômico também é decisivo. Segundo levantamento da Consultoria McKinsey de 2015, publicado no site da BBC News Brasil no dia 2 de setembro de 2018, mundialmente os migrantes correspondem a 3,4% da população, mas contribuem desproporcionalmente à economia, produzindo quase 10% de toda a riqueza mundial (PIB). Esses apontamentos indicam que a migração está cercada de questões relacionadas à biopolítica e à governamentalidade. Entendemos que o poder transita não só no movimento de partida e chegada, mas também na definição de quem pode cruzar a fronteira para iniciar uma nova história em outro país. No entanto, as decisões dos governos em defesa da população muitas vezes não coincidem com a proteção individual. No caso do Brasil, um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que apenas 5% dos 3.876 municípios com a presença de migrantes e refugiados oferecem serviço de apoio a essas populações, e onde não existe esse serviço muitos migrantes acabam morando nas ruas (IBGE, 2021). Esta condição os coloca em situação de vulnerabilidade em desequilíbrio com os preceitos constitucionais de proteção da vida humana, independentemente de cor, sexo, raça ou religião. Segundo a juíza de Direito e coordenadora do Núcleo de Estudos Científicos sobre Vulnerabilidades da UFMT, Amini Haddad Campos, para garantir a todos os seres humanos os direitos inerentes à sua própria existência, é preciso superar as diferenças excludentes entre cultura e indivíduo:

Para lograr este equilibrio, donde los seres humanos sean portadores de direchos inherentes a su própria existencia, es imprescindible la superación de la polaridad insensata y excluyente entre cultura e individuo, com el evidente prejuicio para la humanidad em su conjunto. Así, nuestra complejidad cresciente, nuetros usos, costumbres y tracidiones precisam de um cotidiano bajo la luz de "una etnicidade que se torna reflexiva o sea, apta para ejercer uma valoración critica de si misma de forma continua". Esto explica la capacidad de reflexiones éticas a partir de la idea de naturaleza humana (CAMPOS, 2019, p.312).

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, não bastam ações isoladas como a construção de abrigos em algumas capitais ou projetos de realocação de migrantes entre os Estados. É preciso construir políticas públicas que promovam a integração entre nativos e migrantes e criem oportunidades para todos, independentemente de cor, raça, sexo ou nacionalidade. O Congresso Nacional já deu o primeiro passo. Em agosto de 2021, instalou uma Comissão Mista Permanente sobre Migrações Internacionais e Refugiados. A revalidação de diplomas, a empregabilidade e o acolhimento de estrangeiros estão entre os temas tratados em audiências.

#### Capítulo II: Fundamentação Teórica

Para aprofundar este estudo sobre os vínculos comunicacionais e os desafios das mulheres venezuelanas para exercer a cidadania e o acesso ao mercado de trabalho em Cuiabá, é necessário detalhar alguns conceitos que são abordados ao longo da pesquisa, cujo significado implica uma discussão teórica e uma perspectiva epistemológica delimitada pelo campo de investigação. Expressões como "imigrante", "emigrante", "estrangeiro", "migrante" e "refugiado" podem ser definidas de diferentes maneiras, a depender do referencial adotado pelo pesquisador.

## 2.1. Imigrante, emigrante, migrante e refugiado

De acordo com o dicionário *Aurélio*, emigração é quando uma pessoa deixa provisória ou permanentemente um país para residir em outro; pode ser uma saída voluntária de seu país de nascimento ou expatriação. A imigração acontece quando a pessoa entra provisória ou definitivamente em um país estrangeiro para nele fixar residência ou buscar trabalho.

Imigrantes e estrangeiros são duas palavras que estão entre as mais usadas como sinônimos, apesar de terem significados diferentes.

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras; mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se 'estrangeiro' é a definição jurídica de um estatuto, 'imigrante' é antes de tudo uma condição social. (...) Mas, para além do critério social que faz do estrangeiro um imigrante, existem apenas, até as fronteiras e apenas para a linguagem oficial que é a linguagem do direito, estrangeiros (de direito), e todo imigrante é, de direito, um estrangeiro; é assim que começa, aliás, todo o itinerário do imigrante. Portanto, não é à toa que toda legislação relativa à entrada em território nacional é na verdade é necessariamente uma legislação que, sem dizê-lo explicitamente, é também relativa - quando não exclusivamente – à imigração; e inversamente, toda legislação relativa à imigração deve primeiro tratar da admissão de estrangeiros em território nacional (SAYAD, 1991, p.243 apud BARBOSA, 2010, p.24).

Dessa forma podemos perceber que todo o imigrante será um estrangeiro, mas nem todo o estrangeiro será um imigrante, já que o estrangeiro, *a priori*, está só de passagem.

A palavra "refugiados" se refere a pessoas que fugiram do país de origem. Segundo o ACNUR, pessoas que se enquadram neste conceito são aquelas que estão fora do seu país de origem por causa de fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, ou que são vítimas de violação de direitos humanos e conflitos armados. É nesta situação que se encontram 25,4 milhões de pessoas em todo o mundo (ACNUR).

Esse "novo" imigrante difere do tipo tradicional porque se vê obrigado a imigrar. Entre eles, os asilados e os refugiados. O refúgio, por exemplo, não é um fenômeno recente embora tenha tido um recrudescimento nos últimos anos por razões diversas, sendo a principal delas a instabilidade sócio-política em alguns países, o que gera perseguições de várias matizes e desrespeito aos estatutos dos Direitos Humanos (BARBOSA, 2010, p.26-27).

A legislação brasileira também traz uma definição pertinente a esta discussão. A Lei nº 9.474 de julho de 1997 dispõe que refugiadas são as pessoas que estão ameaçadas e buscam segurança diante de possíveis situações de violação dos seus direitos humanos. Já a Lei de Migração, que entrou em vigor em 24 de maio de 2017, reconhece o movimento migratório como um direito humano. Esta lei também traz um capítulo no qual reconhece direitos aos "apátridas", aquelas pessoas que não têm nacionalidade. Essa situação pode ocorrer por vários motivos, como o não reconhecimento de nacionalidade pelo país de origem. De acordo com o ACNUR, existem cerca de 10 milhões de pessoas em todo o mundo nesta situação. Já o número de refugiados aumentou mais de 90% nos últimos anos: em 2010 eram 41 milhões, e em 2019 este número passou de 79 milhões. Isso representa cerca de 1% da população mundial, um dado que sinaliza grande ameaça aos direitos humanos.

No Brasil, imigrantes e refugiados têm os mesmos direitos, mas a exemplo do que acontece em outros países, a presença deles é carregada de preconceitos.

Acolhidos em nome dos direitos humanos por ONGs nacionais ou internacionais e organizações da ONU, é como puras vítimas que os refugiados são tratados, como se devessem sua sobrevivência apenas ao fato de não mais "estarem no mundo". Assim definida, a situação dos refugiados rompe a continuidade entre o homem e o cidadão (AGIER, 2006, p.197-215).

Nas citações literais nesta dissertação, optou-se por respeitar os termos utilizados da maneira original, tanto "imigrante" como "emigrante". Entretanto, na redação do texto

desta dissertação, decidiu-se utilizar o termo "migrante" de forma genérica, em substituição aos termos anteriores.

Esta opção decorreu do entendimento de que o termo migrante é mais amplo e mais adequado para abordar a dinâmica dos múltiplos fluxos dos processos de movimentos constantes de ida e vinda e circulação dentro do país. Neste caso, o "migrante" identifica a pessoa que vive a experiência do deslocamento territorial.

## 2.2. O trabalho no movimento migratório venezuelano

O mundo acompanha pela imprensa internacional a crise financeira e social responsável pela migração em massa. O Brasil está entre as nações mais procuradas pelos venezuelanos. Um dos indicativos dessa informação é a emissão de carteiras de trabalho entre os anos de 2010 e 2018. Foram registrados 49.498 documentos (LIMA; RABELO, 2019).

Os deslocamentos são motivados por diversas razões, e destaca-se nesse processo a centralidade do trabalho (ALMEIDA, 2017).

É importante lembrar que esta mobilidade só acontece de forma legal com o consentimento dos governos, e estes só dão sinal verde se for do interesse da "nação". Os migrantes também podem representar mão de obra mais barata, já que, muitas vezes sem estrutura, estas pessoas se submetem a condições de trabalho inadequadas.

Segundo Michel Foucault (2009), a massa de trabalhadores é considerada útil para a manutenção de um sistema capitalista, pois é constituída por "corpos dóceis" que, sem articulação e rede de apoio, se submetem a condições precárias de emprego.

Toda esta tensão criada pela modernidade na luta para ter um emprego, comida e um lugar digno para morar, faz com que muitas pessoas superem o medo do desconhecido e assumam o risco de um caminho incerto em um percurso migratório sem garantias de sucesso.

Para a população venezuelana, que enfrenta uma crise financeira sem precedentes, já não adianta mais protestar contra a austeridade de um regime ditatorial que levou famílias inteiras à miséria. Homens e mulheres pegam a estrada de ônibus, de carona ou a pé em busca de uma chance de mudar de vida em outro país. Uma rota com futuro incerto, porque eles não sabem o que vão encontrar pela frente, e se o que encontrarão será suficiente para o sustento da família e construção de uma vida com mais dignidade.

Muitas vezes o que essas pessoas encontram é uma situação de vida precária, com limitações para garantia de seus direitos.

O trabalho e a esperança de emprego com carteira assinada têm sido um impulsionador nesse movimento migratório, mesmo com a crescente perda de direitos trabalhistas e precarização das profissões.

Recentemente rupturas institucionais no âmbito das legislações trabalhista têm promovido não apenas a redução e fragilizações formais e com registro, mas têm também alterado o espectro de proteção e direitos conquistados historicamente pelos trabalhadores como aqueles referentes à remuneração de férias, décimo terceiro, insalubridade, horário de descanso no almoço de apenas trinta minutos, contribuição sindical, diminuição à proteção às mulheres grávidas, jornada intermitente, dentre tantas outras alterações (ALMEIDA; COGO, 2018, p. 99).

Segundo os autores, os migrantes enfrentam ainda outras situações limitadoras no acesso ao mercado de trabalho, como as barreiras travadas pelo idioma, revalidação de diplomas, obtenção de documentos como carteira de trabalho e adaptação cultural ao novo ambiente e ao estilo de vida do país de destino. Todos esses fatores podem se configurar entraves para que o migrante conquiste a sua independência. Há que se levar em conta ainda as mudanças estruturais no próprio mercado de trabalho nos últimos anos.

Ricardo Antunes, em seu artigo "Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil" (2014), procura entender quem é a classe trabalhadora hoje no Brasil, percorrendo o processo de reestruturação do trabalho desde o início da década de 1970 nos países centrais, e em meados de 1980 nos países da América do Sul até os dias de hoje.

No caso específico do Brasil, Antunes (2006) pontua duas frentes: a produção de bens e bens duráveis como automóveis, com desenvolvimento acelerado da indústria para o atendimento do mercado interno e de outros países, dada a sua dependência do capital externo e a produção voltada para a exportação, tanto de produtos primários como de produtos industrializados. Segundo ele, havia uma superexploração da mão de obra, que era recompensada com baixos salários e extensas jornadas de trabalho, o que gerou altos índices de acúmulo de capital que foi chamado de "milagre econômico".

Na década de 1990, uma nova força de pressão surge do ABC paulista exigindo direitos. Paralelamente a isso, empresas transnacionais levaram as suas subsidiárias no Brasil a adotarem formas mais flexíveis de acúmulo de capital, e as empresas brasileiras tiveram que se adaptar para manter a competitividade (ANTUNES, 2006; ALVES, 2000).

As empresas se tornaram mais enxutas e criaram prêmios de incentivos para fomentar a produtividade. A introdução de novas tecnologias em todos os setores da economia eliminou postos de trabalhos, mas também criou outros, como o telemarketing na área de serviços. Este, como se trata de uma modalidade de emprego que requer baixa qualificação e com pouca experiência de atuação em sindicatos, tem os salários entre os mais baixos do mundo (BRAGA, 2014).

Para Ricardo Antunes, todos esses fatores, aliados ao grande desenvolvimento das tecnologias, contribuíram para a ampliação da flexibilização, da informalidade e da precarização da classe trabalhadora. No artigo publicado na revista *Estudos Avançados*, o autor discorre sobre a morfologia do trabalho no Brasil.

[...] tanto os assalariados da indústria quanto os da agroindústria e do setor de telemarketing e call centers são partes constitutivas das forças sociais do trabalho que participam, direta ou indiretamente, da geração de mais-valia e da valorização do capital. Oscilando entre a grande heterogeneidade em sua forma de ser (gênero, etnia, geração, espaço, qualificação, nacionalidade etc.) e a impulsão tendencial para uma forte homogeneização que resulta da condição precarizada presente em distintas modalidades de trabalho que se ampliam em várias partes do mundo e também no Brasil, eles se convertem cada vez mais em partícipes ativos no desencadeamento de novas lutas sociais e sindicais que vêm se ampliando em escala global (ANTUNES, 2014, p.51).

Esta condição de vulnerabilidade gera muitas leituras e debates. No livro *O precariado: a nova classe perigosa*, Guy Standing nos traz um outro eixo conceitual que coloca a categoria "precariado" entendida como uma nova classe social típica da sociedade terciária do mercado global. Standing (2017) analisa as transformações no mercado de trabalho com ênfase na chamada "era da globalização", que, segundo ele, impactou no crescimento do número de pessoas em condições de trabalho precárias. A própria palavra "precariado" se dá com a junção das palavras proletariado e precariedade, que o autor usa para definir uma classe que ele considera em formação, que já existe, mas que ainda não teria uma agenda política ou estratégica. Na concepção do autor, o "precariado" seria algo distante do trabalhador tradicional na indústria, porque não tem um contrato social com o capital e o Estado. O "precariado" também não se classificaria como uma classe média oprimida, ou uma classe baixa, ou uma classe baixa trabalhadora. O "precariado" caracteriza-se pela insegurança. A abordagem do teórico inglês é polêmica. Muitos autores discordam de que se trata de uma "nova classe", e sim de um

subtipo de proletariado que seria o reflexo de uma tendência estrutural do capitalismo contemporâneo.

## 2.3. Migração do conhecimento: trabalho qualificado

A crise econômica e política na Venezuela afastou não só trabalhadores com pouco estudo, mas também trabalhadores qualificados que ficaram sem perspectiva de aprimoramento intelectual e crescimento profissional. Esse processo vem se intensificando desde o início de 2010 com a transferência de empresas transnacionais e profissionais mais preparados (REQUENA; CAPUTO, 2016).

Para a identificação do perfil do migrante altamente qualificado são utilizados parâmetros internacionais na definição do trabalhador qualificado migrante como recurso humano voltado à ciência e tecnologia (OCDE, 1995). Esses critérios foram adaptados ao contexto sócio-ocupacional brasileiro contemporâneo (MELLO, 2007), permitindo compor a categoria dos migrantes trabalhadores do conhecimento (DOMENICONI, 2017). Essa categoria abrange migrantes com alto nível educacional, equivalente a ensino superior completo em diferentes áreas.

Os trabalhadores do conhecimento constituem forças para o desenvolvimento de pilares econômicos e politicamente estratégicos para países em expansão produtiva e para o crescimento em sociedades ligadas à circulação internacional de conhecimento e informações. São profissionais com elevado nível de educação formal que representam um capital humano no processo criativo de desenvolvimento tecnológico e de inovação, no desenvolvimento e criação de conhecimento voltado à resolução de problemas complexos, administração e gestão, e profissionais inseridos no campo de pesquisa e educação para o desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia com alto valor agregado (FLORIDA, 2012 apud CASTELLS, 2018).

Para a análise desse cenário no Brasil, os dados podem ser obtidos através dos registros das próprias empresas legalmente constituídas na RAIS – Relação Anual de Informações Sociais, na Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia. Assim, o entendimento do movimento migratório venezuelano para o Brasil também inclui a circulação de profissionais qualificados de forma mais ampla, relacionada às alterações na divisão internacional do trabalho e aos conflitos geopolíticos do capital (ROBERTSON, 2014; SASSEN, 2007).

Por outro lado, também há uma disputa por "talentos científicos", já que eles são peças essenciais para economias baseadas no conhecimento. Isso influencia na inserção sociolaboral dos migrantes de acordo com a necessidade do mercado transnacional do trabalho qualificado. Esses trabalhadores migrantes podem ser colocados tanto no topo da estrutura do mercado de trabalho quanto na base, mesmo que tenham um perfil e um desenvolvimento profissional compatível com cargos que exijam pessoas altamente qualificadas (ANTUNES, 2018; CASTELLS, 2018; SOLIMANO, 2008).

Tabela 3. Vínculos ativos de trabalho formal no Brasil em 31/12 do ano de referência, para imigrantes e imigrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela, 2011-2019

Imigrantes	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Imigrantes da Venezuela – TOTAL	335	457	545	634	888	1.293	2.711	7.353	19.746
Imigrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela	123	138	151	170	216	218	274	371	514
Homens imigrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela	79	87	104	107	123	127	154	227	295
Mulheres imigrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela	44	51	47	63	93	91	120	144	219
Total de Imigrantes trabalhadores do conhecimento no Brasil	16.972	18.678	19.269	20.464	20.244	19.306	19.257	18.971	18.718

Fonte: Domeniconi, Baeninger e Demétrio (2021, p.191). Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho, 2011-2019. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo — Nepo/Unicamp.

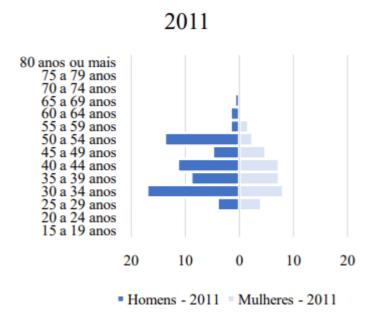
Nesta tabela, com dados do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp), com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Secretaria do trabalho do Ministério da Economia, podemos observar a evolução dos vínculos ativos de trabalho formal no Brasil em 31 de dezembro do ano de referência, para migrantes e migrantes trabalhadores do conhecimento da Venezuela entre 2011 (ano em que os profissionais de nacionalidade venezuelana passaram a ser registrados de forma distinta pelas empresas na base de dados da RAIS) e 2019. O quadro traduz em números as camadas populacionais movimentadas pelo fluxo migratório da Venezuela para o Brasil, diante da instabilidade política e econômica daquele país.

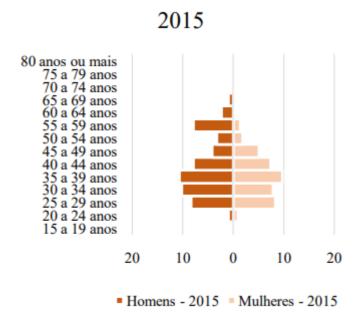
No caso dos migrantes trabalhadores do conhecimento vindos da Venezuela, em 2011 eles representavam 0,7%, com 123 do total de 16.972 vínculos formais. Em 2019, o índice subiu para 2,6%, com 514 do total de 18.718 vínculos formais. Isso mostra a circulação do trabalho qualificado nesta dinâmica migratória.

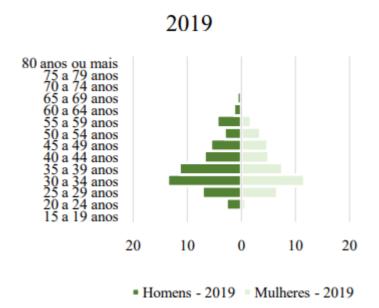
Os números também mostram o aumento da participação das mulheres com nível cultural elevado no processo migratório. As venezuelanas trabalhadoras do conhecimento vêm despontando em índices absolutos e relativos na inserção no mercado de trabalho formal brasileiro na última década. Elas passaram de 44 vínculos ativos em 2011 (35,8% do total de trabalhadores venezuelanos do conhecimento), para 219 em 2019 (42,6% do total de migrantes da Venezuela na categoria trabalhadores do conhecimento).

Em relação à idade, houve um rejuvenescimento neste ciclo migratório. Em 2011 predominavam homens entre 30 e 44 anos e 50 e 54 anos, enquanto as mulheres tinham idade predominante entre 30 e 44 anos. Em 2019, há uma concentração maior de grupos com idade entre 30 e 39 anos, tanto do sexo masculino quanto feminino.

Gráfico 1. Distribuição relativa dos vínculos ativos de trabalho formal no Brasil







Fonte: Domeniconi, Baeninger e Demétrio (2021, p.193). Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho, 2011-2019. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo — Nepo/Unicamp.

Os gráficos também trazem informações importantes referentes à área de atuação dos trabalhadores venezuelanos do conhecimento no Brasil. A área de tecnologia é a que mais exportou mão de obra da Venezuela para cá, com destaque para a função de analista de sistemas computacionais, que passou de 11 casos em 2011 para 104 casos de vínculos ativos em 2019. Em segundo lugar estão os profissionais da área de engenharia, em diferentes campos de especialização, que tiveram 32 vínculos ativos no início da década e este número aumentou para 53 em 2019. Já os profissionais da área da educação, principalmente professores de ensino superior, subiram de 10 casos em 2011 para 51

vínculos formais em 2019. Na área da saúde, o número de médicos no mercado de trabalho formal passou de 8 em 2011 para 44 em 2019.

Pode-se citar ainda outras atividades do mercado de trabalho brasileiro que absorvem profissionais do conhecimento. Venezuelanos e venezuelanas que são analistas de sistemas, médicos clínicos, professoras nas áreas de língua e literatura do ensino superior, professores do Ensino Médio, administradores de empresas, professores na área de formação pedagógica do ensino superior, engenheiros, entre outros profissionais, conforme divulgado pelo Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp-CNPq/Nepo-Unicamp).

No processo de globalização, é preciso reconhecer a existência de um agravamento das condições de trabalho. A cobrança por horas de trabalho foi substituída pela cobrança por produtividade, entregando cada vez mais em menos tempo. É uma nova condição laboral aliada a perdas de direitos trabalhistas. Dentro desse contexto, o migrante, principalmente o estrangeiro, aparece entre os mais atingidos por essa nova ordem de produção do capital. E a situação tende a se ampliar, por exemplo, com os entregadores delivery, de moto e de bicicleta.

A humanidade assiste a uma mobilidade crescente por motivos variados, que vão desde desastres ambientais a busca de trabalho. Ao cruzarem a fronteira, os migrantes deparam-se com uma realidade repleta de dificuldades e barreiras para o acesso aos serviços públicos. Muitos nem entram nas estatísticas por viverem na chamada clandestinidade, pela ausência de documentação, e são esses trabalhadores que caem nas armadilhas do serviço pago por empreitada, em que o retorno financeiro fica bem abaixo do praticado no mercado, com carga horária exaustiva, sem nenhum direito trabalhista.

Standing (2017) alerta-nos para as posturas dos governos das principais economias que são contraditórias. Em seus discursos, condenam a "invasão" migratória para agradar os eleitores que temem o desemprego e a insegurança pública. Por outro lado, pressionados pelas empresas que querem a mão de obra migrante, muitas vezes em detrimento da mão de obra local para pagar menos, atuam para facilitar a entrada de migrantes. Segundo Standing (2017, p. 159), "[...] o capital dá boas-vindas à imigração, ela traz mão de obra barata e maleável".

Esta contradição, no entanto, tem consequências práticas. Uma delas é a falta de políticas públicas para o acolhimento, atendimento e encaminhamento desses migrantes para que eles possam se desenvolver. No Brasil, por exemplo, existem ações pontuais e importantes, mas que não atendem a todas as demandas.

Segundo o governo federal, nos últimos cinco anos, cerca de 700 mil venezuelanos entraram no país, conforme já mencionado nesta dissertação.

Esse deslocamento em massa teve impacto nas cidades de destino. Segundo estimativa da ONU, só na cidade de Boa Vista, capital de Roraima vivem hoje cerca de 32 mil venezuelanos. 2.000 estão em cinco abrigos da Operação Acolhida na cidade. A taxa de desemprego entre eles é de 31%, e mesmo entre quem trabalha, o nível de renda é um terço da média da população de Roraima (VEJA<sup>2</sup>).

Vimos que ações do governo federal em parceria com o ACNUR, como criação de abrigos e o projeto de interiorização, têm sido importantes, mas é preciso também uma mobilização nos municípios de vão receber esses migrantes para a formação de uma rede de apoio que possa acolher de fato essas pessoas.

São situações diversas que nos mostram o quanto este tema é complexo e precisa de um plano nacional estratégico para a inserção e integração dos migrantes ao mercado de trabalho e à sociedade.

# 2.4. Mulheres venezuelanas, migração e feminismo

Estudos indicam que a presença feminina é constante e tem crescido no cenário da migração internacional. De acordo com o relatório da Organização Internacional para Migrações, quase metade das pessoas que hoje vivem fora do seu país de origem (47.9%) é do sexo feminino (OIM, 2019)<sup>3</sup>.

Porém, as mulheres que migram ainda têm pouca visibilidade nos meios de comunicação e carecem de políticas públicas adequadas às suas necessidades. E essa situação pode ser associada a um processo histórico.

Durante muito tempo, a contribuição das mulheres na migração foi negligenciada pelos dados estatísticos. Uma das consequências deste "silenciamento" da presença feminina nos processos migratórios é que trabalhos e pesquisas acadêmicas não mencionavam a categoria gênero e acabavam por escamotear a importância desse movimento na conjuntura atual (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010, p.348).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Disponível em: <a href="https://veja.abril.com.br/politica/venezuelanos-em-roraima-enfrentam-desemprego-e-falta-de-acesso-a-educacao/#:~:text=Cerca%20de%2032%20mil%20venezuelanos,da%20Opera%C3%A7%C3%A3o%20Acolhida%20na%20cidade. Acesso em: 20 jun. 2022.

Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031. Acesso em: 20 jun. 2022.

O silêncio provocado pela invisibilidade esconde as nuances de uma demanda diferenciada. É consenso entre os estudiosos que a sociedade avançou a passos largos no conhecimento em diversas áreas como na medicina, na tecnologia, na automação, na astronomia, o que garante feitos inimagináveis em um passado distante, como viagens de pesquisa a outros planetas. Este movimento acelerado trouxe qualidade de vida e dignidade à população, mas uma parcela está excluída ou tem acesso limitado aos benefícios que resultam desses avanços. Em diferentes culturas, as mulheres ainda figuram no grupo dos vulneráveis, que não têm garantido o básico: os direitos humanos respeitados.

Mesmo hoje, momento em que para muitos estaríamos vivendo a pósmodernidade, na qual os direitos humanos já correspondem a um conjunto que vai muito além dos direitos meramente individuais, que deveriam alcançar todas as pessoas do mundo, em distintos países, de diversas matizes culturais, voltados para direção comum de proteção à dignidade e aos direitos fundamentais dos seres humanos, é incontroverso que esse objetivo está muito distantes de ser alcançado, curiosamente, pelas pessoas que mais precisam de proteção e que se mostram incapazes de lutar singularmente pela consolidação de tais direitos, como as mulheres em situação de vulnerabilidade" (RODRIGUES, 2022, p.197).

Esta constatação reafirma a importância de trabalhos de pesquisa nesta linha, na medida em que lança luz a esta parcela da população mundial que é parte significativa do movimento migratório, mas pouco aparece nos estudos e, consequentemente, não é pautada de forma distinta na elaboração de políticas públicas que possam atender às demandas delas nos campos pessoal e profissional. A escritora norte-americana, filósofa, ativista e uma das principais referências do feminismo, Judith Butler (2016), em suas reflexões sobre gênero, nos diz:

[...] a precariedade sempre esteve nessa análise, uma vez que a performatividade de gênero era uma teoria e uma prática, poderíamos dizer que se opunham às condições invisíveis em que vivem as minorias de gênero (e, por vezes, também aquelas maiorias de gênero que passam como normativas a custos psíquicos e somáticos muito altos). Precariedade designa esta condição politicamente induzida sofrem por conta de redes insuficientes de apoio social e econômico mais do que outras, e se tornam diferentemente expostas à injúria, violência e morte (BUTLER, 2016, p.33).

Para Butler (2016), populações que são diferencialmente expostas têm riscos mais elevados de pobreza, fome, despejo e vulnerabilidade às violências sem proteção ou

reparo adequados. No caso das mulheres migrantes, elas sofrem duas vezes: enfrentam preconceito por serem mulheres e por praticarem a diáspora.

Guacira Lopes Louro (2003) aborda a questão de gênero numa perspectiva foucaultiana de poder. Segundo a autora:

[...] a maneira como se entrelaçam as diferentes formas de opressão não é, pois, uma equação que possa ser resolvida facilmente. Relações de gênero racializadas, etnicidades generificadas são apenas algumas das combinações que vêm ocupando estudiosas/os e cujos resultados estão longe de serem previsíveis ou estáveis (LOURO, 2003, p.54).

A identificação de diferentes demandas entre as mulheres ao logo da história levou ao que os teóricos chamam de ondas do movimento feminista. De forma sintética, podemos citar aqui numa linha cronológica que circunstâncias como a Revolução Industrial, as revoluções liberais do século XVIII e as Grandes Guerras seriam momentos que separam a primeira e a segunda onda do movimento. O enfrentamento às diferenças discriminatórias entre homens e mulheres marcaram a primeira onda.

A segunda onda estaria mais focada nas questões privadas e no poder de decisão sobre o próprio corpo da mulher. A terceira onda, já mais recente sob o aspecto histórico, tem o foco principal voltado não mais para a diferença entre homens e mulheres, mas para a diferença entre as próprias mulheres com a ampliação do debate para questões de cor, raça, religião e orientação sexual (ESPINOZA, 2004).

Era preciso reconhecer que o movimento feminista vinha sendo excludente ao não dar visibilidade às demandas de alguns grupos. Na primeira e na segunda onda, mulheres bem educadas de classe média e as donas de casa americanas dos anos 1970 e 1980 tinham monopolizado as demandas feministas, em detrimento das questões enfrentadas por outras mulheres, que, apesar de serem também mulheres, não estavam no mesmo patamar daquelas em relação a outros marcadores sociais.

As mulheres negras e as lésbicas proclamaram o caráter metanarrativo do conceito de gênero, que inviabiliza as diferenças entre as mulheres, impondo uma identidade comum que corresponde na realidade aos interesses da identidade hegemônica das mulheres heterossexuais e da raça branca. Em síntese, o gênero caiu na mesma armadilha que havia pretendido evitar: a homogeneização e a imposição de uma identidade única (FRANCO, 2004 *apud* ESPINOZA 2004, p.15).

Stuart Hall, em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2001), discorre sobre reconhecimento, identidade e feminismo enquanto movimento. Segundo ele, essas novas ondas foram fundamentais para que outros movimentos sociais também identificassem novas demandas. A ressignificação através dessas identidades, passam a enxergar a mulher não só como o reflexo do outro, mas com marcas e sinais próprios.

Algumas autoras dedicadas ao estudo do feminismo apontam para uma quarta onda em curso. Na década de 1990 intensificaram-se pesquisas sobre os impactos da internet sobre os movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, que alguns atores relatam como a emergência de um "ciberativismo feminista", que seria a propagação de ideias pela internet. Na década de 1980, a filósofa Donna Haraway, em sua obra *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, já previa o enfraquecimento dos movimentos sociais nos padrões da época e apontava a internet como nova forma de potencialização e agregação dos grupos e difusão de identidades como as de gênero e raça. Transformações provocadas pela web abordadas e discutidas em 1997 no I Encontro Internacional "Ciberfeminista" realizado na Alemanha<sup>4</sup>.

No Brasil, as três primeiras ondas dos feminismos são marcadas por lutas importantes e significativas, como os movimentos pelo direito ao voto, contra a ditadura e por políticas públicas que atendam às necessidades das mulheres. Na primeira onda, o movimento teve à frente mulheres de elite, com um caráter mais liberal. Na segunda onda, o movimento se fortaleceu dentro de Universidades Públicas e associações de mulheres de diversas linhas de pensamento. Na terceira fase, autoras como Olívia Cristina Perez (2019) sinalizam na direção de uma institucionalização do movimento com o surgimento de novas organizações não governamentais e diálogos entre militância e estado.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, o racismo deixou marcas muito profundas em diversas áreas, como no campo do trabalho. As mulheres negras passaram a reivindicar com veemência o seu lugar de fala em um movimento do qual não se sentiam representadas.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Disponível em: <a href="https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas\_journal/article/view/1209/1087">https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas\_journal/article/view/1209/1087</a>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Quando falamos do mito fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando?

Nós mulheres negras fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral, e de mulheres negras em particular. Sabemos também que em todo este contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor (...)

A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro, construído num contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades (CARNEIRO, 2003, p.50-51).

Já a quarta onda aqui no Brasil passou a ser estudada a partir da década de 1990, com a ampliação do acesso à internet e sua utilização como ferramenta de divulgação e mobilização por ONGs, movimentos sociais e por órgãos públicos. Porém, somente com a chegada da banda larga foi possível maior conectividade e popularização da internet para a prática do "ciberfeminismo" de forma mais contundente.

A pesquisadora Fabiana Martinez (2019, p.10) relata que houve um aumento de 10% no número de brasileiras que se reconheciam como feministas entre os anos de 2001 e 2010, o que ela atribui às novas formas de interação que facilitaram a ampliação do debate de ideias e maior penetração em todas as camadas sociais, possibilitando que mulheres de diferentes linhas de pensamento pudessem se posicionar e se identificar com as pautas. Segundo a pesquisadora, esse novo cenário tornou o movimento mais atrativo, principalmente para o público jovem que tem mais facilidade com as tecnologias. Entre as principais características destacadas pelas pesquisadoras Olívia Perez e Arlene Ricoldi (2019, p.8) na quarta onda do Movimento Feminista no Brasil estão: a desinstitucionalização em relação à terceira onda, com maior difusão das ideias na sociedade de foram mais livre por meio da internet; a horizontalidade, já que fora das instituições e organizações o nível de hierarquia é muito baixo e as ativistas têm mais autonomia para expor suas ideias; a organização em grupos de maneira mais informal em

redes sociais, ganhando mais interação e apoio coletivo; o retorno às ruas, já que na segunda e terceira ondas os debates feministas ocupavam de forma mais efetiva as Academias, ONGs e instituições governamentais. Na quarta onda, a internet possibilita rapidez na mobilização dos grupos para os protestos e manifestações em locais públicos. As autoras destacam ainda o caráter "interseccional". De acordo com elas, ainda que muitos coletivos feministas na internet não se reconheçam como interseccionais nem façam menção a este termo, a discussão sobre a intersecção entre a opressão de gênero e outras como a LGBTfobia, o racismo, o capacitacismo e a gordofobia está muito presente em diversos grupos e páginas virtuais que se alinham com o feminismo hoje; e a divisão e disputa de vertentes. As autoras ponderam que, apesar de a interseccionalidade estar viva nos debates, muitas feministas divergem em pontos de valores e estratégias de lutas políticas. Assim surgem caminhos diferentes para compreender e enfrentar as discriminações e opressões de gênero na sociedade contemporânea. Outra característica citada é o caráter transnacional da quarta onda. Com o uso de sites, páginas, redes sociais e aplicativos, o movimento feminista, esteja onde estiver, ganha uma proporção global, já que com essas ferramentas digitais as ideias viralizam em tempo recorde.

Pesquisadoras destacam três mobilizações significativas articuladas por meio da internet que marcariam a quarta onda no Brasil: A Marcha das Vadias em 2011, as Jornadas de Junho de 2013 (PEREZ; RICOLDI, 2019) e o ano de 2015, conhecido como Primavera Feminista (MARTINEZ, 2019; DUTRA, 2020)

Convocada no Canadá em 2011 em resposta à culpabilização da vítima pelo estupro, a *Slutwalk*, como ficou conhecida, se espalhou por diversos países e chegou ao Brasil com o nome de Marcha das Vadias. Esta mobilização foi considerada uma das primeiras manifestações brasileiras articuladas por meio das redes sociais. (FELGUEIRAS, 2017, p.119)

Jornadas de Junho de 2013 também são citadas como marco da quarta onda e representam uma resposta concreta em formato de protesto nas ruas, que simbolizam a aversão às instituições com novas vozes e novos discursos se potencializando na internet, convocando outros grupos de mulheres identificadas com as pautas feministas a irem para as ruas contra os retrocessos relacionados às questões de gênero (PEREZ; RICOLDI, 2019, p.17).

A Primavera Feminista, que marcou o ano de 2015, ocorreu em alusão à onda de manifestações organizadas pela internet nos países árabes em 2011 contra os regimes autoritários e que ficou conhecida como Primavera Árabe. Durante todo o ano de 2015

Out/15

foram realizados vários protestos com articulação e engajamento pela internet. Este ano também foi marcado pela Marcha das Mulheres Negras, que representam um importante grupo do movimento feminista atual e figuraram entre os assuntos mais comentados no país no Twitter. Também aconteceram neste ano algumas das campanhas cibernéticas com maior engajamento no país, como #PrimeiroAssedio, #MeuAmigoSecreto e #VamosJuntas, que atuaram como canal de identificação, apoio e denúncia.

Os dados reunidos por *Think Olga* e apresentados por Martinez (2019, p.15) mostram que as buscas na internet por "feminismo" e "empoderamento feminino" cresceram significativamente.

Entre janeiro de 2014 e outubro de 2015, as buscas por "feminismo" e "empoderamento feminino" cresceram 86,7% e 354,5% respectivamente.

Feminismo

Empoderamento feminino 3,600

90.500

Jan/14

Out/15

Figura 6. Impacto do conhecimento feminista na internet 2014-2015 pelo site Think Olga reproduzido por Martinez (2019) em "Feminismos em movimento no ciberespaço".

Fonte: site Think Olga

Jan/14

As sucessivas manifestações tiveram resultados concretos. Foi em 2015 que a presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, sancionou a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104 de março de 2015). O feminicídio é o crime que considera o assassinato que envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de ser mulher. A lei inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Mas o aparato jurídico não foi suficiente para coibir este crime durante a pandemia. Com o isolamento instituído em períodos alternados, muitas mulheres foram assassinadas. De acordo com o levantamento feito nas Secretarias de Segurança Pública por mídias independentes (Amazônia Real, AzMina, #Colabora, Eco Nordeste, Marco Zero Conteúdo, Ponte e Portal Catarinas), pelo menos 1005 mulheres morreram entre os meses de março e dezembro de 2020 no país, conforme mostra o mapa:



Figura 7. Amazônia Real publica que na pandemia três mulheres foram vítimas de feminicídio por dia

Fonte: Site Amazônia Real

Conforme dados divulgados no site Amazônia Real, de março a dezembro de 2020, 14 estados registraram aumento no número de feminicídios. Juntos, o crescimento atingiu o patamar de 20% em comparação ao mesmo período de 2019. Mato Grosso e Pernambuco, de acordo com a publicação, foram os estados que registraram o maior aumento em números absolutos: 22 (73%) e 16 (36%) casos a mais, respectivamente, em

comparação com o mesmo período do ano anterior. Outro estado que registrou um crescimento significativo na taxa de feminicídio foi o Amazonas: 67%.

Para a juíza, primeira magistrada do país a aplicar a Lei Maria da Penha no Brasil, e coordenadora do Núcleo de Estudos Científicos sobre Vulnerabilidades da UFMT, Amini Haddad Campos, não bastam apenas leis eficazes, é preciso avançar também em outras áreas para o enfrentamento da violência contra a mulher:

Ainda que inegáveis as evoluções ocorridas, há muito a ser melhorado tanto no sistema de prevenção quanto no sistema de punição (justiça), eis que se faz necessária uma atuação sistemática e conjunta entre todos os poderes e esferas de governo capaz de proporcionar às vítimas de violência de gênero, acesso a políticas públicas pró-equidade de gênero de maneira eficaz e eficiente.

Assim, a violência de gênero não deve ser combatida somente com transformações do ponto de vista policial e judiciário, mas também por intermédio do enfrentamento da opressão sofrida pelas mulheres para que se promova a mobilização, tanto do Estado como da sociedade no campo da cultura, economia, educação, saúde pública, segurança e justiça, visando à mudança de costumes e paradigmas no trato e reconhecimento das mulheres como indivíduos detentores de direitos da mesma magnitude que qualquer outro ser humano (CAMPOS, 2015, p.260).

É nesse cenário em constante transformação e ainda tão carente de garantias de proteção dos direitos que mulheres migrantes, sozinhas ou acompanhadas, entram no Brasil, em vários estados como Mato Grosso, buscando justamente a construção de um ambiente de direitos preservados que supere barreiras, como o preconceito de raça, posição de classe e nacionalidade. Aqui elas, enfrentam não só as barreiras de gênero, mas também o preconceito que atormenta os migrantes em solo brasileiro, onde são vistos como o "Outro", o que nos faz lembrar as reflexões da filósofa Simone de Beauvoir ainda na década de 1980.

Os judeus são "outros" para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Lévi-Strauss pôde concluir: a passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos, que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um mito baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental

em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em opondo: ele pretende afirmar-se com o essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (BEAUVOIR, 1980, p.11-12).

No caso das venezuelanas que vêm para o Brasil, elas já trazem consigo uma histórica de luta contra a discriminação de gênero no próprio país de origem. No site UOL, da *Folha de S. Paulo*, no dia 22 de maio de 2021, a jornalista Sylvia Colombo faz referência ao movimento "YoTeCreo", o mais articulado da Venezuela, que vem se expandindo e ganhando cada vez mais adeptas:

O movimento venezuelano se chama "YoTeCreo" e, ainda que tenha realizado alguns eventos presenciais, ganhou sua principal força nas redes sociais. Primeiro, porque estamos numa pandemia. Segundo, porque os abusos contra as mulheres venezuelanas agora ocorrem em vários países, desde que a diáspora começou. Hoje são quase 6 milhões de venezuelanos (ONU) que migraram, e muitos deles estão vivendo em países da região. (Site UOL, 22/05/2021)

De acordo com a publicação, o "YoTeCreo" passou a ganhar mais força em abril de 2021, quando mulheres começaram a fazer postagens em plataformas como Instagram e Twitter com relatos de abusos sexuais por parte de amigos, familiares e até mesmo figuras públicas. As postagens se multiplicaram e logo já eram milhões.

Assim como no Brasil, também há divisões dentro do movimento feminista da Venezuela, principalmente no que diz respeito às estratégias de reivindicação de direitos. Mas, segundo a publicação, diante da grave crise do país vizinho, elas estão se organizando em torno de suas bandeiras e utilizando as ferramentas digitais disponíveis nesse processo. Além deste movimento, também foram localizados outros grupos na internet com a participação de venezuelanas que se declaram feministas, como o Coletivo Uquira, as Comadres Purpuras, a Rede de Mulheres da Anistia Internacional, Fundamujer, Hermanas Naturales, WeLab Venezuela, Faldas-R, Aliadas e Cadena, Feminismo Inc, Em Tinta Violeta, e Araña Feminista.

À medida que se aprofundam os estudos, novas demandas são identificadas, como, por exemplo, a da mulher migrante que muitas vezes é invisibilizada no movimento da diáspora, seguindo a sombra dos homens, mesmo que em muitas situações assumam o papel de protagonista. Guacira Lopes Louro (2003, p.55) observa ainda que:

[...] todas estas estudiosas e esses estudiosos, ao combinarem o rigor das análises com o entusiasmo das lutas sociais, nos fazem pensar que as formas de opressão e a instituição das diferenças são muito mais do

que temas acadêmicos de ocasião – elas se constituem em apaixonante questão política.

Nesse sentido, o recorte da pesquisa sobre a experiência das mulheres venezuelanas migrantes contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica sobre as relações sociais e a forma como elas são narradas e retratadas em diferentes espaços, entre eles a comunicação virtual. Para o desenvolvimento de uma sociedade menos injusta e excludente, é necessário que os diferentes atravessamentos que envolvem, no caso, migração e gênero, sejam objeto de investigação e discussão, ampliando-se assim a visibilidade dessas questões por diferentes áreas, para o desenvolvimento inclusive de políticas públicas mais eficientes e eficazes.

#### 2.5. Mulheres venezuelanas e acesso ao mercado de trabalho

A busca por emprego pelas mulheres no Brasil é historicamente cercada de desafios independentemente da etnia, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas. Todos os anos em março, mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o assunto ressurge nos meios de comunicação como pauta prioridade. No dia 4 de março de 2021, o site de notícias G1 publicou um levantamento do IBGE que mostra o cenário atual. Segundo a publicação, a participação de mulheres no mercado de trabalho teve uma pequena alta nos últimos cinco anos. O instituto de pesquisa indica que a força de trabalho feminina aumentou em 2,9 pontos percentuais entre os anos de 2012 e 2019, enquanto a dos homens caiu em um ponto percentual no mesmo período. Para o instituto, este é um fenômeno atípico. Em entrevista concedida ao portal de notícias, o analista da Gerência de Indicadores Sociais do IBGE, André Simões, declarou que o aumento da participação das mulheres pode estar relacionado ao impacto da crise econômica nos anos de 2015 e 2016 sobre os postos de trabalho dos homens, já que a taxa delas aumentou anualmente desde 2015, enquanto a deles caiu principalmente entre 2016 e 2018.

Uma coisa que a gente pode falar é que a crise de 2015 e 2016 afetou muito os setores que empregam mais homens, como a indústria e a construção civil. As mulheres, é claro, sentem a crise também, mas elas estão mais em setores como os de serviços, que sofreram menos (G1, 2021).

O analista da Gerência de Indicadores Sociais do IBGE esclarece ainda que isto não significa que houve uma melhora qualitativa da ocupação das mulheres no mercado

de trabalho. Segundo ele, este pequeno aumento na taxa de participação pode estar indicando a necessidade da mulher em buscar uma ocupação em razão da saída de homens do mercado de trabalho, como forma de trazer recursos para o domicílio diante do desemprego dos maridos.

O levantamento mostrou ainda que, além da desigualdade sexual, as mulheres também esbarram na desigualdade racial. Em 2019, a taxa de participação das mulheres brancas foi de 55,7%, enquanto entre as pretas e pardas foi de 53,5%, respectivamente acima e abaixo da média.

Outro ponto destacado pela pesquisa foi a questão de ter filhos pequenos como barreira para o acesso ao mercado de trabalho. Em 2019, 67,2% das mulheres que estavam empregadas não tinham filhos com menos de 3 anos de idade. Já o índice de mulheres com filhos nesta faixa etária cai 54,6% no mesmo período, e entre as pretas e pardas com filhos menores de 3 anos, o nível de ocupação é ainda menor, 49,7%.

Cabe salientar também a questão da qualidade do emprego, já que houve queda da presença feminina em cargos de gerência em dois anos seguidos, 2018 e 2019.

Figura 8. Evolução da participação de mulheres em cargos gerenciais IBGE / G1  $\,$ 

# Evolução da participação das mulheres em cargos gerenciais

Pelo segundo ano seguido, diminuiu a presença feminina em cargos de direção e gerência.

2012 36,8%

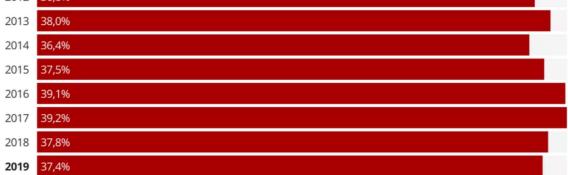


Gráfico: Economia/G1 • Fonte: IBGE

Na avaliação de Simões (G1, 2021), ainda existem barreiras estruturais que dificultam a participação da mulher em postos de maior complexidade e, consequentemente, de maior remuneração.

São muitas as barreiras. Na esfera cultural, a mulher ainda é vista como a pessoa que deve assumir a função reprodutiva e de cuidados domésticos, enquanto os homens ainda são encarados como os provedores do lar (G1, 2021).

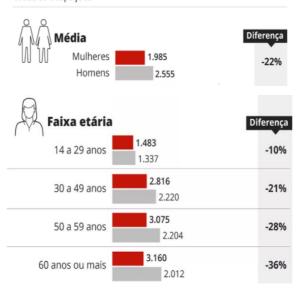
Um ponto que chama atenção nesse levantamento é que a queda na participação das mulheres nos cargos de direção segue na contramão do nível de instrução. O levantamento do IBGE mostra que em 2019, entre a faixa etária de 25 anos ou mais, 19,4% das mulheres tinham curso superior completo, já entre os homens nesta faixa de idade, o índice cai para 15,1%. Isso revela que a formação superior ainda não é suficiente para quebrar barreiras culturais. Estas barreiras têm reflexos também nos salários. A remuneração média das mulheres em 2019 foi de R\$1.985,00. Já a remuneração média dos homens ficou em R\$2.555,00. De acordo com o IBGE, a remuneração das mulheres foi menor em todas as faixas etárias. A menor diferença foi no grupo entre 14 e 29 anos (10% a menos que a dos homens na mesma faixa etária). Já entre as pessoas com 60 anos ou mais, a diferença foi de 36%.

Entre as funções analisadas, as mulheres só tiveram salários maiores que os homens nas Forças Armadas, policiais e bombeiros militares: elas recebem em média 5% a mais que os homens que ocupam os mesmos cargos. Já em cargos de diretoria e gerência no setor privado, as mulheres ganham 38% a menos que os homens que ocupam os mesmos cargos.

Figura 9. Infográfico G1 sobre a diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil

# Diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil em 2019

Elas recebem menos em todas as faixas etárias e quase todas as ocupações





Este levantamento do IBGE, publicado no portal de notícias G1 em 04/03/2021, às 10h, como vimos, traz estatísticas referentes ao espaço temporal compreendido entre 2012 e 2019, portanto, antes do início da pandemia. Após a entrada no país do coronavírus (SARS-CoV-2), a situação das mulheres no mercado de trabalho apresentou um declínio significativo. Na análise dos dados do Ministério do Trabalho, a empresa de consultoria LCA ressalta que os efeitos da pandemia sob o emprego para as mulheres foram devastadores.

Em 2020, quando oficialmente o vírus começou a circular no país e a ciência ainda se desdobrava para encontrar uma vacina capaz de combatê-lo com eficiência, a economia mundial se retraiu. No Brasil não foi diferente. A necessidade de isolamento social para evitar o contágio provocou mudanças drásticas no modo de consumo e na forma de trabalhar. Para alguns setores, os efeitos foram fortes demais e muitas empresas tiveram que fechar as portas. As estatísticas do Ministérios do Trabalho indicam que em 2020, 480 mil postos de trabalho com carteira assinada foram perdidos. Destes, 462 mil eram ocupados por mulheres, o que representa 96%. Ou seja, entre os trabalhadores brasileiros, a pandemia ampliou a desigualdade de gênero (Fonte: Ministério do Trabalho).

Em entrevista ao *Jornal Nacional* no dia 8 de dezembro de 2021, o economista da LCA Consultores, Bruno Imaizumi, diz que os números aprofundam ainda mais uma desigualdade já conhecida.

A pandemia acabou intensificando e ampliando essa desigualdade de gênero no mercado de trabalho. E ainda hoje a gente vive numa sociedade em que boa parte das tarefas domésticas e dos cuidados com as crianças acabam recaindo sobre as mulheres (G1 Jornal Nacional, 08/12/2021).

O Jornal Nacional ouviu ainda a pesquisadora da FGV/Ibre, Janaína Feijó. De acordo com Janaína, esses números atingem principalmente mulheres de baixa renda com pouca qualificação, que agora terão de buscar alternativas para se preparar para uma nova realidade de mercado.

As mulheres, nesse novo cenário, precisarão estar mais escolarizadas e obter mais conhecimento. Então, as mulheres que vêm de contextos socioeconômicos mais desfavoráveis, elas procurarão se reinserir, mas, provavelmente, só conseguirão estar ocupadas em atividades informais (G1 Jornal Nacional, 08/12/2021).

Nos debates teóricos que se tornaram referência para a análise sobre gênero e trabalho, todas estas questões são abordadas por autores de diversas linhas de pensamento. A posição desfavorável das mulheres nas relações de trabalho está no eixo central da exploração que caracteriza a dominação de gênero. No entanto, do "patrão familiar" ao "patriarcado público", há um conjunto variado de abordagens atravessado por problemas como a correlação entre a divisão do trabalho doméstico não remunerado, a divisão do trabalho remunerado e as relações de poder nas sociedades contemporâneas. No livro *Gênero e desigualdades: limites da democracia*, a autora Flávia Biroli faz referência aos textos publicados a partir dos anos 1970 e reunidos nos dois volumes de *L'ennemi principal*, onde Christine Delphy definiu capitalismo e patriarcado como sistemas distintos que se sobrepõem e incidem um sobre o outro. Já Michèle Barrett, também citada por Biroli, defende que a divisão sexual do trabalho não pode ser atribuída a nenhuma necessidade histórica do capitalismo. Na teoria de Barrett, essa ideologia foi ativamente incorporada não apenas pelos capitalistas, mas também pelos trabalhadores organizados.

A aposta em um salário capaz de sustentar a família, para os homens, em vez da luta pela elevação de todos os salários, é uma das formas desta incorporação. E isso vem com defesa de habilidades diferenciadas, que teve também um papel na divisão do trabalho. A separação entre a casa e o trabalho, segundo ela, serviu para justificar hierarquias dentro e fora do espaço doméstico familiar, ultrapassando o universo burguês.

O fato de a industrialização ter transferido parte da produção realizada no espaço doméstico para as fábricas não restringiu a casa a espaço reprodutivo. A responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que se define, assim, como produtivo e não remunerado, seria a base do sistema patriarcal no capitalismo. O patriarcado, como sistema político, consiste numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens. Seu núcleo, nessa perspectiva, é a divisão sexual do trabalho, em que se configuram dois grupos (ou classes): as mulheres, que têm sua força de trabalho apropriada, e os homens, que se beneficiam coletivamente deste sistema (BIROLI, 2019, p.29-30).

Segundo a autora, o ponto central é a distinção entre trabalho remunerado e não remunerado. Ela defende que o trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como a criação dos filhos e tarefas domésticas, deixam os homens livres para se engajarem no trabalho remunerado. São elas que fornecem esse trabalho gratuitamente, e essa gratuidade se define numa relação: casamento.

É justamente o caráter institucional de exploração no casamento que potencializa negativamente a situação das mulheres fora dele no ambiente de trabalho. Acreditamos que essa questão cultural arraigada, apesar dos avanços, impacta até hoje na sociedade em diferentes culturas, através da dinâmica que delineia os padrões conjugais, afetivos e ocupacionais e dificulta a construção de direitos.

Assim, pode-se dizer que qualidades atribuídas aos homens e mulheres são instrumentos simbólicos de dominação e da relação de poder já existente entre eles, considerando gênero uma categoria construída socialmente e de base material. No senso comum é feita então uma ligação entre a constituição biológica da mulher e seu papel submisso e doméstico, uma construção social, não natural, muito menos inevitável. Segundo Abramo (2007, p.307), a imagem originária da mulher mãe e dona de casa fica sempre na base das relações, projetando sua sombra sobre a mulher trabalhadora.

Essa mesma tendência é identificada também por outros autores (GOSDAL, 2006, p.307-308):

[...] em quase todos os grupamentos humanos, de se atribuir um *status* social secundário às mulheres em relação àquele atribuído aos homens. As atividades masculinas recebem do sistema cultural maior poder e valor, sendo reconhecidas como mais importantes, sejam elas quais forem. Este padrão é projetado para o mundo do trabalho, onde as profissões feminilizadas, que guardam alguma similitude com as tarefas domésticas e com o papel da mulher na família como enfermeiras, professoras e secretárias, são socialmente desvalorizadas e mal remuneradas.

Os levantamentos do IBGE e do Ministério do Trabalho citados anteriormente trazem um panorama do cenário enfrentado pelas mulheres no mercado de trabalho, que se traduz numa realidade multifacetada com lutas que vão além da questão de gênero.

[...] a divisão sexual do trabalho produz o gênero, de fato, mas essa produção se dá na convergência entre gênero, classe, raça e nacionalidade, para incluir na discussão variáveis implicadas diretamente nas relações de trabalho. Em outras palavras, a produção do gênero não ocorre de forma isolada de outras variáveis que, em dado contexto, são relevantes no posicionamento e na identificação das pessoas, assim como no seu acesso a espaços e recursos, [...] as mulheres vivem em um mundo no qual não há apenas sexismo, mas racismo, classismo e outras formas de opressão, em um mundo portanto em que o problema da diferença é, na realidade, o problema do privilégio (BIROLI, 2019, p.38).

A reflexão da autora nos aponta que o trabalho e suas vertentes formam um dos principais pilares da interseccionalidade de demandas do movimento feminista da atualidade, da necessidade de conjugada de diversos outros fatores. A partir desta perspectiva, é possível ter uma melhor compreensão das especificidades destas mulheres no processo migratório internacional, suas dificuldades e demandas. É preciso ouvir principalmente as vozes silenciadas ao longo da história, como é o caso das mulheres migrantes.

#### 2.6. Venezuelanas em Cuiabá

Trazendo esta discussão para a nossa realidade de Cuiabá, procuramos identificar a presença das venezuelanas em oito reportagens como fonte de informação do cenário local, das quais quatro veiculadas na TV Centro América de Cuiabá e quatro publicadas no site G1, no período de maio de 2020 até maio de 2021. É possível observar que em todas as reportagens homens migrantes aparecem falando sobre procura de emprego e dificuldades enfrentadas. As reportagens televisivas analisadas foram ao ar nos dias 02/10/2020, 15/12/2020, 29/05/2021, 09/06/2021, no Bom Dia, Mato Grosso. De quatro reportagens, duas trazem entrevistas com mulheres migrantes.

Em relação às quatro matérias do G1 postadas em 20/04/2021, 24/05/2021, 28/05/2021, 15/06/2021, uma traz entrevista com mulheres. Nas reportagens que têm mulheres migrantes como fonte de informação (duas reportagens televisivas que foram ao ar no Bom Dia, Mato Grosso e uma matéria postada no G1), elas relatam as dificuldades que enfrentam para se estabelecer fora do país de origem. Entre as barreiras apontadas estão o idioma desconhecido, o que, de acordo com elas, atrapalha a comunicação para encontrar trabalho e moradia.

Outra dificuldade é a demora para obter a documentação necessária para o acesso a um emprego com carteira assinada. O motivo, segundo a reportagem que foi ao ar no Bom, Dia Mato Grosso em 15/12/2020, é a implantação do trabalho remoto no Departamento de Migração da Polícia Federal por causa da pandemia. A entrevistada venezuelana Yndira Villaroel, diz: "[...] espero que a comunidade veja os migrantes como pessoas que vêm para somar e não para dividir". Apesar de ter conseguido uma vaga de professora de violino em um instituto de música antes da pandemia, o depoimento demonstra a dificuldade enfrentada principalmente pelas mulheres para acesso ao mercado de trabalho. Elas enfrentam preconceitos de gênero e de raça.

Já Glade Subero, entrevistada na mesma reportagem, fala dos entraves com o idioma. Ela trabalhava como policial na Venezuela e até o momento da entrevista ainda não tinha conseguido emprego. Porém, o marido, que entendia melhor o português, conseguiu emprego logo após a chegada em Cuiabá. A diferença de idioma é uma das principais barreiras para o acesso dos migrantes estrangeiros ao mercado de trabalho, como indica a pesquisa realizada pela professora do curso de Contabilidade da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Kelly Pelizari, entrevistada na mesma reportagem.

Segundo a professora, que conversou em 2020 com 30 migrantes de sete países com idade entre 18 e 48 anos que residem em Mato Grosso, a situação de vulnerabilidade social dos migrantes, principalmente mulheres, se agravou muito com a pandemia. Ela salienta também a necessidade de políticas públicas que possam acolher e encaminhar os imigrantes ao mercado de trabalho. Estas reportagens ajudam a ilustrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que vieram da Venezuela para se estabelecer na capital de Mato Grosso, Cuiabá. Conforme o próprio relato delas aos veículos de comunicação, são muitas barreiras a serem superadas para o acesso ao mercado de trabalho.

## 2.7. A comunicação e a geração de vínculos

Para desenvolver esta pesquisa com ênfase no processo comunicacional das mulheres venezuelanas migrantes e para elucidar os entraves e as estratégias de enfrentamento, foram adotados alguns referenciais a fim de subsidiar a discussão proposta por este trabalho.

Na teoria do suíço Ferdinand Saussure, considerado o "pai da linguística", a língua é social, resultado coletivo, do consenso das pessoas sobre os signos. Segundo ele, a fala é individual e a língua é ampla, como se fosse uma contribuição advinda pela prática da fala de todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade. Pode-se dizer que seria como se todos nós fizessem um pacto; e como nos diz o professor Castelar de Carvalho, da UFRJ, no seu livro *Para compreender Saussure*, a sociedade pode abolir qualquer uma das suas instituições, exceto a língua.

O teórico suíço defende que a língua é exterior ao indivíduo, um sistema homogêneo de signos para exprimir ideias, como um dicionário gigante. A fala, ao contrário, é multifacetada, heterogênea. Cada pessoa, então, escolhe com quais signos vai exprimir suas ideias. A língua é a mesma, o significado também, mas na fala cada um

escolhe os seus significantes. Saussure nos traz também a diacronia, a pesquisa histórica que investiga como a língua evolui e se modifica externamente no tempo; e a sincronia, que é a pesquisa descritiva. Esta última foca no interior da língua em um tempo, com a intenção de descobrir como a língua funciona. Saussure foi muito criticado por focar seus estudos na sincronia.

O linguista queria entender as relações dos signos uns com os outros dentro da língua, sincronicamente, ao mesmo tempo e não ao longo do tempo. Ele compara a língua a um jogo de xadrez, em que o valor de cada peça depende de sua posição no tabuleiro. De acordo com o teórico, o mesmo ocorre na língua. Cada peça tem seu valor determinado pela oposição aos outros elementos. Dessa forma, o tempo não muda a regra básica do jogo, o que nos leva à linearidade e à arbitrariedade. Os elementos são colocados um atrás do outro em ordem preestabelecida que faz com que falemos "o cachorro late" e não "o late cachorro". O pensamento linear, quando ele se concretiza em significantes, automaticamente faz uma fila de palavras, a frase. Seus elementos se apresentam um após o outro em cadeia. O pensamento para Saussure funcionaria assim, como força estruturante da língua.

Para o linguista, a maioria dos signos é arbitrária. O cão, por exemplo, poderia se chamar gato, e o gato, elefante. Segundo ele alguns signos decorrem de outros, por exemplo, dezoito, decorrente de dez mais oito, são motivantes. Mas a maioria é imotivante. E ele cita ainda a dicotomia "paradigma" e "sintagma". O paradigma seria um modelo gigantesco da língua onde estão localizadas todas as relações virtuais possíveis entre os signos, numa espécie de banco de reservas da memória. Por exemplo, quando falamos "Maria come sorvete", buscamos estes três signos e fica presumido que não buscamos outros. Se buscamos Maria, deixamos no banco Vera e Joana... Sendo assim, o paradigma ajuda a escolher. Já o sintagma é a regra que hierarquiza os elementos na cadeia sintagmática, ou seja, na frase. Um termo passa a ter valor em razão do seu contraste com o termo que vem antes e com o que vem depois. Na teoria de Saussure, a relação sintagmática não permite que troquemos aleatoriamente a ordem interna dos termos da frase. A língua serve, assim, à comunicação: "Maria" ocupa um espaço em relação a "sorvete" e a "come". Oposição no sentido de posição oposta à coexistência. Isso tudo está relacionado ao princípio do valor. Um sistema linguístico é caracterizado como uma série de diferenças de sons combinada com uma série de diferenças de ideias regida por um sistema de valores. O valor do signo é o ocupar o espaço único na relação da língua, igual a si mesmo em função e posição. Trazendo para a realidade do nosso

trabalho com migrantes, imaginemos um estrangeiro que não conhece a língua. Em consonância com o pensamento de Saussure, ele vai ouvi-la como uma linha sonora contínua sem sentido. Ele não vai saber identificar as porções que fazem sentido. Segundo Saussure, o princípio do valor que governa a língua dá o conhecimento para recortar as porções de sonoridade na medida em que signifiquem ideias, e a linguagem seria um sistema estático.

Já Roland Barthes nos traz uma análise semiótica que é bem recebida em estudos sobre moda e os significados que podem surgir diante de diferentes contextos e obviedade de papéis. No "mito" há significante, significado e signo. O mito, conforme o autor, é construído a partir de um sistema semiológico de segunda ordem. Dessa forma, o que é signo no primeiro sistema, é mero significante no segundo. Para Barthes, no "mito" há dois sistemas semiológicos, e um é escalonado no outro: a linguagem-objeto e a metalinguagem. A linguagem-objeto é um sistema linguístico, a língua ou os modos de representação assimilados a ela, é a linguagem apoderada pelo mito para construir o seu próprio sistema. Já a metalinguagem seria o "mito" em si, uma segunda língua em que a primeira é a fala.

Na visão do teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2016), é importante a discussão sobre os significados das palavras perante o estruturalismo, mas para ele tanto Barthes quanto Saussure não demostram tão claramente a visão social e cultural que as palavras também remetem. Para Hall (2016), a palavra representa mais que o contexto estrutural dos sentidos.

Segundo o autor, a linguagem é utilizada como ferramenta por membros da mesma cultura para criar sentido. Uma "coisa" só tem significado se todos os membros de determinado meio, constituído, entenderem e partilharem dessa compreensão. Assim, balizados culturalmente, o autor argumenta que um item pode não ter o mesmo significado em culturas diferentes. Recorre-se então à noção de códigos para que esta tradução seja estabelecida. Numa provocação feita pelo autor nos perguntamos: como as pessoas que pertencem à mesma cultura, que compartilham o mesmo mapa conceitual e que falam ou escrevem a mesma língua sabem a combinação de letras e sons que constitui a palavra árvore, e que esta combinação representa o conceito de "planta que cresce na natureza?".

Para o autor, nesses sistemas de representação a relação entre o signo, o conceito e o objeto ao qual se faz referência é completamente arbitrária:

Usando esse termo, nós queremos dizer que, em princípio, qualquer coleção de letras ou quaisquer sons em qualquer ordem poderiam desempenhar um papel igualmente bem. As árvores não se importariam se nós usássemos a palavra SEROVRA — "árvores" escrito de trás para a frente — a fim de representar o conceito delas. Isso fica claro quando comparando o inglês com o francês, por exemplo, letras bem diferentes e um som bem distinto são usados para se referir ao que, em todos os aspectos, é a mesma coisa — uma árvore — "real" e, até onde sabemos, ao mesmo conceito — uma planta grande que cresce na natureza. O francês e o inglês parecem estar usando o mesmo conceito, mas em inglês ele é representado pela palavra TREE e em francês pela palavra ARBRE (HALL, 2016, p.42).

Para entender melhor o processo de compreensão da mensagem, o autor nos apresenta três enfoques na teoria da representação: reflexivo, intencional e construtivista. No reflexivo, o sentido parte do objeto, pessoa ou evento do mundo real e a linguagem apenas reflete o que já existe no mundo verdadeiro. Já no intencional, as palavras significam o que o emissor quer que elas signifiquem. Para Hall, os dois enfoques têm validade, porém são falhos porque, no caso do reflexivo, a realidade pode ser interpretada de forma diferente. Quanto ao intencional, nós de fato usamos a linguagem para expressar o que pensamos, definir objetos e situações com a intenção de convencer as pessoas. Entretanto, a nossa visão de mundo é particular e não pode ser a única fonte de significado da linguagem. O terceiro enfoque é o construtivista, em que o autor afirma que nem as coisas e objetos em si mesmo, nem as pessoas, poderiam estabelecer significados rígidos à linguagem. Segundo ele, o significado precisa ser construído, e nós construímos coletivamente o sentido usando sistemas de representação, conceitos e códigos. Dessa forma, o autor não nega o mundo material, mas defende que não é ele que transmite o sentido e sim um sistema de linguagem. Hall entende que, pelo olhar da semiótica, "[...] a representação foi entendida com base na forma como as palavras funcionam como signos dentro da linguagem" (HALL, 2016, p.77). O sociólogo jamaicano nos apresenta a linguagem como um processo dinâmico, sujeito a tensionamentos, e cita a obra Vigiar e punir, de Michel Foucault. Na análise de Hall, o principal ponto das obras de Foucault é o modo pelo qual o discurso, a representação, o conhecimento e a verdade são fortemente historicizados. As coisas têm sentido levando em conta o contexto histórico específico. Já a semiótica tem uma tendência a não considerar o aspecto histórico.

Como é possível observar, a comunicação está presente em todas as interfaces desse processo de deslocamento territorial, e o discurso está sempre sujeito a mudanças, tensionamentos e disputa de poder.

Essas teorias apresentadas pelos teóricos Ferdinand Saussure, Roland Barthes e Stuart Hall nos ajudam a compreender as dificuldades enfrentadas pelos migrantes que buscam melhorar a qualidade de vida em outro país de língua e cultura diferentes. Não basta entender os "códigos" que dão significado a uma frase, é preciso também perceber o contexto histórico e conhecer a cultura local e as tensões para estabelecer uma comunicação mais assertiva. Isso requer um esforço por parte de quem chega e também um acolhimento mais amplo e eficiente por parte do país que recebe o migrante para facilitar esse entrosamento.

Baitello Júnior (2014) nos alerta, no entanto, para a complexidade do processo de comunicação na contemporaneidade. Do século passado para cá, mudanças significativas e estruturais resultaram em um bombardeio de informações que penetram pelos nossos sentidos com tamanha intensidade, que o simples ato de ouvir o outro se transforma em um desafio:

Essa distinção ajuda a perceber a importância, na contemporaneidade, dos termos cultura visual e cultura do ouvir, bem como dos problemas gerados pela poluição visual e pela poluição sonora, raízes do padecimento dos olhos cansados ou da surdez: é possível que degustemos muito pouco do que vemos e ouvimos. Ao frisarmos o termo cultura do ouvir, assumimos o desafio proposto por Kamper quanto a "uma nova época para o ouvir", isto é, para o cultivo das características do ouvir que, como vimos acima, "requer o tempo do fluxo como tempo do nexo, das conexões, das relações, dos sentidos e do sentir" (BAITELLO JÚNIOR, 2014, p.145).

São mudanças que afetam nossa forma de nos comunicar e nossos sentidos, agora atingidos pela tecnologia. As novas mídias e suas relações com os corpos ganharam nova dinâmica na contemporaneidade. Essas dinâmicas refletem as dimensões e características das materialidades e sensibilidades do sujeito contemporâneo e, consequentemente, de seus modos de assimilar as experiências e assim compreender o mundo no qual vive, em suas oscilações e percepções da realidade. Baitello Júnior questiona ainda se a relação entre mídia e sujeito não estaria por causar paulatinamente a perda das sensações do próprio corpo e de seu espaço de tempo, no que denominou de "perda de percepção", ou "perda do presente".

O primeiro aspecto [perda da percepção] traz consigo uma crise no regime da visibilidade, uma vez que toda hipertrofia gera a distrofia compensatória. Quanto mais imagens, menos visibilidade, e quanto mais visão, menos propriocepção, o sentido por excelência do aqui e agora, da corporeidade. O segundo aspecto [perda do presente] traz consigo a perda do presente, pois tantos tempos presentes se apresentam

em um curto tempo, sem que cada um deles tenha a oportunidade de se tornar ato, apenas remetendo para o outro, subentendendo e exigindo a rápida passagem em zapping para o próximo (BAITELLO JÚNIOR, 2014, p.61).

As reflexões de Baitello Júnior dialogam com a preocupação de Vera França (FRANÇA, 2001) em ampliar os conceitos de comunicação. Ela traz a interação como eixo central da dinâmica comunicacional:

Trata-se, portanto, do processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura. É promovendo essa interseção que o viés comunicacional se coloca e se legitima como de fato um outro "ponto de vista" (ponto de onde se vê); um lugar frutífero para analisar e compreender a realidade em que vivemos (FRANÇA, 2001, p.16).

França levanta questionamentos sobre as especificidades do saber na área de comunicação, paradigmas e o entrelaçamento com outros saberes por meio da interdisciplinaridade e o conteúdo da teoria da comunicação. O que a autora propõe é uma nova concepção que busca resgatar a complexidade, a circularidade e a globalidade do processo comunicativo. Com o avanço das tecnologias, este é um campo que necessita de novos olhares.

#### 2.8. A comunicação e a tecnologia no processo migratório

Nas últimas décadas, o mundo viveu uma mudança radical na forma de se comunicar. O contexto midiático se insere na vida cotidiana com diferentes implicações, inclusive nas relações de tempo e espaço e nas vivências identitárias. A tecnologia trouxe novas alternativas na construção de uma sociedade em rede, o que impactou todos os setores. Castells (2003) ressalta que a formação de rede é uma prática humana antiga, e o que ocorreu, segundo ele, foi um redimensionamento das redes a partir de três processos desencadeados no fim do século XX:

[...] as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornam-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica (CASTELLS, 2003, p.8).

Na visão do teórico, a chamada "sociedade em rede" também tem um caráter não homogêneo. Ele considera que a integração não é plena, já que nem todas as pessoas têm acesso à rede, constituída apenas por uma parcela da população mundial. Mas segundo Castells, a estrutura desta organização social interfere ou impacta áreas muito diversas, como a economia, o conhecimento, a comunicação e o poder, o que na concepção dele coloca a sociedade em rede como a estrutura dominante do mundo:

[...] La sociedad red es la estructura social de nuestro tiempo. No es una sociedad del futuro compuesta por internautas solitarios y rebotes telecomunicados. Tampoco es la tierra prometida de las nuevas tecnologías que resuelven los problemas del mundo com su magia. Es, simplemente, la sociedad en la que hemos ido entrando desde hace algún tiempo, en un proceso de transición a partir de la sociedad industrial en la que vivimos durante más de un siglo (CASTELLS; TUBELA; SANCHO; ROCHA, 2007, p.17).

Esta abordagem reconhece a dinâmica da rede dentro de uma perspectiva social, econômica, política e cultural de forma transversal numa dimensão global, mas não substitui outras estruturas sociais mais centralizadas e hierárquicas. Sob este olhar, a dinâmica não seria a substituição imediata, mas de convivência e adaptação das mídias de massa com as mídias de rede. Trata-se de mudanças na organização social, resultado do surgimento de tecnologias da informação e da comunicação que se entrelaçam com outras mudanças como econômicas e culturais. Justamente por isso, ainda há um vasto campo para estudo, já que podemos perceber a todo momento que esta reconfiguração das relações continua em constante mudança.

Segundo Molina (2004), a urgência na ampliação e aprofundamento do debate sobre as redes nos remete a esta sensação de estar presente em todos os ambientes, de interconexão:

[...] Esta característica de vivir en un mundo inabarcable pero muy próximo al mismo tiempo, no sólo es propia de las redes sociales sino que es un fenómeno ampliamente difundido (MOLINA, 2004, p.39).

Um dos grandes teóricos da América Latina, Jesús Martín-Barbero (2002b), também reconhece a necessidade do aprofundamento do estudo das tecnologias, mas a partir das relações entre inovações culturais e usos sociais. Martín-Barbero é cauteloso em relação aos benefícios da tecnologia. Segundo ele, a tecnologia se enquadra em um dos mais poderosos impulsos à homogeneização, porque seria resultado da imposição reducionista ao movimento de modernização com base tecnológica principalmente no

cenário latino-americano, por desconsiderar o descompasso entre tecnologia e a produção cultural que se consome e o lugar, o espaço cultural e social.

Sob esta perspectiva, Martín-Barbero (2002a) considera os modos de uso das tecnologias como formas de resistência, em um deslocamento do olhar da técnica para os modos de apropriação, ainda mais pelas classes populares.

[...] Que nos lleva de las tecnologías en sí mismas a sus modos de acceso, de adquisición, de uso: desplazamiento de su incidencia en abstracto a los procesos de imposición y dependencia, de dominación pero también de resistencia, de resemantización y rediseño (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p.177).

A tecnologia altera a forma como as pessoas se apropriam da linguagem e se expressam na sociedade:

[...] O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica (J.Echeverría) da comunicação deixa de ser meramente instrumental para expressar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.54).

O teórico latino-americano nos traz outra perspectiva de pensar a internet a partir da popularização das tecnologias que facilitam a interação comunicacional que interferem em aspectos culturais e nas identidades. É o novo urbano que começa a se constituir:

[...] Aun las culturas más fuertemente locales atraviesan cambios que afectan a los modos de experimentar la pertinencia al territorio y las formas de vivir la identidad. Se trata de los mismos movimientos que desplazan las antiguas fronteras entre lo tradicional y lo moderno, lo popular y lo masivo, lo local y lo global. Esos cambios y movimientos resultan hoy cruciales para comprender cómo sobreviven y se recrean las identidad en las comunidades tradicionales, las nacionales y las urbanas (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p.177).

O conceito de "cidade virtual" idealizado por Martín-Barbero contempla as transformações dos espaços pelas mãos da tecnologia.

Trata-se de um espaço modificado com novas formas comunicacionais onde os encontros e multidões são gradativamente substituídos por conexões, fluxos e redes. Esta reconfiguração também responde a novas formas de perceber e narrar a identidade, com a formação de identidades menos largas, mais precárias, mas também mais flexíveis e

capazes de possibilitar a convivência no mesmo sujeito, aspectos de universos culturais diferentes.

Para Martín-Barbero, este novo modo de comunicação e convivência, de estar junto mesmo a distância, foi mediado primeiro pela televisão, depois pelo computador e mais tarde pelos dois juntos, com todo o aparato tecnológico.

Se a tecnologia impactou em tantos setores, é natural que tenha reflexos também no processo de migração. Hoje é possível obter informações sobre qualquer país ou lugar do mundo sem sair de casa. Cardoso (2007) aborda quatro modelos de comunicação marcados por transformações sociais e tecnológicas, assim como pela apropriação dessas tecnologias. O primeiro modelo seria o da comunicação interpessoal, caracterizado pela troca bidirecional de mensagens entre duas pessoas ou várias pessoas dentro de um grupo. O segundo modelo, de acordo com Cardoso, seria o da comunicação de um para muitos que, na análise dele, se caracteriza por uma pessoa dirigir a mensagem a um grupo delimitado de pessoas, como em um comício eleitoral ou teatro. O terceiro modelo é a comunicação de massa, no qual, pelo uso das tecnologias de mediação específicas, uma mensagem é dirigida a uma massa, um público cuja dimensão se desconhece. O autor propõe um quarto modelo como "sintético em rede", que funciona segundo a lógica hipertextual, promovendo a articulação entre o conceito clássico de texto, o conceito de fluxo e a comunicação interpessoal. Destaca-se como definidor deste modelo a articulação em rede na mídia:

O modelo de comunicação gerado nas sociedades informacionais, onde o modelo de organização social prevalecente é a rede, é o da comunicação sintética em rede, um modelo de comunicação que não substitui os anteriores, antes os articula, produzindo novas formas de comunicação, permitindo também novas formas de facilitação de "empowerment" individual e consequente de autonomia comunicativa (CARDOSO, 2007, p.133).

Na chamada sociedade em rede, os meios de comunicação assumem papel de potencializadores de acesso e troca de informações. Sobretudo a internet, com a integração potencial de textos, imagens e sons no mesmo sistema, permite a comunicação instantânea em uma grande rede global, que se constitui em um sistema interligado e diversificado.

Estamos diante de um ambiente comunicacional múltiplo e complexo, no qual coexistem diferentes características, entre elas a interatividade, hipertextualidade, convergência midiática e facilidade de acesso à esfera da produção.

Em função da impossibilidade de tratar a internet de forma homogênea, precisamos entendê-la como um ambiente comunicacional que combina elementos, lógicas e processos diversos.

É inegável que o ciberespaço muda profundamente as relações entre o emissor e receptor, já que ao mesmo tempo uma pessoa acessa um portal de notícias, cria uma mensagem ou um grupo de discussão, envia e-mail para um amigo, lê uma mensagem postada em um site de relacionamento ou inicia uma conversa por WhatsApp. Fica difícil chamá-lo de receptor quando se torna evidente a sua produção paralela na web. Aquele que antes era apenas um receptor na esfera da comunicação, exerce hoje múltiplas funções que transitam nas interfaces do ato de comunicar.

Além da descentralização do processo e do trânsito informacional, temos alterações nas áreas de produção e recepção que revelam a dinâmica e a complexidade do processo comunicacional.

Ao mesmo tempo em que a convergência midiática possibilita que um conteúdo seja apropriado de diferentes maneiras, Néstor García Canclini (2008) destaca a constatação de que este movimento possa estar relacionado também à consolidação de grandes monopólios de formatos programados para agradar. A convergência midiática nos moldes de hoje também nos possibilita uma leitura que vá além das fronteiras do mundo letrado pela aproximação com diferentes tecnologias que podem misturar cultura oral, escrita, audiovisual, eletrônica e digital, o que permite participação mais efetiva na produção de mensagens e conteúdo.

Hoje circulam na internet depoimentos de migrantes, vídeos com imagens da peregrinação entre um país e outro, informação sobre o lugar de destino, e quem vai na frente faz questão de deixar muita coisa registrada, abrindo portas para quem vem depois. Vale destacar aqui também, dentro dessa perspectiva, as práticas de "jornalismo cidadão ou colaborativo", fenômeno relativamente recente caracterizado por uma participação efetiva do sujeito que até então se limitava a ser um receptor. Existem sites, blogs e páginas na internet que tratam exclusivamente de assuntos de interesses dos migrantes, alguns em formato de diários mostrando os desafios enfrentados na trajetória da diáspora. O desenvolvimento tecnológico também permite agilizar a formação de redes informatizadas que aproximam, dinamizam e ampliam o trabalho de ONGs e instituições

de apoio aos migrantes, com o compartilhamento do banco de dados e produção de conteúdo, como é o caso do ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, já citado nesta dissertação.

Dentro deste contexto, é importante diferenciar as redes sociais dos sites de redes sociais, o que para muitas pessoas é visto como sinônimo (RECUERO, 2009).

Enquanto uma rede social está relacionada à percepção de um grupo social determinado pela sua estrutura (a "rede"), que geralmente é oculta, pois só se manifesta nas interações, as ferramentas sociais na internet são capazes de publicizar essas estruturas sociais. Dessa forma, o Facebook, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar as redes que existem ou que estão baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas usuárias (muitas vezes até de modo diferente daquele previsto pela própria ferramenta digital). Assim que as pessoas passam a usar o Facebook, por exemplo, elas começam a criar ali suas redes sociais que passam a ser exibidas por ele.

Em função dessas diferenças, Boyd e Ellison (2007) trouxeram o conceito de "sites de rede social". De acordo com as autoras, algumas ferramentas *on-line* apresentam modos de representação de grupos sociais baseados nas relações entre os atores, com as seguintes características:

- Abre espaço para a construção de um perfil público pelos atores;
- Esses atores conseguem estabelecer conexões com outros atores;
- Os usuários também podem visualizar ou navegar por essas conexões.

Dessa forma, o site de rede social é diferente da rede social, porque um representa o outro. Outra característica é que o site, enquanto ferramenta que é apropriada, não é uma tradução das conexões sociais existentes no espaço *off-line*. Ao contrário, segundo a autora, eles amplificam conexões sociais, permitem que estas apareçam em larga escala e também atuam para ajudar na sua manutenção (RECUERO, 2009)

O desenvolvimento acelerado das tecnologias trouxe várias plataformas para atender às demandas na área da comunicação. O WhatsApp, que ganhou este nome como um trocadilho com uma expressão da língua inglesa "Whats Up? (E aí?), é hoje uma das plataformas mais utilizadas no mundo inteiro. O principal motivo é a sua versatilidade. Lima Júnior (2009, p.97) ressalta que as plataformas de mídias sociais "permitem aos usuários espaços ilimitados para armazenar ferramentas para organizar, promover e transmitir seus pensamentos, opiniões e mídias para os outros". São consideradas mídias sociais os espaços de interação entre os usuários, como blogs, plataformas para redes

sociais, (Facebook e LinkedIn), Messenger, wikis, sites de compartilhamentos de conteúdo multimídia (YouTube, Flickr) e WhatsApp Messenger.

Nesses canais as pessoas podem compartilhar ideias, informações e dialogar. O conteúdo de uma mídia social não tem limite, uma vez que qualquer membro pode contribuir a qualquer momento.

Segundo o próprio site do WhatsApp Messenger, o produto é definido como um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite troca de mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Ele está disponível para smartphones, iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia. O aplicativo foi desenvolvido pela empresa no Vale do Silício. A meta era criar uma alternativa que fosse mais avançada que o SMS, na expectativa de o número de pessoas que possuíssem um aparelho de celular aumentasse muito nos anos seguintes. Os fundadores dessa mídia social, Jan Koum e Brian Acton, trabalharam na empresa de tecnologia Yahoo por mais de 20 anos, entendiam o funcionamento da plataforma que coletava dados, atendia páginas e vendia anúncios, e com essa percepção viram a Google virar o jogo no mercado e ganhar vantagem sobre a concorrência com vendas mais eficientes e lucrativas.

Com esta bagagem, os fundadores do WhatsApp criaram um aplicativo funcional e econômico que caiu no gosto dos consumidores.

O aplicativo pode ser baixado gratuitamente nos smartphones ou mesmo pelo site da empresa, bastando apenas ter conexão com internet. O usuário pode cadastrar um perfil com informações da conta e definir formas de conversa e notificação para falar com a lista de contatos já registrados no celular. O próprio aplicativo organiza as mensagens por data e hora com opção de carregamento de informações anteriores.

Também é possível criar grupos de qualquer natureza – amigos, parentes colegas de trabalho –, para discussões e debates que podem ser por escrito, em vídeo ou áudio.

O aplicativo permite ainda o envio e recebimento de arquivos de fotos, vídeos e mensagens de voz, que também podem ser armazenados.

Todas estas características tornam este aplicativo de fácil manuseio. Além da praticidade, o fator econômico também é preponderante na aceitação do público, já que basta ter um aparelho de telefone celular com internet para utilizá-lo.

# Capítulo III: Corpus da Pesquisa

O corpus desta pesquisa é composto de entrevistas com seis mulheres venezuelanas que se estabeleceram em Cuiabá, em busca de oportunidades e melhores condições de vida. Inicialmente, almejamos identificar mulheres migrantes com idades, estado civil e orientação sexual diferentes, para ter uma pluralidade de olhares, vozes e realidades para produzir narrativas e sentidos sobre o processo migratório. Porém, a escolha de quais mulheres migrantes participariam da pesquisa não foi exatamente nossa. Ocorre que o grau de vulnerabilidade e risco social em que a maioria das mulheres se encontra, acaba fazendo com que elas tenham atividades muito mais importantes e urgentes para se preocupar, como alimentar os filhos, conseguir um emprego ou cuidar da casa, em vez de dedicar um tempo para responder questões ou serem observadas.

Entretanto, mesmo com as dificuldades que enfrentam, elas sempre foram solícitas. No primeiro contato que fizemos com um grupo de mulheres, durante uma palestra sobre violência na Casa do Migrante, nove mulheres concordaram em participar da pesquisa, mas na hora de marcar a entrevista nenhuma confirmou, ou desistiram, ou já tinham deixado a Casa para morarem em outra cidade; e houve casos de mulheres que trocaram de telefone.

Com o aumento da contaminação pelo coronavírus, no primeiro semestre de 2021, ainda mais com a morte da coordenadora da Pastoral do Migrante, Eliana Vitaliano, e a suspensão do atendimento, nós também nos vimos num dilema: como prosseguir, sendo que as conversas e as falas giravam em torno da fatalidade? Por isso, resolvemos suspender temporariamente as entrevistas e observar os acontecimentos, com certo distanciamento.

Retomamos a tentativa de marcar as entrevistas somente em 2022. Foi preciso um cuidadoso trabalho de aproximação e convencimento para obter êxito. Com o apoio da Pastoral do Migrante, tivemos contato com as mulheres recém-chegadas. As funcionárias também intermediaram o contato com as venezuelanas, que já ficaram na Casa do Migrante e hoje moram em outro local. Por intermédio de pessoas ligadas à Universidade Federal de Mato Grosso, conseguimos acesso a uma venezuelana que foi aprovada no mestrado em Cultura Contemporânea.

Por sua vez, mesmo tentando convencer sobre a importância da pesquisa para compreender a trajetória migratória, as mulheres que vendem pano de prato nos cruzamentos das avenidas foram irredutíveis e não aceitaram participar da pesquisa. Elas geralmente estão acompanhadas de crianças, na tentativa de sensibilizar os motoristas. Fizemos dezoito abordagens, entre fevereiro e abril, em dias e horários diferentes no trevo Santa Rosa, num dos bairros de classe média alta, no canteiro da avenida José Monteiro de Figueiredo, no viaduto da UFMT e no canteiro central da avenida Prainha, no centro da cidade. Quando parávamos o carro e nos aproximávamos, elas eram receptivas, pois imaginavam que iriam receber ajuda financeira. Porém, quando explicávamos que se tratava de uma pesquisa com participação voluntária e sem retorno financeiro, o desinteresse era imediato. Algumas chegaram a pedir que nos afastássemos, porque "estavam perdendo venda".

Estas cenas nos marcaram muito, porque em várias situações as crianças estavam perto e pediam comida para as mães, indicando que a fome tem pressa. São as barreiras encontradas pelo caminho que podem levar a uma vida precária no processo migratório.

[...] a vulnerabilidade não é uma característica inerente à pessoa do imigrante, mas sim à situação que eles e elas se encontram em razão do processo migratório. São as fragilidades e complexidades da situação "psicofísica, jurídica e socioeconômica" daqueles que estão em mobilidade que determinam essa condição de vulnerabilidade, estando sujeitos a diversas formas de riscos sociais (LUSSI, 2009, p.2).

No dia 20 de abril, uma venezuelana nos deu atenção. Falou o nome, contou um pouco da sua história e concordou em participar da pesquisa, porém deveria ocorrer no dia seguinte. Ela mora em uma área de invasão próxima ao bairro Doutor Fábio, na periferia de Cuiabá. Quando chegamos ao endereço indicado em um sábado pela manhã, o marido nos atendeu e disse que ela não iria mais participar da pesquisa. Questionamos o motivo e ele se limitou a dizer que a esposa tinha tarefas mais importantes. Diante da dificuldade, desistimos de incluir na pesquisa uma venezuelana que fica no cruzamento das avenidas com as crianças vendendo pano de prato. Isso não significa que fechamos os olhos para esta realidade. Pelo contrário, registramos aqui as várias tentativas de incluílas na pesquisa, e a própria negativa delas já retrata o grau de vulnerabilidade em que elas se encontram, situação agravada pela crise financeira e pela escassez de emprego.

Seguimos então com as seis mulheres contatadas com a ajuda da Pastoral do Migrante e com o apoio da UFMT, que concordaram em participar da pesquisa. As

entrevistas foram submetidas ao Conselho de Ética e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como são pessoas que estão ou passaram por situação de vulnerabilidade, as suas identidades serão preservadas. Vamos identificá-las como Participantes 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Por isso, no decorrer do texto, elas serão nomeadas apenas como P1, P2, P3, P4, P5, P6. A participação voluntária das mulheres foi de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo, pois somente quem vive esta realidade e passou pelo processo de migração pode expressar com o grau de confiabilidade necessário, as realidades vivenciadas em ambientes diversos do seu de origem.

Como forma de contextualizá-las, a participante P1 é uma mulher de 64 anos formada em Direito e Agronomia. Ela é de uma família que foi de classe média alta na Venezuela, mas com a crise econômica que assola aquele país, perdeu suas terras para a exploração do petróleo e, depois disso, relata que passou até fome no país de origem. P1 é viúva, tem três filhos e morava com o pai na Venezuela. Ela diz que veio sozinha para o Brasil de carona, mas teve que percorrer trechos de até quinze quilômetros a pé, debaixo de sol e chuva. A participante P2 é uma venezuelana de 32 anos, casada e tem dois filhos. Veio para Cuiabá com a família em setembro de 2018 e é formada em Educação Comercial. De acordo com a participante, com a dificuldade que teria para revalidar o diploma, resolveu trabalhar em casa e cuidar das crianças. P2 fazia laços para vender na escola onde as crianças estudavam. Com a pandemia as aulas foram suspensas, ela começou a fazer bolos e se empenhou muito para criar estratégias para facilitar as vendas. A Participante P3 é uma venezuelana de 39 anos, formada no curso de Contabilidade. Ela veio para Cuiabá com a mãe e com o marido, que é cadeirante. No país vizinho, o casal tinha uma pequena fábrica de joias. A falta de clientes e de segurança levou ao fechamento do empreendimento comercial. Desse modo, o casal decidiu migrar para o Brasil. Viajaram de ônibus e de barco até chegar em Cuiabá. Além de roupas, trouxeram uma mala cheia de ferramentas para trabalhar como ourives. A participante P4 é venezuelana, tem 37 anos, é casada e tem dois filhos. A família chegou em Cuiabá em janeiro de 2022, depois de passar três anos no Equador. Disse que era preciso sair da Venezuela em busca de qualidade de vida, mas o Equador não foi a melhor opção, porque ela e o marido trabalharam com vendas na rua e não conseguiram conquistar recursos suficientes para se manter. Ela diz que a família deixou o país assim como entrou: "só com a roupa do corpo". A participante P5 é venezuelana, tem 22 anos, é homossexual assumida e era dona de uma discoteca na Venezuela. Ela relatou que o nível de vida caiu

drasticamente e a família decidiu migrar. Primeiro ela e a mãe foram para a Colômbia, mas não se adaptaram. Voltaram para a Venezuela para buscar o restante da família e seguiram para o Peru. Naquele país só conseguiram trabalho por temporada. Foi então que ouviram falar muito bem do Brasil e decidiram migrar novamente. P5 diz que foi um mês de viagem: saíram do Peru, passaram pela Bolívia e entraram no Brasil por Corumbá, em Mato Grosso do Sul. De lá seguiram para Campo Grande e depois Cuiabá. A participante P6 tem 35 anos e está em Cuiabá desde 2017. Diferentemente das demais venezuelanas participantes desta pesquisa, ela fez a migração de forma planejada. P6 começou a tocar violino aos 7 anos no "El sistema", um projeto social criado na Venezuela em 1975 para ensinar música a crianças e adolescentes. P6 é formada em Música e Relações Industriais. Em 2010 conseguiu uma bolsa para estudar música também nos Estados Unidos, onde ouviu falar do Brasil. Em 2012 veio por conta própria, fez os testes e conseguiu uma bolsa para tocar na orquestra do Instituto Baccarelli, em um projeto social na favela de Heliópolis, em São Paulo. Em 2017 veio para Cuiabá para trabalhar no projeto social Ciranda, que ministra aulas de música nas comunidades carentes da periferia da cidade. Para fugir da crise em 2018, a família dela, que estava na Venezuela, também veio para Cuiabá. Apesar de P6 ter feito uma migração planejada, ela conta que também teve períodos de dificuldade financeira, quando trabalhou como empregada doméstica e enfrentou preconceito e discriminação.

Com exceção de P6, todas as outras entrevistadas ficaram um período na casa de acolhimento da Pastoral do Migrante em Cuiabá. As entrevistas foram realizadas em locais e horários indicados por elas de forma voluntária.

Para realizar o tratamento das informações prestadas pelas venezuelanas, adotamos a Análise Textual Discursiva. Esta é uma metodologia que leva o pesquisador a um mergulho dentro da linguagem no processo de análise, partindo da desconstrução total do todo em partes. É um movimento de identificação e expressão de unidades elementares obtidas a partir do material do *corpus* da pesquisa, no caso, as entrevistas. Esse processo de desconstrução é chamado de unitarização. Após a fragmentação, é feita a codificação e atribuição de títulos a unidades de sentidos construídas a partir de uma leitura e impregnação intensa do material em análise. Os fragmentos são lidos e relidos várias vezes, para que se possa enxergar detalhes antes não percebidos. Estas unidades, depois de profunda análise, são agrupadas em categorias por meio da articulação de significados semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias.

Fazer uma análise rigorosa constitui um exercício de ir além de uma leitura superficial, possibilitando uma construção de novas teorias a partir de um conjunto de informações sobre determinados fenômenos. Exercitar uma leitura aprofundada significa explorar uma diversidade de significados que podem ser construídos a partir de um conjunto de significantes. É ainda explorar significados em diferentes perspectivas, a partir de diferentes focos de análises (MORAES; GALIAZZI, 2007, p.21).

Após intensa leitura das entrevistas e unitarização, definimos as seguintes categorias: motivo da migração, mulher migrante, vulnerabilidade, comunicação, trabalho e estratégia de enfrentamento. Na sequência, discorreremos sobre essas dimensões, como elas impactam o processo migratório e na vida destas mulheres diante de um recomeço, e como articulam seus vínculos comunicacionais no enfrentamento de vulnerabilidades.

Foram estabelecidas algumas categorias *a priori* e *a posteriori*, para refinamento após a análise de dados realizada:

### 1. Motivação da Migração

- a. Crise
- b. Fome
- c. Falta de segurança
- d. Falta de qualidade de vida
- e. Falta de expectativa

#### 2. Mulher Migrante

- a. Preconceito
- b. Desafios

## 3. Vulnerabilidades

- a. Discriminação
- b. Documentos
- c. Pandemia
- d. Idioma

## 4. Comunicação

- a. Redes Sociais
- b. Imagem do Brasil lá fora (oportunidade, qualidade de vida)
- c. WhatsApp
- d. Tecnologia da informação

- 5. Mercado de Trabalho
  - a. Barreiras
  - b. Redes de Apoio
- 6. Estratégias para o enfrentamento de vulnerabilidades, acesso ao mercado de trabalho e empreendedorismo
  - a. Uso de redes sociais como aliadas
  - b. Uso do WhatsApp
  - c. Busca por Redes de Apoio, Casa Pastoral do Migrante

Para que as entrevistadas se sentissem à vontade para falar, deixamos que elas optassem em qual idioma faríamos a entrevista. A maioria delas optou pelo português, que acabou se transformando em um "portunhol". Na transcrição decidimos manter a forma como elas falaram.

# 3.1. A difícil decisão de migrar

Nas entrevistas realizadas com as mulheres vindas da Venezuela, constata-se que a migração não é resultado apenas de uma escolha racional. No caso da maioria delas, foi um ato de bravura para garantir a sobrevivência. P2 relata que os problemas enfrentados no país vizinho se transformaram em alicerces para uma decisão difícil de ser tomada.

[...] eu tinha uma loja virtual, aí vendia calça, tênis, tudo isso, mas ficou muito difícil, porque a situação tava muito difícil... e aí você compra uma calça agora, é um valor. Depois você vai pedir de novo, fazer um pedido novo, aí tem que duplicar o valor do dinheiro pra comprar ela. Então não tava compensando... então é muito difícil viver desse jeito. Você compra um arroz agora, um valor, aí você vai cinco horas depois ele tem outro valor. Então é muito difícil assim... aí não dá calidad de vida para as crianças. Aí nós decidimos vir por isso.

A migração é um fenômeno antigo, mas que ganhou uma dimensão relevante na sociedade atual. O migrante busca novos territórios isoladamente ou em grupos sociais, geralmente com o propósito de alcançar algum tipo de necessidade que não está sendo atendida no seu local de origem. Entre as causas que podem influenciar uma mudança geográfica estão movimentos históricos de colonização, guerras (como a da Rússia contra a Ucrânia, que está expulsando milhões de pessoas com o intuito de fugir dos bombardeios), a industrialização e urbanização de grandes centros e regiões,

barateamento do custo de vida, o declínio da natalidade nos países avançados e perda do poder aquisitivo com o aumento da pobreza (ELHAJJI, 2012, p. 34).

No caso das venezuelanas, fica claro nas entrevistas que é o aumento da pobreza o principal problema enfrentado no país vizinho, levando muitas pessoas ao ponto de não terem o que comer.

Esta situação de vulnerabilidade foi relatada por P1. Sem trabalho e sem dinheiro, ela conta que os problemas foram se agravando de forma drástica, e a família, que já teve uma situação financeira confortável na Venezuela, não tinha mais como se sustentar. E veio a fome:

Si, yo pesava 79 quilos e yo entrei al Brasil com 45. Entonces si passé hambre porque la comida que me correspondia, mi guardava para el, mi papa que era um senhor anciano. Entonce había días que yo no comía...para guardarse para el. Entonce sí, por isso te digo, yo em Brasil yo estoy pesando 64 quilos em quatro meses y entré com 45, bela diferencia.

Conforme relatado anteriormente, a crise na Venezuela é resultado do agravamento de problemas políticos e econômicos. A inflação na Venezuela chegou a índices tão elevados com uma hiperinflação na ordem de 1.000.000%, que começou a faltar até mesmo o papel necessário para produzir a cédula bolivariana. A população perdeu seu poder de subsistência, com a desvalorização dos salários, que já não eram suficientes para comprar produtos básicos para a manutenção da vida cotidiana como roupas, produtos de limpeza e alimentos. A diminuição, ou em alguns casos a parada total da produção de insumos, gerou escassez de alimentos com filas enormes em frente aos mercados para comprar produtos que já desapareciam das prateleiras (SENHORAS, 2019).

Diante do desespero provocado pela fome e pela falta de perspectivas, foi preciso agir. Com três filhos e nenhuma perspectiva, P4 diz que só enxergava uma saída.

P4 - Yo salí de Venezuela porque no venía futuro para mis hijos. Eh... la situación era muy difícil la educación era muy ruin y mirando al futuro, yo veía que podía, mis hijos no tenían futuro allá. Por ellos decidí salir del país, para buscar algo mejor, una economía mejor, una estabilidad, porque es muy difícil para los niños en Venezuela... estar, es muy difícil...

Porque, los niños en Venezuela no gozan de una... de una vida como la de los niños de un país que no está en crise, por ejemplo: Es muy difícil para un niño en Venezuela comprar un picole, o comprar bolachas, que aquí no es nada, más allá es mucho. (...) Si compraba tres picolé, porque son tres hijos que tengo, no compraba medio cartón de huevos. Entonces prefería no comprar el picolé y comprar huevos.

Cosas así es muy difícil para un niño en Venezuela no tener ni para comprar un cuaderno; hay niños en Venezuela que escriben en hojas de papel, que no tienen para comprar un cuaderno. Entonces, yo pensaba en eso y decía: los niños al futuro, a los futuros hombres, van a ser hombres de mentes mediocres; o sea que, van a ser conformistas, si tienen, tienen, si no tienen, no tienen, porque así fueran criados. Entonces no quiero eso para ellos. Ellos tienen derechos de gozar de los beneficios de cualquier otra persona y por esto decidí salir.

O trajeto da migração em meio a uma crise humanitária como a da Venezuela é o primeiro desafio. Migrar para outro país sem as condições adequadas exige um grande esforço. P3 veio para o Brasil com a mãe e com o marido, que é paraplégico. Ela diz que foi a solidariedade encontrada no caminho que facilitou a chegada até o solo brasileiro.

Quando nós salimos há 3 años a fronteira estava fechada. Então chegamos à fronteira de Venezuela com Brasil, de carro. Aí cruzamos a fronteira pela troxa, que é o nome que tem lá, de carro também. Chegamos até Manaus de ônibus, desde Boa Vista até Manaus. E de Manaus chegamos a Porto Velho em barco. De Porto Velho até aqui de ônibus... a dificuldade que traz a cadeira de rodas é bastante. Mas graças a Deus no caminho, achamos pessoas que ajudaram. Tudo ... todo mundo ajudou. Não posso falar mal.

Já a P5 diz que a preocupação com o dia de amanhã, numa clara referência sobre o futuro, foi o que acelerou o processo de migração, mas a dúvida era para onde ir. Ela declara que pesquisou na internet a situação de alguns países e optou pelo Peru, para onde seguiu com sua mãe. Lá encontrou apenas trabalho por temporada:

Cuando yo llegué a Perú, en el 19 en julio, ahí se agarra todo el mes de julio, junio, agosto, septiembre, octubre hasta diciembre ya en enero empiezan a bajar la cosecha de cebolla, se para el trabajo. Entonces, tienes que empezar a buscar otra clase de empleo hasta que se comience otra vez la cebolla y no me gustó porque allá en Venezuela no pagas aluguel, ni pagas agua, ni energía, ni nada de eso. En Perú si, se paga todo eso.

É importante esclarecer aqui que, na Venezuela, é o governo que fornece água e energia. Porém, esses serviços públicos são muito insuficientes, com interrupções frequentes no fornecimento, conforme veremos mais à frente.

P5 nos informa que ela e a mãe não se adaptaram no Peru e lá ouviram falar de oportunidades no Brasil. As pesquisas na internet as ajudaram a tomar a decisão de mudar a rota. P5 e a mãe voltaram para a Venezuela, juntaram-se ao restante da família e, num

total de sete pessoas e duas crianças, uma de um ano e uma de um mês de vida, pegaram novamente a estrada. É até difícil imaginar o transtorno e a dificuldade de fazer uma viagem internacional por terra com duas crianças de colo ainda tão frágeis, mas segundo P5 foi a mãe, que é hipertensa, quem mais sofreu com o deslocamento.

Eu pasé un mes viajando y vim de ómnibus, só que mi mamá es una persona enferma, hipertensa y la rúa de Perú para acá, ese viaje es muy fuerte. Por ejemplo, la frontera de Perú con Bolivia es muy alta, muy alta... cierta cantidad de pie sobre el mar y le hace daño a mi mamá. En frontera pasamos más de una semana esperando; agravó esperando que se calmara, que pudiéramos sacarla... un viaje poco a poco.

Com um grupo tão grande e duas crianças de colo, a possibilidade de conseguir carona era quase zero. A alternativa então foi seguir de ônibus e dormir nas rodoviárias pelo caminho quando necessário. Cuiabá era o destino.

De Bolivia para Brasil, llegamos por Corumbá. Corumbá a Campo Grande, a Cuiabá... fue algo muy chistoso la verdad. Porque llegamos a la rodoviária, una amiga de mi mamá estaba esperando nos y después que llegamos aquí ella falo no... estoy de viaje, no estoy en Cuiabá. Entonces, no había donde llegar. Foi a prefectura, al rodoviária, Nos procuraron el centro pastoral.

As mulheres entrevistadas nesta pesquisa fazem parte de um universo significativo do processo migratório da Venezuela para o Brasil. De acordo com o relatório do Subcomitê Federal para a Recepção, Identificação e Triagem de Migrantes, ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, divulgado no dia 23 de março de 2022, nos últimos cinco anos mais de 700 mil venezuelanos entraram no país. Desse total, 47% são mulheres. O estudo também mapeou as principais rotas de entrada no país, e a cidade de Pacaraima, em Roraima, por onde entraram cinco das seis entrevistadas, foi apontada como principal acesso por terra<sup>5</sup>.

## 3.2. Rede de Apoio: comunicação é ato de solidariedade

Esses depoimentos nos ajudam a compreender a dinâmica do processo de migração dessas mulheres do ponto de vista comunicacional. A informação sobre as condições de vida no local para onde se pretende chegar circula tendo como fonte não só os sistemas de busca da internet, mas também uma rede migratória formada por pessoas

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Disponível em: <a href="https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos">https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos</a>. Acesso em: 20 jun. 2022.

que estão no movimento de ir e vir. Dessa forma, os eventos migratórios tendem a ocorrer não isoladamente, mas conectando indivíduos e grupos que possuem alguma ligação em comum como parentesco e conterraneidade.

Segundo categorias migratórias estabelecidas por Tilly (1978, *apud* Truzzi, 2008, p.200), pode-se identificar a relação entre as redes e as migrações em cadeia "que envolvem o deslocamento motivado por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino". Truzzi destaca a importância das redes migratórias como fonte de informação que dão incentivo, apoio e confiança, encorajando os migrantes em suas experiências de deslocamento e estabelecimento no local de destino.

A entrevistada P2 também está inserida nessa rede de apoio. Um amigo venezuelano já morava em Cuiabá, mas não tinha condições de hospedá-la com a família, porque vivia em um apartamento muito pequeno. Todavia, ele municiou a amiga com informações importantes de onde ficar nos primeiros dias. Ele encaminhou P2 para a Casa da Pastoral do Migrante.

Foi importante sabe por quê? Porque meu amigo estava aqui mas ele não tinha como receber nóis na casa onde ele morava, porque era um quitinete, era muito pequeno. Já nós viemos de lá sem dinero, sim trabalho, sim nada. Começar de zero. Então eles receberam nóis lá, deram pra nós cama, quarto, comida, deram pra nóis roupa, calçado, artigo de higiene personal também davam pra gente. Então foi muito acolhedor quando nós chegamos lá. Porque se você vem de lá sem dada, dinero pra comprar, como você vai pagar um quarto, uma cama pra dormir, comida. Então quando eu cheguei aqui com as minhas crianças eles tinham cinco años. Eram pequenos ainda... ainda são pequenos hoje tem nove anos. Mas aí as crianças falam tenho com fome. Aí como fala para o filho ... tem que aguardar, não temos pra comer não. Aí lá (casa do Migrante) tinha tudo, eles deram comida pra nós, e tinha uma cama para deitar, tudo então foi muito gratificante para a gente, nós estava aqui sem dinero aí foi difícil. Se nós não tinha ajuda deles aí tinha que morar na rua.

As redes de apoio também foram fundamentais para P1 em todo o trajeto de deslocamento dentro do Brasil. Emocionada, ela diz que é muito grata às casas de Apoio Cáritas<sup>6</sup>, onde foi recebida nos estados brasileiros por onde passou. Em um momento de extrema vulnerabilidade, P1 ressalta que o apoio recebido salvou sua vida. Sozinha e doente, não tinha a quem recorrer.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Cáritas é uma instituição religiosa ligada à Igreja Católica, que ampara os migrantes em vários estados.

Bueno em Puerto Velho me enfermé por clima. Passé 28 dias enferma. El amor de los brasileños que tomaron en brazos, la señora Arle, que el señor la bendiga, es la coordinadora de Cáritas em Puerto Velho. Ella me llevó al hospital, cuido de mim e quando me dera de alta no me llevó al refúgio.

Em Cuiabá, P1 foi direto para a Casa da Pastoral do Migrante. Ela foi uma das mulheres atendidas no primeiro semestre de 2022 no local, mantido pela Congregação Scalabriniana, da Igreja Católica.

A Pastoral do Migrante tem um trabalho significativo em Cuiabá, tanto na recepção quanto no encaminhamento ao mercado de trabalho. Assim como outros centros de apoio, os coletivos e associações são fundamentais para a instalação dos migrantes no país. Como parte da rede de apoio, estas instituições atuam na acolhida dos recémchegados, na organização para a procura de emprego e moradia, na orientação diante das dificuldades com idioma com a realização de cursos, auxílio na regularização da situação jurídica e busca de oportunidades. Além disso, também são espaços de sociabilidade e de reconhecimento na diáspora, além proporcionar a aproximação com as comunidades locais.

Silva (2017) destaca a centralidade das instituições religiosas no acolhimento a imigrantes, inicialmente oferecendo assistência em momentos emergenciais, e em um segundo momento fazendo a mediação entre eles e o mercado de trabalho. Isso faz com que instituições como Cáritas e Pastoral do Migrante se tornem referência nos estados onde atuam, suprindo demandas não atendidas pelos governos, pela falta de políticas públicas mais efetivas.

Mesmo com o apoio da Pastoral do Migrante, segundo P1, a busca por emprego em Cuiabá foi muito difícil. Apesar de ser formada em Direito e Agronomia na Venezuela, aqui nenhum dos diplomas tem valor, pelo menos num primeiro momento, até que sejam revalidados. A venezuelana diz que ainda enfrenta preconceito por ser migrante, mulher e por já ter 64 anos de idade.

E com todo esa carga energética negativa, la mujer migrante tiene la autoestima por el suelo, no se considera nada y nosotros tenemos que cuidar de la salud emocional, porque si tu no tienes salud emocional, no tienes física y no puedes tener un desalojo progressivo del su capacidad. Primero tienes que sanarte interiormente. Porque los golpes de palavras, lá estima mas, é pior que golpe físico. Entonces hay que curar esas heridas.

Depois de três meses em busca de emprego sem sucesso, P1 desistiu de Cuiabá. Por meio de uma pessoa que conheceu na Casa de Apoio Cáritas em Porto Velho, P1 conseguiu uma vaga em um frigorífico no Paraná. Antes de partir nos contou animada que vai ganhar pouco mais de um salário mínimo. Disse ainda que pretende morar por um tempo em uma Casa de Apoio e guardar dinheiro para abrir um café e vender salgados típicos da Venezuela; e quando realizar esse sonho, ressaltou que pretende nos enviar o endereço para que possamos visitá-la. A história desta mulher representa a garra, a coragem e a perseverança das venezuelanas. Ela já teve uma boa situação financeira e perdeu tudo. Agora, já na chamada melhor idade, está disposta a enfrentar este novo desafio e ajudar a construir novas redes migratórias e solidárias por onde quer que esteja.

# 3.3. Gênero, vulnerabilidades e discriminação

P1 não foi a única a enfrentar preconceito no mercado de trabalho em Cuiabá, no caso dela agravado pela idade. Até mesmo quem é bem mais jovem e entrou no Brasil de forma planejada como a P6, que se destaca na música e tem formação acadêmica em Relações Industriais, reclama do tratamento recebido em algumas situações. Ela diz que os brasileiros têm uma visão míope das mulheres migrantes latino-americanas quando o assunto é mercado de trabalho.

As pessoas chegam, conhecem alguém migrante e já perguntam: você poderia limpar a minha casa? Aí você fala sim posso, já fiz inclusive. Meses atrás me encontrei sem trabalho e tive que fazer isso. Não tem nenhum problema, é um trabalho tão honrado quanto o de um médico. Só que antes disso, antes de você já qualificar uma pessoa, antes de você colocar este preconceito, porque é um preconceito, você poderia tentar conhecer esta pessoa e aí entra a empatia. Acho que o que falta, não somente do governo mas também da comunidade, especialmente no último ano, é a empatia. Então conhece primeiro essa pessoa pergunta o que ela faz, como você está, de onde você veio... a gente não faz isso com alguém que vem da Europa. Quando você recebe na sua casa, você pergunta: olha da onde você veio, o que você faz, o que fazia lá? Você não fala para uma pessoa italiana, por exemplo, você limparia a minha casa? Acho que não, né...

E pela dificuldade de acesso ao mercado de trabalho na área em que são graduadas para mostrar o que sabem fazer, muitas acabam aceitando as ofertas para trabalhar em casas de família como alternativa de sobrevivência. E no campo privado de um lar ficam ainda mais expostas a contratos frágeis ou pagamento bem abaixo do valor pago às empregadas domésticas brasileiras, como relata P1.

El otro punto, por no conocer las leies, por no conocer bien el idioma, de repende a uma brasileña, por una diária como les disse, pagam 80 reais, pero a una venezuelana pagam 40. De repente la venezuelana trabaja 2, 3 horas más que la brasileña, e sin embargo trabaja ganha mucho menos que la brasileña.

Essa postura denuncia um desrespeito às leis trabalhistas brasileiras que garantem ao trabalhador migrante os mesmos direitos de um brasileiro. Porém, a percepção de que do outro lado da mesa de negociação está uma pessoa que precisa muito de um emprego, abre brecha para a exploração. E se a pessoa entrou no país no país ilegalmente, fica ainda mais suscetível a esse tipo de situação. As mulheres são alvo do trabalho doméstico. Assim como em outros países, limpar uma casa e cuidar de crianças ainda é visto como um trabalho prioritariamente reservado a elas.

[...] Essa posição 'fechada nas paredes domésticas' foi 'atribuída à força de trabalho feminina pelo mercado mundial' e, para as imigrantes, significa um trabalho muito exposto ao arbítrio do empregador (pela total dependência do emprego para poder se manter no país de destino e ajudar a família no país de origem), com cargas intensivas de dispêndio de energia física e emocional, com 'tempo totalizante' de trabalho (tendo em vista que muitas vezes moram na casa do empregador e não há separação das horas de repouso daquelas de trabalho), com o peso de ter que cuidar de duas famílias, a do próprio emprego, bem como à distância, a de origem (VILLEN, 2013, p. 5).

Para P6, o preconceito não se restringe apenas ao fato de ser migrante, mas também por ser mulher. Ela diz que no Brasil os homens são mais respeitados que as mulheres, inclusive nos órgãos públicos. P6 declara que já encontrou dificuldades e aborrecimentos em uma instituição pública de Cuiabá.

Um dos casos, e isso não é somente um preconceito, acho até que foi um tipo de assédio talvez, eu tive num órgão que fui uns dois ou três anos, fui tirar um documento, para perguntar informações para tirar um documento... aí eu cheguei e falei: Olha, quais são os requisitos para poder fazer isso aqui? E ela nem me olhou e falou: Você não pode... Ué, mas por que que não pode? Não, porque você está com protocolo. Aí eu falei: É um protocolo mas sou aqui residente, já permanente aqui no Brasil... é isso que deixa aqui ter esse acesso, né? A pessoa insistiu, insistiu, insistiu, foi umas cinco tentativas de falar com ela... no final ela começou a dizer: Moça, você não entende... tava um senhor idoso do meu lado e uma mulher com o filhinho pequeno do outro, eram vários guichês, e a pessoa fala assim: Não, moça, você não entende? Você é imigrante, você tem um protocolo, ainda está sendo investigada pela polícia federal. Você não sabe que a polícia federal ainda não sabe quem é você? Ela ainda tá vendo se você fez alguma coisa errada no

seu país, se você fugiu do seu país... Aí eu falei: Moça, você não está me prestando atenção. Você pode ver meu documento? E ela só falava aquilo, na frente de um monte de pessoas. E aí como você acha que eu me senti? Que tipo de tratamento foi esse? Em um órgão público, uma pessoa super capacitada talvez, tratando outras pessoas assim? Isso que eu falo português, tudo bem que com sotaque, e ainda não me considerando branca porque sou parda, eu tive esse momento bem desagradável... Mas eu fiquei pensando: e se fosse uma haitiana, que não fala português e que ainda é negra? O que iria acontecer?

Com exceção da P6, todas as entrevistadas relatam que tiveram muita dificuldade por causa do idioma, que se transformou em uma barreira significativa para a interação com a comunidade e acesso ao mercado de trabalho e serviços públicos. P1 diz que estudou muito sobre o Brasil antes de vir, e de fato demonstrou durante a entrevista ter informações sobre diversos assuntos em várias áreas. Ela declara que consegue entender o português através da leitura, mas na hora de se comunicar de forma oral, tem dificuldade.

Porque el protocolo nuestro dice que tenemos los mismos directos, pero no sabemos porque no entendemos el idioma. Yo leo portugués, pero la fonética es lo que no me permite desalhojar el vocabulario. Yo leo todo em portugues, la Biblia... y entiendo toda la ley porque gramaticalmente es muy parecido al español. Pero fonéticamente.... ejemplo: lá Te para nosotros és "Te" para ustedes és "Ti"... Entonces esas diferencias nos hacen muy difícil comunicarnos.

As entrevistadas reconhecem que aprender o idioma reduz muito as barreiras no mercado de trabalho e nas relações sociais, e que é preciso empreender esforços para isso, mas ressaltam que o sotaque carregado, que confirma a identidade cultural, mantém vivo o resquício do preconceito contra migrantes vindos de outros países.

No Brasil, a xenofobia é crime tipificado na Lei nº 9.459 de 1997. Seu primeiro artigo diz que "serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia ou procedência nacional". Apesar disso, quase não há registros de denúncias que prossigam na Justiça ou de xenófobos punidos, o que demonstra que na prática esta lei não tem muita eficácia.

O país é marcado por um passado histórico de massacres e humilhações contra povos como indígenas e negros. No caso dos negros, eles ainda foram submetidos à escravidão por um período que durou de 1530 a 1888, e em seguida sofreram os reflexos de um processo de branqueamento. Seyferth (2002) explica que o branqueamento visava ao cruzamento com o branco europeu, com o objetivo de purificar a etnia brasileira, dotando

os descendentes de qualidades genéticas europeias. Absurdos como esse deixaram marcas profundas de desprezo e humilhação para os negros. Em atitudes xenófobas, como as narradas pelas entrevistadas venezuelanas, o povo brasileiro perde a oportunidade de se redimir dessa mácula dando um tratamento digno a brasileiros e migrantes, independentemente da procedência.

Infelizmente, o preconceito e a discriminação também estão fortemente relacionados a questões de gênero e orientação sexual. P5 é homossexual assumida e na entrevista deixou claro o peso do preconceito. Ela diz que sofre três tipos de discriminação: por ser mulher, por ser migrante e por ser lésbica. A maior barreira está no acesso ao mercado de trabalho. P5 diz que existe hoje um padrão de beleza e de comportamento para as vagas de emprego, e quem não se enquadra encontra mais dificuldade que as outras pessoas para trabalhar.

Porque, por mí condición, eh... de yo pertenecer a la comunidad LGBT. É poco difícil, siempre siente algún tipo de rechazo de la persona y es la persona que te acepta ya es un tipo de trabajo donde tienes que ser más que todo, muy femenina y no es mi tipo de persona. Entonces sí, se me hace difícil, no puedo tener un trabajo muy femenino, pero tampoco muy masculino. Ves, entonces, estoy allí se hace muy difícil.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência apresenta-se estruturada em quatro categorias: física, que corresponde a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual sem o consentimento desta; negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seus dependentes; e a psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outras formas consideradas de menor potencial ofensivo, e por isso muitas vezes nem sequer são denunciadas (CABRAL; ORNAT; SILVA, 2013, p.122).

Essas agressões consideradas de menor potencial, como palavras preconceituosas que desrespeitam, humilham e magoam, mesmo não tornadas públicas, têm um impacto grande na vida de uma pessoa. P5 procurava um emprego em que pudesse se enquadrar nos padrões estabelecidos, mas qual o padrão de corpo ideal para cada segmento de trabalho? Quem estabelece esse padrão?

Nas reflexões sobre o corpo, Baitello Júnior (2014, p.12) afirma que ele é o lugar de fortalecimento das relações humanas. Segundo o autor, é preciso ter ciência de que a "[...] ponta geradora de toda a comunicação, que constitui o corpo, é a ponta-alvo do mesmo processo, que igualmente existe em sua natureza primeira de corpo". Para Baitello

Júnior (2014), o corpo é a raiz de todo o processo comunicativo, que se inicia no nascimento. "O nascer deveria ser definido como momento inaugural de toda a comunicação" (BAITELLO JÚNIOR, 2014, p.95).

A partir do nascimento, é o corpo que transmite as mensagens "[...] os sons e a fala, os gestos e as mãos, com a cabeça, com os ombros, os movimentos do corpo, o andar, o sentar, a dança, os odores e a sua supressão, os rubores ou a palidez, a respiração ofegante ou presas, as rugas ou cicatrizes, o sorriso, o riso, a gargalhada e o choro". (BAITELLO JÚNIOR, 2014, p.95).

Se o corpo representa a nossa essência, e por sua vez também comunica a nossa essência, então tentar criar padrões de corpo significa "amordaçar", deixar sem voz uma parcela da população que não se enquadra em determinado padrão de corpo.

É preciso também abrir o leque para a complexidade dos corpos que passam por mudanças significativas nas suas formas, concepções e sensações. Em seu estudo sobre pessoas transgêneras, Almeida (2019) ressalta três dimensões: o corpo não está condicionado a padrões biológicos, mas sim a uma construção sociocultural e histórica. Para o autor, em uma sociedade conservadora, corpos que não se adequam ao padrão sociobiológico hegemônico são considerados fatores de desestabilização da ordem vigente e por isso precisam ser neutralizados, e é essa perspectiva que se coloca como principal elemento de rejeição aos transgêneros. A segunda dimensão são as novas configurações familiares, incluindo comunidades LGBTQIA+, que são realidades concretas na contemporaneidade. Segundo ele, é preciso construir políticas públicas de acolhida e de inclusão social aos sujeitos. E a terceira dimensão destacada por Almeida (2019) são os corpos que geram vínculos, a sexualidade e os novos estilos de vida "[...] que precisam ser encarados como ativismos sociais que ajudam a dar visibilidade ao debate sobre o tema com potencial para amplificar as vozes das minorias, sobretudo nas demandas das pessoas silenciadas e invisíveis". (ALMEIDA, 2019, p.275)

O silenciamento de vozes é um ato antidemocrático que não respeita o direito à liberdade de o ser humano viver de acordo com o que pensa, com o que sente e com o seu jeito de se expressar. Segundo a escritora norte-americana Judith Butler, teórica, ativista, filósofa e uma das principais referências feministas contemporâneas, há corpos que adquirem significado, que se materializam como sujeitos discursivos e obtêm legitimidade. Há também "[...] corpos que não importam, são corpos 'abjetos'. Tais corpos são inteligíveis e não têm existência legítima". (BUTLER, 2002). Acrescenta

ainda que tais corpos tendem para a ausência, são corpos que estão em posição mista entre presença e ausência do ponto de vista da semiótica tensiva.

A discussão de conceitos, como identidade de gênero e identidade sexual, denota a abordagem de constructos mutáveis e dinâmicos. Neste sentido, conceber a identidade heterossexual como normal e natural é negar que toda e qualquer identidade (sexual, étnica, de classe ou de gênero) seja uma construção social, que toda identidade culmine em um processo dinâmico, portanto nunca acabado, pronto ou fixo, mas sempre remodelado (LOURO, 2003).

P6 acredita que essa discussão ainda precisa evoluir muito para que se possa atingir a equidade de gênero, já que a discriminação, de acordo com ela, é um traço histórico na humanidade.

A gente, como mulher, se encontra sempre numa segunda posição. Mesmo que a gente consiga fazer as mesmas coisas, da mesma qualidade, algumas outras com a qualidade maior que os homens, sempre somos colocadas de lado, e muito mais quando você é imigrante, porque rola este preconceito, né, de imigrante, né. Talvez a pessoa do Brasil possa fazer melhor, só que quando é mulher, ainda muito mais, e quando se encontra em posições de liderança, existe um preconceito tanto do homem quanto da mulher aqui, neste caso. Eu já vivenciei isso, já estive em posições tanto dentro da orquestra (...) sofri este preconceito não só pela forma ao trabalho, mas também pela tomada de decisão. Porque deixar que uma pessoa decida se não... é outra que pode fazer que talvez tenha um pouco mais de antiguidade neste lugar. Mas não é isso que vai fazer você ter um trabalho efetivo e eficaz. É a experiência que essa pessoa trouxe. É aquele conhecimento que ela tem naquele caso, que eu tinha e ainda tenho.

Isso significa que a desigualdade afeta "[...] condições, materiais e simbólicas, nas quais os indivíduos exercem sua liberdade e buscam determinar autonomamente as suas vidas, assim como são desiguais as garantias de integridade individual e de igual participação nas decisões que lhe afetam" (BIROLI, 2013, p.12).

Cinco das seis entrevistadas relataram problemas que dificultam o acesso ao mercado de trabalho na área em que têm formação comprovada na Venezuela. Os diplomas emitidos naquele país precisam ser revalidados aqui no Brasil, um processo que, segundo relato, é muito demorado. P6 conta que só conseguiu revalidar seu diploma após pedir apoio a uma ONG para auxiliá-la.

A maioria das pessoas vem com uma formação. Podem ser advogados, podem ser médicos. Tenho muitos amigos aqui médicos trabalhando no Brasil, como é o caso do meu irmão. Tem muitas profissões, então às vezes a pessoa demora muito tempo para encontrar um trabalho formal

porque o diploma não está revalidado, que é uma das exigências aqui no Brasil. Talvez deveria existir mais organizações, mais ONGS que possam auxiliar em todo este processo. Me lembro que a primeira vez que eu tentei esse processo foi como pessoa física e aí não deu certo. Perdi toda o dinheiro da revalida. Agora recentemente eu fiz com uma ONG, chama "Compassiva", além de serem pessoas superprestativas, sempre atenderam todo esse processo e funcionou perfeito. A resposta foi positiva para a revalida 100% do meu diploma. Então acho que poderia existir mais organizações como esta em cada estado...

Em sua fala, P1 nos traz uma reflexão interessante sobre o potencial da mulher migrante no mercado de trabalho. Para ela, quando o Brasil abre suas fronteiras para receber pessoas de outros países numa ação humanitária, deveria também criar mecanismos eficientes para um melhor aproveitamento da mão de obra que entra, e assim evitar que essas pessoas se tornem um peso para o Estado.

Yo considero que poderiam em lo refúgio hacer la clasificación de las personas. Las profesiones, los oficios, y la flexibilidad de las "reválidas". Me explico: nosotros pasamos demasiados años em la universidad, estudiando una carrera. Entonce ao lhegar a um país sabemos que tiene sus próprias leis. Pero yo considero com sugerência, seis meses. Se em seis meses, se nosotros estudiamos realmente em la Universidad, se nossos títulos de pronto no son considerados até hoje como satisfactorios, yo considero que em seis meses, podemos nosotros se valoralo. Porque se estudiamos y ya trabajamos tenemos que ter el conocimiento. Y isso solamente se determina com la práxis. Pero se no tiene la oportunidad de praxis, como entonces se puede acessar al mercado laboral?

As dificuldades relatadas pelas mulheres entrevistadas nos rementem à discussão sobre a interseccionalidade do feminismo, levantada pelas mulheres negras na década de 1960, por não se sentirem representadas no movimento feminista da época liderado por mulheres brancas (CARNEIRO, 2003, p.50), abordado anteriormente nesta dissertação.

Do momento da partida na Venezuela, até a chegada em Cuiabá e o início de uma nova etapa de vida pessoal e profissional, as mulheres entrevistadas relatam dificuldades diferentes, são demandas multifacetadas que no nosso entendimento não cabem no termo "Mulheres Migrantes". O termo generalista que aparece nos veículos de imprensa tradicionais (quando aparece) esconde caminhos e realidades distintas que precisam de atenção dos governos e da sociedade, para que essas mulheres possam se desenvolver e conquistar autonomia.

Apesar da ampliação dos debates no mundo, o tema ainda é um desafio para as políticas públicas no Brasil. Todas essas abordagens trazidas à tona no bojo das entrevistas mapeiam a situação de vulnerabilidade das mulheres venezuelanas em Cuiabá, não só no cruzamento das avenidas da capital vendendo pano de prato, mas também no longo caminho a ser percorrido até conseguir um emprego, uma casa para morar e estabelecer relações dignas.

# 3.4. Vínculos comunicacionais e uso de tecnologias

Em todas as entrevistas, constatamos que essas mulheres que migraram da Venezuela para Cuiabá utilizam meios de comunicação acessíveis e disponíveis hoje de forma gratuita, como redes que oferecem serviços de busca de informações, a exemplo do Google, redes sociais como Instagram e Facebook, e plataformas de comunicação como o WhatsApp. Nas entrevistas, elas declaram que essas ferramentas foram essenciais no processo de migração, principalmente para auxiliar na escolha do país de destino e no levantamento de informações sobre o Brasil.

P2 – Quando meu amigo falou para nós vir pra cá, aí nós pesquisamos na internet. Eu sou professora lá, eu estudé e sou professora de ... aqui ensino fundamental. Então eu pesquisé vi a cidade, taxa de emprego, aí tem uma taxa de emprego alta, ou seja, muito emprego bom, aí se você é qualificado, consegue um trabajo melhor.

P3 – Então nós pesquisamos na internet, das cidades mais que a economia estava melhor, que tinha mais oportunidades de emprego, embora que nós vimos a trabalhar de forma independente, esse era o objetivo. Então, se tem mobilidade de economia, o dinero fluie, né.

Estas declarações reforçam também a tese citada anteriormente neste trabalho de que o Brasil tem uma imagem de país próspero no exterior, com boas oportunidades de emprego, o que se torna um grande atrativo para os migrantes de países da América Latina geograficamente mais próximos, principalmente da Venezuela.

As falas também indicam que o acesso à internet durante o trajeto faz toda a diferença. Sem dinheiro, P5, que veio com a família, aproveitava os locais onde encontrava internet com Wifi grátis para pesquisar e antecipar as informações sobre as próximas cidades por onde iriam passar.

En el grupo familiar yo era la persona guía del viaje, entonces, cómo pedir un pasaje, como este... el precio de alguna cosa, cosas solo lo básico (...) Te enteras de muchas cosas, me ayuda a orientarme sobre las leyes, sobre las cosas, sus costumbres cosas de acá de Brasil.

Em Cuiabá, local de destino dessas mulheres, as tecnologias da informação também se tornam essenciais, tanto para manter o vínculo com o país de origem, quanto para criar novas relações sociais e laborais. Segundo as migrantes entrevistadas, elas sentem saudade dos familiares que ficaram na Venezuela e se preocupam com a situação deles, já que muitos estão em condições vulneráveis. Também sentem vontade de contar o que viram pelo caminho e o que encontraram na capital de Mato Grosso. Cinco das seis entrevistadas ficaram na casa da Pastoral do Migrante nas primeiras semanas, onde tem internet disponível e gratuita. As chamadas de vídeo pelo WhatsApp foram apontadas por elas como um alento, como narra P1, que conseguiu falar com o pai que está na Venezuela, no dia do aniversário dele.

P1 – Mi familia sabe lo que estoy haciendo, y yo sé lo que ellos están haciendo allá (...) Nosotros podemos comunicarnos en las veces que yo llamo a mi papa. Mi papá me contesta por videollamada, conversamos. Papá cumplió año el 5 de marzo, tuvo una video cámara, yo le mandé la plata para su torta, vi su torta, vi todo feliz mi papá y listo.

P4 – Estamos muy lejos pero por lo menos tú haces una video llamada y ves la cara de tu familia que te quiere y hacen llamadas en grupo... Se hacen grupos de familia donde todos pueden conversar. O sea, estamos unidos a través de las redes sociales.

E pela internet elas também acessam as notícias sobre o que está acontecendo na Venezuela.

P1 – A través de teléfono pela internet, porque nós tenemos wifi aquí le tenemos wifi ilimitado. Las noticias todos tenemos pela internet, ou sea nos todos aqui nos mantenemos informados de lo que pasa en nuestro país de lo que pasa en el mundo a través de la internet que tenemos aquí en el centro.

Não há dúvidas de que o avanço das tecnologias a passos largos nas últimas décadas reconfigurou o processo migratório no mundo. Portes (2004, p.74) ressalta que o fenômeno da migração recebeu um forte impulso com o "[...] advento das tecnologias

nas áreas dos transportes e das telecomunicações, que vieram facilitar enormemente a comunicação rápida das fronteiras nacionais e à grande distância".

Mas nem sempre essa comunicação é possível. No Brasil, segundo a última estimativa do IBGE (2019), 84% dos domicílios possuem acesso à internet. Mas as entrevistadas contam que na Venezuela a população sofre constantes interrupções no fornecimento de energia e também no sinal de internet, o que impede a comunicação com os parentes por períodos que podem durar dias, como relatam P4 e P3. De acordo com as participantes, este é um problema recorrente.

P4 – Sí, que eso es normal allá; es normal que no haya energía, que se vaya por tres o cuatro días, que se caiga la señal de WhatsApp, o sea, es normal. Cuando llega la señal, llegan los mensajes y uno fala.

P3 – Sim, faltava e muito. Na minha casa chegava de noite. Tem lugares que não chegava, nem água nem energia. O negócio tinha aí... suspendiam o servício dois, três dias, colocavam dois, três dias e voltava. Então assim não tem calidad de vida.

Mesmo com interrupções frequentes, as mulheres entrevistadas dizem que o WhatsApp é a forma mais fácil e barata de falar com os parentes, já que uma ligação internacional por celular ou telefone fixo teria um custo inacessível para elas. Segundo P5, "[...] é difícil imaginar a migração hoje sem o apoio da internet, mesmo como suas limitações".

Os recursos tecnológicos mudaram a dinâmica do movimento de ir e vir da migração interna ou transnacional. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são "[...] utilizadas como um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas" (ELHAJJI; ESCUDERO, 2015, p.2). Em todo o processo migratório, como vimos nos depoimentos, as TICs ganham uma dimensão importante na medida em que possibilitam usos plurais e ajudam a construir projetos migratórios, garantem a comunicação e a manutenção dos laços com familiares e de amizade no país de origem ou em qualquer lugar do mundo; permitem o consumo de informações de produtos comunicacionais da terra natal e acesso às informações sobre os contextos para onde migram, bem como em âmbito global.

Na direção desta perspectiva, Cogo (2015) delineia os usos e o consumo das tecnologias digitais — principalmente da internet — com dimensão constitutiva das mobilizações e dos ativismos político, econômico e comunicativo dos migrantes. A autora entende que as apropriações e usos das TICs criam oportunidades para que os indivíduos

e grupos construam práticas comunicativas para o exercício da cidadania, visando diferentes agendas de transformação social e/ou de democratização dos processos de comunicação. Para muitas redes de migrantes, a comunicação também pode representar um alicerce importante e estratégico para a elaboração e distribuição de imagens e registros importantes de migrações contemporâneas em redes sociais e canais de YouTube para contrapor discursos que estigmatizam os migrantes e mostram a mobilidade humana como um problema, conflito ou ameaça, apesar de ser uma prática muito antiga. A própria Bíblia relata um processo de migração em massa, quando Moisés conduz seu povo em busca da Terra Prometida. (BÍBLIA, Êxodo – 14:14).

O uso das TICs amplia para os migrantes a possibilidade de cidadania comunicativa, que, para María Cristina Mata (2006), remete ao reconhecimento como sujeitos de direito e de demandas no âmbito da comunicação:

[...] o exercício da cidadania comunicativa se torna imprescindível para a existência de uma sociedade de cidadãos. Se não existem possibilidades de exercer esse conjunto de direitos e práticas expressivas, ficam debilitadas as capacidades e possibilidades dos indivíduos para que se constituam como sujeitos de demanda e proposição em múltiplas esferas da realidade, pois a produção dessas demandas e proposições é impensável sem o exercício autônomo do direito a comunicar, ou seja, a pôr em comum (MATA, 2006, p.14).

Em 2016, o coletivo de mulheres migrantes "Equipe de Base Warmis – Convergência das Culturas", fundado em 2013 em São Paulo e que reúne migrantes de diversos países, inclusive da Venezuela, produziu a série em vídeo *Brasil, terra estrangeira: um diário das imigrantes*, disponibilizada em um canal no YouTube. Na série, as mulheres relatam suas experiências como migrantes em relação às diferenças linguísticas, alimentares e de costumes encontradas ao se instalarem no Brasil. O objetivo da série é justamente mostrar como elas lidam com essas diferenças culturais com abordagens de não violência, da não discriminação e da valorização do ser humano visando à melhoria de vida das mulheres migrantes, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelas TICs no exercício da cidadania. Este é um exemplo de exercício autônomo do direito de comunicar, na prática da cidadania<sup>7</sup>.

São espaços virtuais como este que nos remetem ao "novo urbano" que vai se constituindo com o avanço e popularização da tecnologia.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U2XvzuU\_ueo. Acesso em: 21 jun. 2022.

[...] Aun las culturas más fuertemente locales atraviesan cambios que afectan a los modos de experimentar la pertinencia al territorio y las formas de vivir la identidad. Se trata de los mismos movimientos que desplazan las antiguas fronteras entre lo tradicional y lo moderno, lo popular y lo masivo, lo local y lo global. Esos cambios y movimientos resultan hoy cruciales para comprender cómo sobreviven y se recrean las identidad en las comunidades tradicionales, las nacionales y las urbanas (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 177).

O conceito de "cidade virtual" idealizado por Martín-Barbero contempla as transformações dos espaços pelas mãos da tecnologia.

Trata-se de um espaço modificado com novas formas comunicacionais, onde os encontros e multidões são gradativamente substituídos por conexões, fluxos e redes. Esta reconfiguração também responde a novas formas de perceber e narrar a identidade, com a formação de identidades menos largas, mais precárias, mas também mais flexíveis capazes de possibilitar a convivência no mesmo sujeito, aspectos de universos culturais diferentes.

Por outro lado, é possível observar que este espaço cibernético também tem seus conflitos e hierarquias. As camadas mais pobres ainda têm limitações não só no acesso, como no caso da Venezuela e de parte da população brasileira menos assistida, mas também na chamada "alfabetização digital". Nem todas as pessoas têm conhecimento necessário para explorar os recursos mais aprimorados nas plataformas disponíveis de forma gratuita, como alerta Benoit em seu estudo sobre o Facebook:

Como o mundo que conhecemos, o Estado-continente do Facebook é hierarquizado. O Facebook tem suas elites e classes populares, a cultura digital e tecnológica de seus usuários aqui são um marcador social. A luta de classes, que continua a marcar os espíritos na vida real, teria encontrado o caminho para se espalhar no continente do Facebook. Acima de tudo, dominantes e dominados, exploradores e explorados não mudaram de cara. O sociólogo Fabien Granjon enfatiza que as classes populares estão menos familiarizadas com os códigos que regem a rede social, o que chamamos de "alfabetização digital" - em outras palavras, as habilidades técnicas e os elementos da linguagem usados na rede social – e assim são mais facilmente marginalizados. "Apesar do crescente acesso à rede, a persistente ilegitimidade de algumas formas de expressão na internet continua a manter as classes trabalhadoras fora dos mandatos de autoconfiança, autorrealização e reconhecimento impostos nesses novos espaços públicos pelas classes dominantes", explicou em 2009. Mais propensos a derrapar, a postar fotos ou comentários impróprios, as classes menos instruídas não conseguem se valorizar no Facebook e explorar os recursos (BENOIT, 2013, p.86, grifo do autor).

importante tecnológicos Entendemos ponderar que os produtos comunicacionais mais recentes se apresentam em formatos cada vez mais autoexplicativos, com o objetivo comercial de atingir o maior números de pessoas possível com condições financeiras de adquiri-los e no caso das plataformas gratuitas como Instagram e Tik Tok, também com o objetivo de ampliar as conexões e o alcance dos anúncios publicitários, mas não há como negar que há um distanciamento entre as classes mais privilegiadas e as menos favorecidas no acesso ao conhecimento para o uso pleno das tecnologias, para que possam usufruir dos benefícios que elas podem oferecer. Também há limitações financeiras para o acesso, por exemplo, a equipamentos de ponta e pacotes de dados rápidos e eficientes que garantam o download de conteúdos de interesse das camadas mais pobres. Se as periferias das cidades sofrem com a "segregação da banda", isso é revelador no que diz respeito ao acesso a bens comunicacionais, sobre a dificuldade de estabelecimento de uma cidadania comunicativa e da inclusão através do consumo (CORTINA, 2005).

Infelizmente, ainda temos cidades, estados e países com áreas periféricas de extrema pobreza, onde a infraestrutura tecnológica digital é excludente com pouco ou nenhum acesso aos benefícios da internet.

# 3.5. Estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades, acesso ao mercado de trabalho e empreendedorismo

Depois de percorrer um longo caminho para chegar ao destino, inicia-se uma nova etapa tão ou mais desafiadora. Conforme relatado anteriormente pelas entrevistadas desta pesquisa, estabelecer-se em outro país, com idioma desconhecido, enfrentar preconceitos, quebrar paradigmas, não é tarefa fácil. É preciso criar estratégias para superar os obstáculos culturais e comunicacionais e acessar o mercado de trabalho, mola propulsora de boa parte das migrações. Constatamos pelas declarações das entrevistadas, que a internet também pode ser uma aliada na busca de informações sobre empregos, e ferramentas como WhatsApp são usadas para enviar currículos e entrar em contato com as empresas que têm vagas disponíveis, e para interagir com a comunidade criando novos vínculos.

P5 – Bueno yo creo que en la época que estamos viviendo es demasiado importante, porque yo no me imagino con la situación que estamos

viviendo ahorita los venezolanos, estar en otro país, así como estamos, y no tener cómo comunicarte, no tener con esta pandemia que hubo, o que hay, porque esta, no tener como hacer las clases virtuales, o sea, es de suma importancia en esto momento lo que son las redes sociales; para todos son las redes sociales. Cuando era niña, no existía, eso no existía, por eso le digo, o sea, Dios es perfecto en su sabiduría, por eso hace todo comova, porque de verdad yo digo que es para uno volverse loco si no saber nada.

As entrevistas revelam ainda o empreendedorismo como alternativa de sobrevivência. P2 era professora na Venezuela. Segundo ela, diante da dificuldade em conseguir revalidar o diploma e acessar uma vaga de emprego formal, decidiu trabalhar em casa e paralelamente cuidar dos dois filhos. Começou então a produzir laços para cabelo, que eram vendidos na escola onde os filhos estudavam. Com a pandemia, as aulas foram suspensas, mas ela não se acomodou. P2 conta que começou a fazer bolo de aniversário para atender a vizinhança. Em 2021, ela foi uma das 30 pessoas selecionadas no projeto Migrante Empreendedor coordenado pelo Centro Pastoral do Migrante – Missão Cuiabá, em parceria com o Sebrae e Congregação Scalabrini. P2 participou de aulas de empreendedorismo e recebeu R\$1.500,00 de um fundo beneficente, dos quais 80% devem ser devolvidos em até oito parcelas sem juros. Ela usou o dinheiro para comprar formas para fazer doces para festas, mas era preciso contar a novidade para os clientes. Pediu ajuda a uma vizinha, criou espaços de divulgação no Facebook e no Instagram, e viu a clientela crescer gradativamente.

P2 – Eu tenho uma página de Instagram, Facebook e WhatsApp. Temos agora no Instagram com mil e poucos seguidores (risos). Dá emoção pra gente porque são muitas pessoas que gostam do nosso trabalho. Aí a gente chama, escreve. Aí falam até que querem comprar bolo e que seu trabalho é muito lindo... aí fico feliz... eles também chamam no WhatsApp, aí nós fazemos as vendas assim, pela internet.



Figura 10. Divulgação Kit de Doces para venda no Dia das Mães

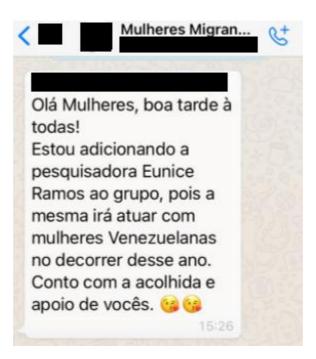
A tecnologia pode ser considerada um potente instrumento de mudança, na medida em que proporciona criação de grupos de pessoas e interação mesmo sem o contato direto. Para Marcondes Filho (2001, p.110), a tecnologia é parte integrante de um espaço de troca de informações, sensações e vivências com o outro, sendo atualmente realizada através de máquinas e aparelhos. O autor destaca que "[...] as tecnologias tentam artificialmente reagregar um mundo de contato humanos que na prática está totalmente rarefeito e pulverizado".

Nesse contexto, os relacionamentos na era digital têm se intensificado não só no âmbito familiar, mas também nas relações de trabalho, nas reuniões, nos ambientes organizacionais, nas áreas educacionais, seja em tempo real através de mensagens escritas ou por áudio e vídeo. Como salienta Castells (1999, p. 419): "[...] o desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras". Portanto, a tecnologia e suas formas de comunicação e interação facilitam a mobilidade dos indivíduos e o permanente convívio digital.

## 3.6. Grupo de WhatsApp

Além do empreendedorismo como estratégia para driblar as limitações do mercado de trabalho, na pesquisa de campo também identificamos um grupo de WhatsApp criado pela Pastoral do Migrante como instrumento comunicacional de articulação e apoio para quem está chegando. O grupo se chama "Mulheres Migrantes", é aberto e qualquer mulher na condição de migrante pode participar, basta pedir para a administradora adicioná-la. Inicialmente, o grupo foi criado para divulgar informações importantes de interesse dos migrantes, em especial das mulheres, como regularização de documentação, exames de saúde, emissão de carteira de trabalho e oportunidades de emprego. Mas com o surgimento de novas demandas, os temas se ampliaram e o espaço serve também para uma troca de informações e experiências das migrantes que fazem parte do grupo. Com autorização da direção da Pastoral do Migrante, o número de celular da pesquisadora foi inserido no grupo de WhatsApp no dia 6 de janeiro de 2021. A pesquisadora entrou como observadora para monitorar a comunicação nesse espaço virtual e ter uma noção de como ele é utilizado para o encaminhamento de solução das demandas das mulheres migrantes que vivem na capital de Mato Grosso.

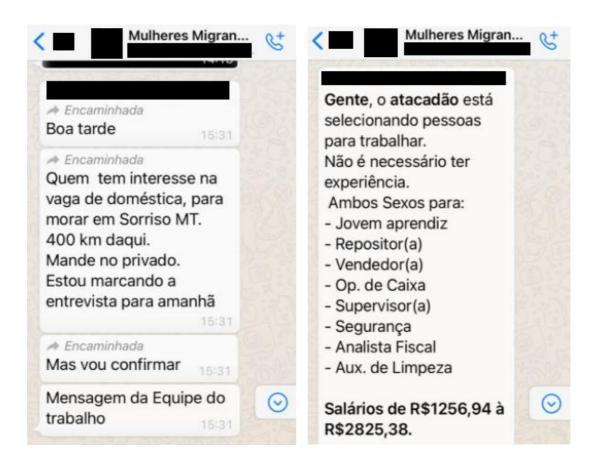
Figura 11. Apresentação da pesquisadora ao grupo de WhatsApp



O grupo de WhatsApp "Mulheres Migrantes" criado pela Pastoral do Migrante não é objeto específico desta pesquisa, mas serve de complemento para observar o uso dessa ferramenta citado pelas mulheres entrevistadas que fazem parte deste estudo. Para a pesquisadora, ser adicionada como observadora desse espaço comunicacional foi importante, pois possibilitou ter uma dimensão da importância dessa ferramenta para as mulheres venezuelanas.

No grupo de WhatsApp foi possível identificar divulgação de oportunidades de trabalho.

Figura 12. Divulgação de vaga de trabalho no grupo de WhatsApp



As mulheres também aproveitam a oportunidade do espaço para divulgar produtos e serviços para fonte complementar de renda, como a confecção de bolos personalizados para festas. Embora os objetivos desse grupo não sejam especificamente a divulgação desses trabalhos, trata-se de um espaço virtual para o apoio recíproco em rede, onde a construção de vínculos torna-se possível.

Figura 13. Divulgação de produtos e serviços no grupo de WhatsApp



A Pastoral do Migrante é uma referência para quem chega. Além da acolhida, concentra esforços também no apoio e encaminhamento ao mercado de trabalho. Além do curso de corte e costura desenvolvido em parceria com o Senai, outro projeto tem trazido resultados significativos: é o projeto "Migrante Empreendedor", desenvolvido em parceria com uma empresa de Nova Iorque/EUA. Este projeto é específico para o público venezuelano. Os inscritos passam por um curso no qual conhecem as peculiaridades do mercado brasileiro em diversas áreas e a legislação do Microempreendedor Individual (MEI). Depois, eles são entrevistados por técnicos do Sebrae para identificar quem tem capacidade para empreender e qual a área de aptidão. Os selecionados são beneficiados com o empréstimo de R\$1.500,00 de um fundo arrecadado pela Congregação Missionários de São Carlos. Uma parte do dinheiro (R\$300,00) é a fundo perdido, isto é, sem a necessidade de devolução, mas com a garantia da sua prestação de conta. A outra parte deve ser devolvida em até oito vezes sem juros. A maioria dos beneficiados na primeira turma é do sexo feminino.

O envolvimento da pesquisadora com a causa das mulheres venezuelanas que enfrentam dificuldades de acesso ao mercado de trabalho levou a profissional jornalista, que atua em um veículo de televisão, a dar sua contribuição na divulgação dos projetos de empreendedorismo desenvolvido pela Pastoral do Migrante em parceria com outras instituições, a fim de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres e ajudar a quebrar o estigma carregado por elas. Mostramos a garra e a superação de mulheres venezuelanas que estão empreendendo em Cuiabá em duas reportagens nacionais veiculadas no programa Jornal Hoje, da TV Globo.

Haydee Rincones foi uma das selecionadas que participou da reportagem. A gravação foi realizada no curso de corte e costura da Casa do Migrante e também na casa dela.

Haydee tem 61 anos e está há três em Cuiabá. Ela contou na entrevista que trabalhou como costureira na Venezuela para ajudar o marido nas despesas da casa e que, com a crise no país vizinho, a família chegou a passar fome. Por isso, ela, o marido e os filhos decidiram vir para o Brasil. Com a máquina de costura, dona Haydee passou a produzir toalhas de mesa bordadas e outros produtos, conquistou clientes e no Natal de 2021 ganhou um bom dinheiro com as encomendas. O diretor da Casa do Migrante, padre Valdecir Molinari, explicou que o objetivo do projeto é dar apoio para que os migrantes tenham condições de conquistar sua independência e consigam construir uma vida digna

e sustentar a família. A germinação do pequeno negócio é monitorada pelo Sebrae, que orienta os empreendedores nas questões burocráticas para o encaminhamento da documentação.

A Aureli Ugas era professora na Venezuela. Aqui no Brasil, ela não conseguiu vaga para dar aula de espanhol. Com o dinheiro do projeto, ela comprou uma impressora para imprimir os *stoppers*, que são os desenhos que enfeitam o bolo, e passou a produzilos personalizados para festas. A divulgação é feita pelas redes sociais.

Na entrevista para a televisão, ela se emocionou ao dizer que estava muito feliz porque as encomendas estavam aumentando todos os meses. "Foi difícil pra nós sair de lá (Venezuela), deixar tudo para trás e começar do zero. Mas graças a Deus o Brasil tá dando essa oportunidade pra nós... e queremos aproveitar", declarou Aureli.

Segundo a coordenadora do projeto, Rosalina Rosa dos Santos, a veiculação da reportagem em nível nacional contribuiu para o surgimento de novas empresas parceiras. A tecnologia da informação, aqui por meio de um veículo de massa, foi mais uma aliada na construção de novos caminhos para o fortalecimento da cidadania para homens e mulheres migrantes.



Figura 14. Reportagem Projeto Migrante Empreendedor no Jornal Hoje, TV Globo

<u>Venezuelanas refugiadas no Brasil enfrentam dificuldade para arrumar emprego</u> Só uma de cada três mulheres que entraram no Brasil conseguem trabalhar



Em Cuiabá, a Casa do Migrante, em parceria com outras instituições, tem oferecido também cursos esporádicos de língua portuguesa, que contribuem muito na inserção dos migrantes nas comunidades locais. Porém, há necessidade de uma ação mais ampla envolvendo outros segmentos, que contemplem a preparação dos migrantes de diferentes origens para a fala, a escrita e a interpretação correta da língua portuguesa, para que eles possam acelerar o processo de integração social nas mais diversas áreas, em busca de independência e desenvolvimento.

## 3.7. Projeto de vida e futuro incerto

Pequenas conquistas vão desenhando novos horizontes para o futuro. Cinco das seis venezuelanas entrevistadas continuam em Cuiabá. P4 e P5 foram selecionadas para participar de outro projeto coordenado pelo Centro Pastoral do Migrante: a Panificadora e Confeitaria Comunitária "Mãe dos Migrantes", instalada no Bairro Jardim Fortaleza, periferia de Cuiabá, no dia 15 de novembro de 2021. A padaria foi criada por meio de uma parceria da Pastoral do Migrante com o Senai, que ofereceu cursos de capacitação. Segundo a coordenadora do projeto, Arlete Benitez, foram realizados cursos de hamburgueria, panificação, bolos e salgados. Hoje a padaria já produz 800 pães franceses por dia e tem uma clientela fiel no bairro e nas comunidades vizinhas.



Figura 15. Panificadora e Confeitaria "Mãe dos Migrantes" - Bairro Jardim Fortaleza - Cuiabá/MT

P4 e P5 dizem que estão felizes com a oportunidade de trabalhar na padaria. As duas percorreram outros países como Equador, Colômbia e Peru, até definirem o Brasil como destino. P4 diz que em três anos no Equador não conseguiu sequer a regularização dos documentos. Agora, em Cuiabá está com a situação regular e tem um emprego fixo onde ganha R\$1.500,00 por mês, dinheiro que ela usa para ajudar o marido nas despesas da casa.

P5 reconhece que os cursos foram muito importantes, porque, segundo ela, agora com uma profissão fica mais fácil conseguir trabalho, independentemente do local onde esteja. Ela conta que ainda alimenta a esperança de realizar outros projetos no futuro, como prestar concurso para ingressar em uma Escola Militar no Brasil.

P3 trabalha por conta como ourives junto com o marido. Os dois fazem trabalhos por encomenda e montaram um espaço virtual no Instagram e no Facebook, onde divulgam as peças: anéis, brincos, correntes e pulseiras.

Divulgação das joias produzidas pelo Instagram.



Já P6 conseguiu uma colocação em um projeto social do Sesi como professora de violino e foi aprovada no mestrado em Cultura Contemporânea da UFMT. Ela diz que está muito feliz com esta conquista, pois a aprovação no mestrado é um reconhecimento do esforço e dedicação que teve nos últimos anos para aperfeiçoar o conhecimento e a técnica em música e "provar para o mundo que talento não tem fronteira e nem distinção de cor, gênero ou etnia".

Ao serem questionadas se pretendem ficar no Brasil, todas responderam que por enquanto sim. Perguntamos se elas têm vontade de voltar para a Venezuela, e todas responderam que não acreditam que o país tenha uma melhora imediata, mas não descartam a possibilidade de um dia voltar. É o sentimento ambíguo que carrega o migrante à medida que o tempo passa no novo território, sentimento que tão bem

caracteriza o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, um dos maiores estudiosos sobre migrações:

Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engrenar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. Oscilando, segundo as circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato, a situação do migrante se presta, não sem alguma ambiguidade, a uma dupla interpretação: ora que como para não confessar a si mesmo a forma quase definitiva que com frequência cada vez maior a imigração reveste, apenas se leva em conta na qualidade de imigrante o seu caráter eminentemente provisório (de direito); ora, ao contrário, como se fosse preciso desmentir a definição oficial do estado de imigrante como estado provisório, insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se "instalar" de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes (SAYAD, 1998, p.46).

Durante as entrevistas, este sentimento ambíguo é claramente identificado. Com exceção de P6, as demais entrevistadas fazem questão de dizer que a decisão de migrar não foi por vontade e sim por necessidade. P2, por exemplo, está muito contente com a pequena casa alugada em um bairro da periferia de Cuiabá, que ainda está sendo mobiliada com o dinheiro dos doces e do salário que o marido ganha como pedreiro, mas quando fala da Venezuela se emociona e não consegue conter as lágrimas. Durante a entrevista, sentamos no chão, porque a casa ainda não tem cadeira nem sofá. Constrangida, P2 diz que aos poucos estão comprando as coisas e lembra que no passado já tiveram todo o conforto dentro de casa e um carro para a família passear nos fins de semana. Ela lamenta e diz que às vezes acorda à noite e fica pensando como tudo isso pôde ter acontecido, uma mudança tão drástica na realidade em que viviam antes. Mas logo P2 seca as lágrimas e fala da esperança de um futuro melhor, que ela acredita que será no Brasil, pelo menos nos próximos anos, já que os filhos agora estão adaptados e a situação está melhorando.

P1 está no Paraná trabalhando em um frigorífico, na linha de produção. Ela mandou recado recentemente através da equipe da Pastoral do Migrante, informando que está bem e que ainda não desistiu de montar uma cafeteria.

A trajetória dessas e de tantas outras mulheres que migraram da Venezuela para o Brasil segue com a esperança de que o país consiga superar o choque na economia provocado pela pandemia da covid-19, o que pode levar algum tempo ainda.

Um estudo realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), como parte do projeto VIGISAN, revela que a insegurança alimentar se agravou em 2022 entre as famílias que vivem no Brasil.

De acordo com a pesquisa, o número de domicílios com moradores passando fome subiu de 9% (19 milhões e 100 mil pessoas) para 15,5% (33 milhões e 100 mil pessoas). O estudo atribui o crescimento da fome no país à piora da crise econômica, ao aumento das desigualdades sociais agravado pela pandemia, e à falta de políticas públicas para o enfrentamento mais eficiente para a retomada do emprego<sup>8</sup>.

Segundo a última pesquisa do IBGE divulgada março de 2022, dos 12 milhões de desempregados existentes hoje no país, 6,5 milhões são mulheres. A taxa de desocupação entre os homens está em 9%, e entre as mulheres em 13,9% (G1/08/03/2022)<sup>9</sup>.

Mas se depender de garra e perseverança, as mulheres entrevistadas nesta pesquisa vão continuar lutando para superar essas dificuldades e encontrar um caminho para se estabelecer no mercado como funcionárias ou empreendendo no próprio negócio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O retorno à Academia foi sem dúvida uma das experiências mais desafiadoras da minha vida. Primeiro, por ter ficado um bom tempo afastada dos bancos da Universidade e do contato mais próximo com teóricos que se esforçam para perceber as nuances da realidade e tão bem traduzem em textos que aprofundam temas relevantes para a humanidade, como a migração e seus impactos, as desigualdades de gênero e vínculos comunicacionais. Segundo, por ter, paralelamente aos estudos, registrado nas ruas e porta de hospitais o drama de uma pandemia que parou o mundo. Foi preciso estrutura psicológica para estudar em um turno e no outro, na função de repórter da TV Centro América, afiliada da Rede Globo em Mato Grosso, entrevistar famílias que perderam seus entes queridos, ou então, no auge da pandemia, registrar a falta de leitos de UTI para

<sup>9</sup>Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-sao-a-maioria-dos-desempregados-457percent-das-que-tem-idade-de-trabalhar-estao-ocupadas.ghtml">https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-sao-a-maioria-dos-desempregados-457percent-das-que-tem-idade-de-trabalhar-estao-ocupadas.ghtml</a>. Acesso em: 20 jun. 2022.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Disponível em: <a href="https://olheparaafome.com.br/">https://olheparaafome.com.br/</a>. Acesso em: 20 jun. 2022.

covid-19, situação que levou pais e filhos de pacientes ao desespero. Em março de 2021, segundo a Secretaria Estadual de Saúde, a fila de espera por um leito de UTI chegou a 189 pessoas, com 125 mortes no Estado em 24 horas, gerando um caos na saúde. (G1 - 23/03/2021). Também sofremos com a perda da coordenadora da Pastoral do Migrante, Eliana Vitaliano, que estava entre as vítimas do coronavírus, a quem dedico esta Dissertação. Eliana atuou por quase 20 anos na Pastoral do Migrante e foi uma grande defensora dos direitos das pessoas em situação de vulnerabilidade que vêm de outros países buscar uma oportunidade de trabalho em Cuiabá. Ela também foi uma grande incentivadora desta pesquisa, e dizia que "informação é fundamental para subsidiar políticas públicas adequadas".

A morte da coordenadora da Pastoral do Migrante impactou, mas não impediu a realização da nossa pesquisa. Fizemos alterações de rota e em 2022 conseguimos retomar os trilhos. Poderíamos ter analisado a fala de mulheres venezuelanas na imprensa local, mas isso não atenderia às nossas necessidades, porque elas raramente aparecem falando sobre demandas de gênero e, quando aparecem, as reportagens não dão espaço e tempo suficientes para um aprofundamento sobre o tema. Por isso, insistimos na realização das entrevistas e, apesar das adversidades, foi um enorme aprendizado.

No campo comunicacional, percebemos que a leitura da realidade sempre pode ter interpretações diferentes e precisamos ampliar o espectro do nosso olhar. Aprendi nessas entrevistas que a semântica tem seus desdobramentos de acordo com a situação que a pessoa está vivenciando. Quando P1, aos 64 anos, diz que andar vários quilômetros a pé numa rodovia, ora embaixo de sol forte, ora abaixo de chuva, passando várias horas sem comer, não é "sacrifício", porque já viveu situações piores no seu país, é porque para ela esta palavra já não tem mais o mesmo sentido e a mesma dimensão que tem para nós, que consideramos fome o que sentimos entre uma refeição e outra. Como nos lembra o teórico jamaicano Stuart Hall, não podemos estabelecer significados rígidos à linguagem, já que se trata de um processo dinâmico que vai se moldando com a realidade vivida. A experiência dessas mulheres vai muito além do que possamos imaginar, repousando no conforto de nossas casas. A vulnerabilidade não está apenas na perda de bens materiais, mas também na fome, no vazio interior e na mágoa de abandonar tudo que até "ontem" era essencial na vida delas. Como lembra P1 em sua fala: "Para prosperar, não basta estar bem fisicamente, é preciso também se recuperar emocionalmente das perdas, do distanciamento dos parentes e da vida que se tinha no passado".

A travessia geralmente é muito dura, e no processo de migração é preciso vencer as fronteiras visíveis e invisíveis. Quem consegue chegar ao destino, já venceu a primeira delas, mas tem ainda que enfrentar a mais difícil e talvez mais dolorosa: a barreira invisível da discriminação, que tem reflexos em todas as áreas do convívio social, principalmente na laboral. Sou muito grata a essas seis mulheres que tiraram quase duas horas do seu precioso tempo para narrar suas experiências. Gostaria de ter tido mais encontros ou ter ficado mais tempo conversando durante a entrevista. No entanto, se, em um primeiro momento, a pandemia dificultou a aproximação, na sequência veio o reflexo financeiro. De um jeito ou de outro, além de cuidar da casa, dos filhos e do marido, as mulheres casadas ainda têm que ajudar a pagar as despesas da família. Depois de uma hora de entrevista na casa da P2, a concentração no assunto já não era mais a mesma, porque ela estava preocupada com a preparação dos doces que precisaria entregar naquele dia para a venda. Todos esses detalhes nos fazem enxergar a realidade sob outra perspectiva. Se para os nativos já está difícil colocar comida na mesa diante da crise, para os migrantes as dificuldades se potencializam.

O Brasil é visto no exterior como um país de oportunidades. De fato, em comparação com a Venezuela, por exemplo, há um campo enorme a ser explorado, e a legislação na área de migração, que estabelece direitos e deveres do migrante e do visitante, e regula a sua entrada e estada no país, vem evoluindo ao longo dos anos (Lei nº 13.445/2017). A exemplo da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), que estabelece normas de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, a Lei de Migração cumpre o seu papel. Ela foi elaborada com base na Conferência Nacional da Imigração realizada em 2014, inclusive com a participação de migrantes de diversas origens. Porém, na prática, pouco se evoluiu em políticas públicas para proporcionar um atendimento adequado, principalmente às mulheres migrantes, que, como ficou claro nas entrevistas, têm demandas específicas.

Não basta receber os migrantes, é preciso também "acolher". Com o aumento da migração de venezuelanos para o Brasil, tendo a capital de Roraima como principal acesso por terra, os serviços públicos de Boa Vista não suportaram a demanda. Em abril de 2018, o governo federal implantou o programa de interiorização, com a transferência voluntária para outros estados. A iniciativa é boa. Porém, segundo o IBGE, apenas 5% dos municípios com a presença de migrantes no país têm redes de apoio para dar atendimento a eles, por isso muitos passaram a viver nas ruas.

O recorte desta pesquisa nos revela o entrelaçamento entre migração, gênero, vulnerabilidades, mercado de trabalho e comunicação. Como contribuição desta pesquisa, ressaltamos a importância da criação de Conselhos Municipais para atendimento aos migrantes e encaminhamento de demandas, vinculados a um Conselho Estadual para coordenar as políticas voltadas a este público. Entendemos, porém, que é fundamental a participação das mulheres migrantes nesses conselhos para acolher também demandas de gênero.

No Brasil, apesar de as mulheres representarem mais da metade dos eleitores, a participação delas nos espaços de decisão ainda é muito pequena, o que muitas vezes se reflete, no caso do legislativo, em leis que não priorizam as necessidades delas. Na Câmara Federal, a bancada feminina ocupa atualmente 77 cadeiras, o que representa apenas 15% do total. Em Mato Grosso, a situação é muito pior. O estado conta com apenas uma mulher entre os 24 deputados na Assembleia Legislativa. A desigualdade nos espaços de poder se repete mundo afora. Na foto oficial no encerramento do Encontro da Cúpula das Américas, chama atenção a presença de apenas duas mulheres. O registro foi feito no dia 10 de junho de 2022. Antes do encerramento do Encontro, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciou em seu discurso que os 20 países da América iriam assinar a Declaração de Los Angeles sobre migração e proteção aos migrantes. Mais um acordo firmado em que a representação feminina é minoria.



Figura 16. Encerramento do Encontro da Cúpula das Américas

Fonte: CNN - Foto Oficial no encerramento do Encontro da Cúpula das Américas - EUA

Sobre as mulheres como representantes e em posições e cargos que possibilitem a articulação do conhecimento e da experiência nas deliberações, Rodrigues e Campos (2012, p.95) afirmam que:

Apesar de toda a luta por emancipação, bem como pelo fato de as mulheres serem a maioria do eleitorado mundial, são poucas ainda as representantes em altas posições políticas e administrativas em seus países. Existem razões para isso: a posição da família, a pouca remuneração financeira, bem como as inúmeras responsabilidades domésticas. Esse quadro tem limitado o tempo que a mulher poderia dedicar à vida pública. Acrescenta-se a isso o fato de que, culturalmente falando, existe o estigma ou estereótipo construído secularmente de que o lar é do domínio da mulher, e com isso as dificuldades surgem.

Em relação à criação dos conselhos sugerida, eles atuariam de forma interligada para fazer um levantamento minucioso desse público para identificar suas potencialidades e nível de conhecimento. Dessa forma, essas pessoas poderiam ser mais bem aproveitadas no mercado de trabalho, mas para isso também é importante estudar um modo de agilizar a revalidação dos diplomas, já que a dificuldade e a demora nesse processo estão entre as principais reclamações das mulheres entrevistadas, bem como a demora nos processos de regularização da documentação.

Outro ponto muito importante, também citado pelas entrevistadas, é a necessidade da criação de cursos permanentes de idioma para que elas possam acelerar a aprendizagem do português e cursos profissionalizantes em diversas áreas por meio de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada, o que aumentaria a chance de acesso ao mercado de trabalho.

É dentro desse contexto que as Tecnologias de Informação e Comunicação aparecem como fortes aliadas dessas mulheres. Nas entrevistas, foi possível perceber que em todo o processo migratório essas ferramentas auxiliam no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades e no acesso ao mercado de trabalho. Os depoimentos revelam ainda que as TICs funcionam como importante suporte no exercício da cidadania e como instrumento de apoio na divulgação de produtos e serviços que resultam do empreendedorismo dessas mulheres. As entrevistadas declaram que receberam muito apoio da Pastoral do Migrante e da iniciativa privada, por meio de parcerias com os sistemas Sesi/Senai. Todavia, seria de extrema importância a criação de políticas públicas duradouras que proporcionem linhas de crédito direcionadas aos

migrantes para fomentar pequenos negócios, a criação de mentorias para o acompanhamento e cursos com técnicas de divulgação e melhor aproveitamento dos aparelhos e das TICs.

Como citamos anteriormente, o trabalho das instituições religiosas e parceiros são extremamente importantes, mas a atuação dos governos não pode se restringir à criação de leis e ações pontuais. É preciso promover políticas públicas que sejam efetivas. Paralelamente a isso, é importante que os governos liderem campanhas nos meios de comunicação de massa e nas mídias sociais para o enfrentamento à xenofobia. As entrevistadas deixam claro que ainda existe muito preconceito contra migrantes. Muitas vezes, é o próprio racismo disfarçado de xenofobia, porque em nome de um "patriotismo" esta seria mais aceita. No caso dessas mulheres, elas ainda enfrentam o preconceito de gênero. Sabemos, porém, que uma mudança de mentalidade não acontece da noite para o dia. Por isso, as campanhas de conscientização deveriam começar nas escolas, para que possamos preparar as crianças de hoje para um futuro mais solidário e mais fraterno. As TICs e os meios de comunicação, de forma geral, têm um papel importante nesse processo, ajudando a derrubar estereótipos e mudar a imagem que predomina hoje do migrante como um problema para as cidades, mostrando o quanto a troca de conhecimento e a diversidade cultural podem contribuir para o desenvolvimento de um país.

Neste trabalho foram realizadas entrevistas com mulheres migrantes venezuelanas que vivem em Cuiabá, como forma de contribuir para o campo de estudo e investigação sobre os vínculos comunicacionais construídos como estratégia de enfrentamento às vulnerabilidades e busca de oportunidades de trabalho e emprego.

Este é um campo de estudo que merece atenção e ainda tem muito a ser explorado, principalmente agora que o mundo está em intenso movimento, motivado por guerras, crises financeiras e humanitárias, e eventos climáticos que afetam as populações e a produção de alimentos.

Espero que, na minha vida acadêmica, este assunto não se esgote aqui, mas seja o início de uma caminhada de contribuições para que as mulheres migrantes consigam vencer as barreiras visíveis e invisíveis.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Lais. **A inserção da mulher no mercado de trabalho:** uma força de trabalho secundária? Tese (Doutorado em Sociologia) — Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. Tradução de Paulo Neves. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2. Acesso em: 23 ago. 2018.

AGUIAR, Sonia. Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação no Brasil (1996-2006). **Relatório do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor**. Disponível em:

www.nupef.org.br/atividade\_redessociais.htm. Acesso em: 20 jun. 2022.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; COGO, Denise Maria. Imigração haitiana na cidade de São Paulo: comunicação e consumo de mídias no mundo do trabalho. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 13, n. 1, p. 94-109, 2018. Disponível em: https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/12. Acesso em: 14 ago. 2021.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Imigração haitiana e a relação com comunicação, consumo e trabalho. **Travessia. Revista do Migrante**, n. 80, p. 105-122, 28 jun. 2017.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos; ALVES, Luis Carlos Santis. Narrativas e experiências de vida de um casal trans na fronteira. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, v. 17, n. 34, p. 259-277, jul./dez. 2018.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

AMAZÔNIA REAL. **Na pandemia três mulheres foram vítimas de feminicídios por dia**. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/na-pandemia-tres-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidios-

pordia/?gclid=Cj0KCQiAi9mPBhCJARIsAHchl1wv5Y\_Oqx176mXw31ulxACasE9tV hKGNCpAcWlFUwJSL4nt2OXJULYaAuATEALw\_wcB. Acesso em: 20 jun. 2022.

ANTUNES, Ricardo. (org.). **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2006. v.I.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 81, p. 39-53, 2014.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ASSIS, Gláucia. O. A nova lei de migração no Brasil: avanços e desafios. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.) **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018. p. 609-623.

BAENINGER; Rosana; DEMÉTRIO, Natália; DOMENICONI, Jóice (coord.). **Atlas Temático: observatório das migrações em São Paulo** – Migrações venezuelanas. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020a.

BAENINGER; Rosana; DEMÉTRIO, Natália; DOMENICONI, Jóice (coord.). **Atlas Temático: observatório das migrações em São Paulo** – Macrometrópole paulista, regiões metropolitanas, regiões administrativas. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020b.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconográfica:** reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BARBOSA, Joelma Carmo de Melo. **Reassentamentos urbanos de imigrados palestinos no Brasil:** um estudo de caso do "campo" de Brasília. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16648/16648\_3.PDF). Acesso em: 23 ago. 2018.

BARRETT, Michèle. **Women's Opression Today:** The Marxist/ Feminist Enounter. London: Verso, 1988. p. 164-165.

BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 71-86, jan./abr. 2005.

BENOIT, Fabien. Facebook: le monde expliqué aux vieux. Paris, 2013.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero:** contribuições do feminismo para a crítica democrática. Niterói/Vinhedo: Editora da UFF/Editora Horizonte, 2013.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades:** limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2019.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S.I], v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BRAGA, Ruy. A formação do precariado pós-fordista no Brasil. *In*: ANTUNES, Ricardo. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2014. v.III.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei 13.445 de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 5 fev. 2022.

BRASIL. Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980. Estatuto do Estrangeiro. Brasília, 1980. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/l6815.htm Acesso em: 19 de ago. 2018.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. *In*: COLLING, Leandro. (org.) **Dissidências sexuais e de gênero.** Salvador: EDUFBA, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Vinicius; ORNAT, Marcio J.; SILVA, Joseli M. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, volume especial, n. 35, p. 118-135, 2013.

CAMPOS, Amini Haddad. **Derechos humanos, multiculturalismo y violencia de género contra las mujeres**. Curitiba: Juruá, 2019.

CAMPOS, Amini Haddad. **Vulnerabilidades sociais e direitos humanos**. Curitiba: Juruá, 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo. Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Cultura y comunicación:** entre lo global y lo local. La Plata: Facultad de Periodismo y Comunicación Social Universidad Nacional de la Plata, 1997.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede:** filtros, vitrines, notícias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede:** a era da informação, economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Majer. 19. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2018. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel; TUBELLA, Imma; SANCHO, Teresa; ROCA, Meritxell. La transición a la sociedade red. Barcelona: Editorial UOC, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COGO, Denise. **Projeto de pesquisa Comunicação, consumo e cidadania das migrações transnacionais -** Ativismos e usos da internet por haitianos e haitianas no Brasil. São Paulo: CNPq, 2015.

COLOMBO, Sylvia. **Feministas venezuelanas sacodem redes sociais e pedem mudanças reais**. *In*: Blog Folha. Disponível em: https://sylviacolombo.blogfolha.uol.com.br/2021/05/22/feministas-venezuelanas-sacodem-redes-sociais-e-pedem-mudancas-reais/. Acesso em: 12 maio 2022.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo:** para uma teoria da cidadania. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DEFESA EM FOCO. Operação Acolhida interioriza mais de 50 mil venezuelanos para começarem uma vida nova no Brasil. Disponível em: <a href="https://www.defesaemfoco.com.br/operacao-acolhida-interioriza-mais-de-50-mil-venezuelanos-para-comecarem-uma-vida-nova-no-brasil/#:~:text=O%20deslocamento%20para%20outros%20estados,para%20abrigo%20em%20outra%20cidade. Acesso em 15 jul.. 2022.

DELPHY Christine; LEONHARD Diana. **Familiar Exploitation:** A New Analysis on Marriage in Contemporary Western Societies. Cambridge: Polity Press, 2004.

DOMENICONI, Jóice. **Migração internacional qualificada:** trabalhadores do conhecimento em São Paulo no início do século XXI. 2017. 173f. Dissertação (Mestrado em Demografia) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017.

DOMENICONI, Jóice; BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte. Migrações venezuelanas: trabalhadores do conhecimento no Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** – RBHCS, v. 13, n. 26, 2021.

DUTRA, Zélia Aparecida Pereira. A Primavera das Mulheres – Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30292. Acesso em: 5 fev. 2022.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. *In*: 24º ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, **Anais...** Brasília, 2015. Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015\_autores\_2759.pdf. Acesso em: 10 set. 2017.

ELHAJJI, Mohammed. Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais / Ruídos interculturais. *In*: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais.** Bellaterra: Istitut de la Comunicación, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

ESPINOZA, Olga. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo: IBCCRIM, 2004.

EVANS, Claire L. **Uma história oral das primeiras ciberfeministas**. Disponível em: https://www.vice.com/pt/article/ezbyq4/um-historia-oral-das-primeiras-ciberfeministas. Acesso em 25 jun. 2022.

FELGUEIRAS, Ana Claudia L. Breve panorama histórico do movimento feminista brasileiro: das Sufragistas ao Ciberfeminismo, **Revista Digital Simonsen**, n. 6, p. 108-121, 2017.

FERNÁNDEZ, Adrián Padilla. **Venezuela entre la hegemonía y la contra-hegemonía** (una lectura contextual para comprender una complejidad socio-histórica). **Textos & Debates**, n. 32, p. 175-198, jan./jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n 5, 2001. Disponível em:

http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/articule/view/314. Acesso em: 20 mar. 2022.

FRANCO, Alberto Silva. Prefácio. *In*: ESPINOZA, Olga. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo: IBCCRIM, 2004.

- G1 Mato Grosso. **Casa do Migrante em Cuiabá para de receber pessoas para proteger atuais acolhidos e precisa de doações para a manutenção**. Publicada em 26/03/2020. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/03/26/casa-do-migrante-em-cuiaba-para-de-receber-pessoas-para-proteger-atuais-acolhidos-e-precisa-de-doacoes-para-a-manutencao.ghtml. Acesso em: 07 mar. 2021.
- G1 Mato Grosso. **Associação pede doação de comida e materiais de higiene pessoal para famílias haitianas em Cuiabá**. Publicada em 24/05/2021. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/05/24/associacao-pede-doacao-de-

- comida-e-materiais-de-higiene-pessoal-para-familias-haitianas-em-cuiaba.ghtml. Acesso em: 17 jul. 2021.
- G1 Mato Grosso. **Justiça reconhece união estável de casais venezuelanos em MT**. Publicada em 28/05/2021. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/05/28/justica-reconhece-uniao-estavel-de-casais-venezuelanos-em-mt.ghtml. Acesso em: 17 jul. 2021.
- G1 Mato Grosso. **Venezuelanos são capacitados para abrir o próprio negócio em projeto do Sebrae e da Pastoral do Migrante em MT**. Publicada em 15/06/2021. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/06/15/ venezuelanos-serao-capacitados-para-abrir-o-proprio-negocio-em-projeto-do-sebrae-e-da-pastoral-do-migrante-em-mt.ghtml. Acesso em: 17 jul. 2021.
- G1 Mato Grosso. **Jornada de boneca gigante chama atenção do mundo para o drama dos refugiados**. *In*: Jornal Nacional. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/10/23/jornada-de-boneca-gigante-chama-atencao-do-mundo-para-drama-dos-refugiados.ghtml. Acesso em: 02 jan. 2022.
- G1 Mato Grosso. **Mulheres foram maioria entre os que perderam emprego em 2020**. *In*: Jornal Nacional. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/08/mulheres-foram-maioria-entre-os-que-perderam-emprego-em-2020.ghtml. Acesso em: 10 jan. 2022.
- G1 Mato Grosso. Participação de mulheres no mercado de trabalho tem o 5º ano de alta, mas remuneração segue menor que dos homens diz IBGE. *In*: G1. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/04/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-tem-5o-ano-de-alta-mas-remuneracao-segue-menor-que-dos-homens-diz-ibge.ghtml. Acesso em: 12 jan. 2022.
- G1 Mato Grosso. **Pastoral do Migrante**. *In*: G1. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/03/23/coordenadora-da-pastoral-do-migrante-de-cuiaba-morre-com-covid-19.ghtml. Acesso em: 10 jan. 2022.
- GLOBO VOICES. **O movimento feminista venezuelano cresce em face à negligência dos políticos**. Disponível em: https://pt.globalvoices.org/2020/04/07/o-movimento-feminista-venezuelano-cresce-em-face-a-negligencia-dos-politicos/. Acesso em: 12 jan. 2022.
- GOSDAL, Thereza Cristina. Diferenças de gênero e discriminação no trabalho. *In*: PENIDO, Laís de Oliveira (coord.). **A igualdade dos gêneros nas relações de trabalho**. Brasília: Escola Superior do Ministério Público da União, 2006.
- HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- IBGE. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama.

LIMA, Franknauria Guilherme da Silva; RABELO, Gerson Muniz. O reflexo da migração de venezuelanos no mercado de trabalho formal e informal no estado de Roraima. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 4, v. 6, n. 9, p. 78-102, set. 2019. Disponível em:

https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/migracao-de-venezuelanos. Acesso em: 18 ago. 2022.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. **Revista de Pósgraduação da Faculdade Cásper Líbero**, v.12, n. 24, p. 95-106, dez. 2009.

LOURO, Lopes Guacira. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pósestruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUSSI, C. Conflitos e vulnerabilidades no processo migratório. **Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios**, 2009. Disponível em:

http://www.csem.org.br/2009/conflitos\_e\_vulnerabilidades\_no\_processo\_migratorio.pd f. Acesso em: 05 jun. 2017

MARCONDES FILHO, Ciro. Sociedade tecnológica. São Paulo: Scipione, 2001.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu** [online], n. 56, p. 01-34, 2019. Disponível em: em http://www.scielo.br/pdf/cpa/n56/1809-4449-cpa-56-e195612.pdf. Acesso em 18 jun. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Método de pesquisa em comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Identidades: tradiciones y nuevas comunidades. **Comunicação e Política**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, p. 165-189, jan./abr. 2002a.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo:** travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. VIII, n.1, p. 5-15, jan./jul. 2006.

MATEO, Antonio Eito. Las redes sociales y el capital social como una herramienta importante para la integración de los inmigrantes. **Acciones e Investigaciones Sociales**, n. 21, p. 185-204, dez. 2005.

MELLANDER, Charlotta; FLORIDA, Richard. **The rise of skills:** human capital, the creative class and regional development. March, 2012.

MELLO, Leonardo. **Trabalhadores do conhecimento e qualidade do lugar em Campinas – SP**. 2007. 217f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

MENDES, Flávio da Silva. **Do consenso ao dissenso:** o Movimento Bolivariano e o ressurgimento da política na Venezuela. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/278911. Acesso em: 27 de jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Em cinco anos, Brasil recebeu mais de 700 mil imigrantes venezuelanos.** Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos. Acesso em: 27 de jun. 2022.

MOLINA, José Luis. La ciencia de las redes. **Apuentes de Ciencia y Tecnología**, n. 11, p. 36-42 jun. 2004. Disponível em: http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/pubic\_archivos/ciencia.pdf. Acesso em: 2 jun. 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NOGUEIRA, Cláudia. As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho?. *In*: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. (org.) **Infoproletários:** degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). The measurement of scientific and technological activities: Manual on the measurement of human resources devoted to S&T "Canberra Manual". Paris: OCDE Publication Service, 1995.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Harnessing knowledge on the migration of highly skilled women**. Genebra: OIM/OCDE dev., 2014.

PEREZ, Olivia; RICOLDI, Arlene. **A quarta onda do feminismo:** Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. 2019. Disponível em: http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos?path=42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27. Acesso em: 4 fev. 2022.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais** n. 69, p. 73-93, 2004.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em:

https://www.cielo.br/j/ref/a/vy83qbL5HHNKdzQj7PXDJt/?lang=pt. Acesso em 17 ago. 2022.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017. Coleção Cibercultura.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

REQUENA, Jaime; CAPUTO, Carlo. Pérdida de talento en Venezuela: migración de sus investigadores. **Interciencia**, v. 41, n. 7, p. 444-453, jul. 2016.

RIZO GARCIA, Marta. **Redes: una aproximación al concepto**. 2003. Disponível em: http://www.uoc.edu/in3/dt/eng/ros\_gonzalez\_marin\_sow.pdf. Acesso em: 4 fev. 2022.

ROBERTSON, Shanthi. **The Temporalities of International Migration: Implications for Ethnographic Research**. Institute for Culture and Society Occasional Paper Series. Penrith-Aus: University of Western Sidney, 2014. p.1-16.

ROCHA, Cinthya. Racismo e xenofobia contra haitianos em ônibus em Cuiabá são apurados pela polícia. Publicada em 20/04/2021. *In*: G1. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/04/20/video-de-racismo-e-xenofobia-contra-haitianos-em-onibus-em-cuiaba-e-apurado-pela-policia.ghtml. Acesso em: 17 jul. 2021.

RODRIGUES, Lindinalva Correia. **Direitos humanos das mulheres na história – Expulsas do paraíso**. Curitiba: Juruá, 2022.

RODRIGUES, Lindinalva; CAMPOS, Amini Haddad. **Direitos humanos das mulheres.** Curitiba: Juruá, 2012.

RODRIGUES, F. S.; VASCONCELOS, I. S. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. **Textos e Debates** – Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, v. I, p. 251-268, 2010.

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SASSEN, Saskia. The making of international migrations. *In*: SASSEN, S. **Sociology of globalization**. New York: Norton & Company, 2007. p. 129-163.

SENHORAS, Elói Martins. Venezuela em rota de colisão: da estabilidade à crise. **Jornal Roraima em Foco**, 1º de abril 2019. Disponível em: https://roraimaemfoco.com. Acesso em: 05 ago. 2021.

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade. Breve digressão sobre o racismo. *In*: SEYFERTH, Giralda *et al*. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Peirópolis; ABONG, 2002.

SILVA, Sidney Antonio da. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **R. Bras. Est. Pop.**, v. 34, n. 1, p. 99-117, 2017.

SIMÕES, Gustavo da Frota; SILVA, Leonardo Cavalcanti da; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Imigração venezuelana no Brasil. *In*: SIMÕES, Gustavo da Frota (org.). **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil.** Curitiba: Editora CRV, 2017. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/Perfil\_Sociodemografico\_e\_lab oral\_venezuelanos\_Brasil.pdf. Acesso em: 07 mar. 2021.

SOLIMANO, Andrés. The international mobility of talent and economic development: an overview of selected issues. *In*: SOLIMANO, Andrés. **The international mobility of talent:** types, causes, and development impact. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 21-43.

SOUZA, Isabella Louise Traub Soares de. **Política pública migratória:** processos de interiorização, hospitalidade, integração, participação e democracia. Curitiba, 2020. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br. Acesso em: 02 jan. 2022.

STANDING, Guy. **O precariado:** a nova classe perigosa. 1. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VILLEN, P. Mulheres na imigração qualificada e de baixa qualificação: uma modalidade da divisão sexual do trabalho no Brasil. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ALAST, 2013. Disponível em: http://docplayer.com.br/16411893-Mulheres-na-imigracao-qualificada-e-de-baixa-qualificacao-uma-modalidade-dadivisao-sexual-do-trabalho-no-brasil.html#show\_full\_text. Acesso em: 04 jun. 2017.

WARMIS. **Convergência das culturas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U2XvzuU\_ueo. Acesso em: 27 jun. 2022.